

L U S T O S A   D A   C O S T A



ABC  
EDITORA

# SOBRAL

Cidade das Cenas Fortes

**L**ustosa da Costa reside em Brasília onde foi repórter político da sucursal de "O Estado de S. Paulo" e colunista do "Correio Braziliense". É, atualmente, colunista político do "Diário do Nordeste", de Fortaleza. Iniciou carreira jornalística no "Correio da Semana", de Sobral e exerceu o posto de editor chefe do "Unitário" e "Correio do Ceará", jornais da cadeia "associada", na capital cearense. Em 2000 foi eleito membro da Academia Brasiliense de Letras no lugar do goiano Bernardo Elis e ganhou o Prêmio Ideal Clube de Literatura, com o livro de crônicas "Rache o Procópio!". Ano passado, lançou, na Embaixada do Brasil em Lisboa, a edição portuguesa do livro "Vida, paixão e morte de Etelvino Soares", versão romaneada da tragédia do jornalista sobralense Deolindo Barreto. Sobral, cidade onde viveu a infância e parte da adolescência, constitui a inspiração da maior parte de seus livros.

### OBRAS PUBLICADAS

- *A descapitalização do Nordeste no setor privado* (bancos), Fortaleza, 1961.
- *Anuário do Estado do Ceará*, co-autoria com Dorian Sampaio. Fortaleza, 1971-1972.
- *Anuário do Estado do Ceará*, co-autoria com Dorian Sampaio. Fortaleza, 1971-1974.
- *Ideologia do favor - curral e cabresto*, Fortaleza, Stylus Comunicações Ltda, 1977.
- *Por que sou candidato*, Fortaleza, 1978 (Edição do Autor).
- *Sobral do meu tempo*, Brasília, 1982 (Coleção Lima Barreto - Senado Federal).
- *Cartas do beco*, Fortaleza, Stylus Comunicações, 1983.
- *A travessia*, Brasília, Coleção Hipólito José Costa (Senado Federal), 1984.
- *Fortaleza, meu amor*, Fortaleza, Stylus Comunicações, 1987.
- *Clero, nobreza e povo de Sobral*, Centro Gráfico do Senado, 1987.
- *Louvação de Fortaleza*, Edições Casa de José de Alencar - UFC, 1995.
- *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*, São Paulo, Editora Maltese, 1995.
- *No Após-Midi de nossas vidas*, Edições Casa de José de Alencar - UFC, 1987.
- *Rache o Procópio*, Edições Casa de José de Alencar - UFC, 1988.
- *Como me tornei sexagenário*, Edições Casa de José de Alencar - UFC.
- *Foi na seca do 19*, ABC Editora, 1999.
- *O Senador dos bois*, Edições UVA, Sobral, 2000.

# O Dêdo de Deus! **CASTIGO**

O CHEFE do **PTB** de Sobral afirmou no imundo artigo que assinou contra o **PADRE PALMÃO** no "O ESTADO" de domingo, 5 do corrente:

*"pressinto que H.M. DOS DOIS está sobrando"...*

**DEUS** que conhece os homens e governa a humanidade pegou o homem na própria palavra.

**FOI A BRASÍLIA PARA MATAR O PADRE E LÁ MORREU** inesperadamente poucos dias depois.

Não se tem notícia de um **MAIOR CASTIGO!** Meditemos.

Que o conhecido sobrinho de **DEOLINDO BARRETO**, autor dos pixamentos e insultos contra o **PADRE** e logo pondo as suas barbas de mólho.

## Com Deus ninguém brinca...

Aconselho o mesmo a relêr o jornal "A LUCTA" de 28 de Junho de 1924-ANO XI NUM. 714.

*"Ai de quem tocar nos meus Minlotros"* são as infalíveis palavras de Deus.

## UM CATÓLICO



# A VERDADE SOBRE O CASO DE CRATEU'S

A AÇÃO, órgão oficial da Diocese de Crateu's em sua edição de 15 de Novembro de 1983, Ano XIV N.º 622 publicou o seguinte:

## A Detenção da Imagem Peregrina Mundial em Crateu's foi acintosa, injusta, e desumana!

«O Juiz de Direito, o prefeito, o promotor, o delegado, o gerente do Banco do Brasil etc. combinaram deter a Imagem na cidade por tempo maior que o programado numa acintosa afronta ao Exmo. Sr. Bispo Dom José Tupinamba da Fátima».

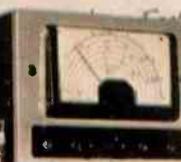
«... Houve aneddotário de que tudo fora resultado da ardente piedade popular. No entanto a detenção da Imagem deu-se por uma combinata oculta de inimigos da fé «maçons e comunistas», para melhor passarem, justificavam-se como defensores da devoção popular a Nossa Senhora de Fátima».

O Juiz José Olavo Frota, é maçom e já foi preso como comunista, tem uma mão seca, aleijão que lhe adveio depois que escreveu uns artigos desfavoráveis contra o Padre J. Severiano».

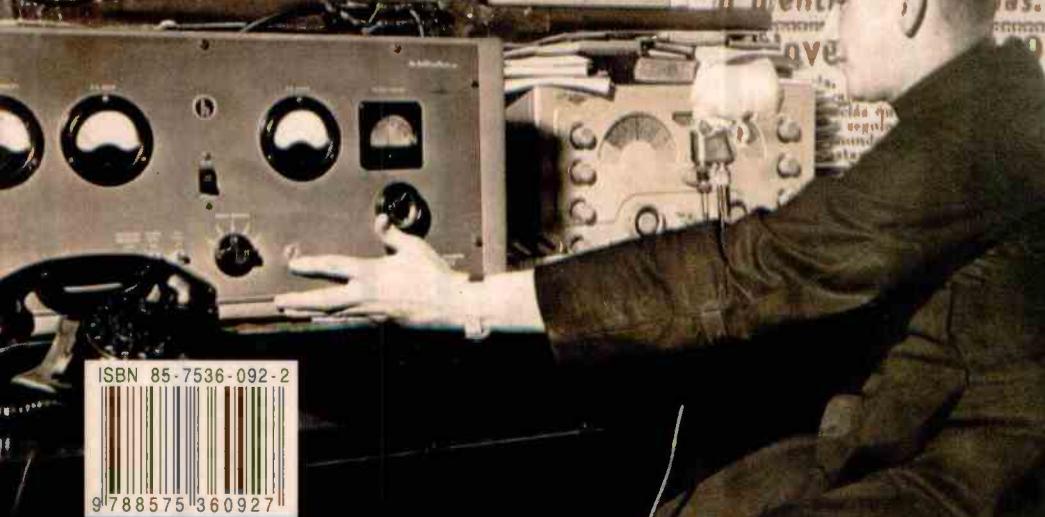
«Em toda esta dolorosa fase de delusões e esperanças suspensas notou-se no povo de Crateu's uma grande força de alma em suportar os sacrifícios, ao par de um justo descontentamento contra a acintosa, injusta e desumana atitude das autoridades crateuenses, e de um razoável desejo de que os súmos representantes do Poder Estadual imponham uma equitativa punição a tão grave e desrespeitoso delito».

Falta autoridades e comissões de Crateu's!...

Cop...  
passad...  
a pequ...  
dades...  
Pa. Pa...  
Senhor...



... 10—Argente Pe. Jacques Independen...  
... ridade da Justa revolta d...  
... teamos que o Pe...  
... regina do colar...  
... respetuosas saudações...  
... l. Delegado. E...



ISBN 85-7536-092-2



9 788575 360927





*Para N.º Municipal,  
sobras a favor de  
Portugal  
2004*

**LUSTOSA DA COSTA**

**SOBRAL**  
**CIDADE DAS CENAS FORTES**



Rio - São Paulo - Fortaleza  
2003

**Capa:**  
Heron Cruz

**Editoração Eletrônica:**  
Egberto Nogueira

**Revisão:**  
Francisco J. Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837s Costa, Lustosa da.  
Sobral cidade das cenas fortes / Lustosa da  
Costa. Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora,  
2003.  
288 p.

1. Sobral (CE) - Crônicas. 2. Sobral (CE) - Vida social  
e costumes. 3. Sobral (CE) - História. I. Título.

CDD: B869.8  
981.31

Aos Ministros Luciano Brandão e  
Paulo Affonso Martins de Oliveira,  
com amizade.



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Prefácio .....  | 11 |
| D. José, glória cultural .....                          | 15 |
| O maior homem público de Sobral de todos os tempos ---- | 16 |
| Quando Carlos Eduardo passou no Vestibular .....        | 17 |
| “A um bispo não se chama” .....                         | 19 |
| Quando Deus veste a camisa .....                        | 20 |
| D. José, o político-partidário .....                    | 24 |
| Delendus Deolindo .....                                 | 28 |
| D. José e o padre Cícero .....                          | 29 |
| Dom José, o vigilante .....                             | 30 |
| Mártir do amor .....                                    | 33 |
| Um bispo como nos velhos tempos .....                   | 34 |
| A fogueira das camisolas .....                          | 36 |
| Padre Palhano, o inventor da alegria .....              | 36 |
| A aflição do padre: “Vamos rezar!” .....                | 40 |
| O presenteador .....                                    | 41 |
| O seminarista galante .....                             | 45 |
| Jipe na zona .....                                      | 47 |
| A prisão da santa .....                                 | 48 |
| O padre voador .....                                    | 54 |
| O Congresso .....                                       | 56 |
| O balanço das queixas .....                             | 58 |
| Amigo de Chico Monte .....                              | 60 |
| Palhano e a política .....                              | 61 |
| A política de D. José .....                             | 61 |
| O anticomunismo em Sobral .....                         | 62 |
| A candidatura a prefeito .....                          | 63 |
| A força de Chico Monte .....                            | 68 |
| Resultado das Eleições 1947 .....                       | 68 |
| Resultados das Eleições Presidenciais 1960 .....        | 71 |
| Olga veta rádio para Palhano .....                      | 72 |

|   |     |
|---|-----|
| Recusa de Virgílio Távora -----                     | 74  |
| A fala do vencedor -----                            | 74  |
| Uma paixão -----                                    | 81  |
| Loyola ganha -----                                  | 84  |
| Briga de Palhano -----                              | 85  |
| O mobilizador de multidões -----                    | 86  |
| A morte de D. José -----                            | 86  |
| Palhano dedica sua emissora ao bispo falecido ----- | 88  |
| A trilha das amarguras -----                        | 89  |
| Ameaças de morte -----                              | 90  |
| Um processo rumoroso -----                          | 92  |
| Chovem flores do céu -----                          | 93  |
| O golpe -----                                       | 94  |
| Fascínio por Palhano -----                          | 95  |
| Campanha de José Euclides -----                     | 97  |
| Vendetta contra Cesário -----                       | 98  |
| Suspenso de ordens -----                            | 99  |
| Processo contra o bispo -----                       | 102 |
| O bispo acusa -----                                 | 104 |
| O enterro do padre Palhano -----                    | 105 |
| Monsenhor Fontenelle: o padre e o decote -----      | 108 |
| Monsenhor Linhares -----                            | 111 |
| Padre José Linhares -----                           | 113 |
| Padre Leitão -----                                  | 117 |
| O divino Balzac -----                               | 121 |
| Monsenhor Tibúrcio Gonçalves de Paula -----         | 124 |
| Um padre burro -----                                | 126 |
| Padre Manuel Henrique -----                         | 127 |
| Irmandades religiosas -----                         | 129 |
| Cabo eleitoral e a Igreja -----                     | 131 |
| José Saboya -----                                   | 132 |
| Rivais até a morte -----                            | 136 |
| O cabido de Roma está comigo -----                  | 137 |

|   |     |
|---|-----|
| A aristocracia da cidade -----                  | 138 |
| A família de Ciro Gomes -----                   | 139 |
| O bairrismo de Sobral -----                     | 139 |
| Para ganhar energia -----                       | 141 |
| Os cães de José Maria -----                     | 142 |
| Chico Monte, o último dos “coronéis” -----      | 143 |
| A primeira lembrança de Chico -----             | 149 |
| Uma mulher de cabelo na venta -----             | 151 |
| Zé Monte -----                                  | 153 |
| D. José e a Miss -----                          | 154 |
| Eu era comunista e não sabia -----              | 156 |
| Um só Carnaval -----                            | 159 |
| O negro conhecia seu lugar -----                | 160 |
| Eu era pequeno e chovia em Sobral -----         | 161 |
| Eu, um cavalo velho e a serra -----             | 163 |
| O velho casarão da Praça de São Francisco ----- | 165 |
| Eu, Sobral e Proust -----                       | 166 |
| O primeiro jornal -----                         | 168 |
| Homens sérios -----                             | 171 |
| Sem ter para onde voltar -----                  | 174 |
| Lá se adiantou o Osvaldinho -----               | 175 |
| Vício de ler -----                              | 176 |
| O Nove -----                                    | 178 |
| O acrobata do sexo -----                        | 179 |
| Não revi Luiz -----                             | 180 |
| Que calor! -----                                | 181 |
| Praça de São João -----                         | 182 |
| Os doze do Beco -----                           | 185 |
| Iconografia -----                               | 189 |



## P R E F Á C I O

Na década de quarenta, recém-chegado de São Paulo, depois de três anos trabalhando longe de Sobral, o engenheiro José Lourenço Mont'Alverne, um *expert* na música e na biografia de Beethoven, recebeu, ainda em Fortaleza, a visita do cunhado Antônio Lopes, o qual lhe narrou algumas novidades da terrinha para atualizá-lo.

Contou-lhe este que a fábrica de gelo do Oriano Mendes pegara fogo; que uma vaca, seguindo a trilha do caroço de algodão do armazém do João Linhares, terminara no telhado do prédio. Falou também da fuga de vereadores do primeiro andar do prédio da Câmara e da Prefeitura, dependurados em cordas. Um deles se evadiu do plenário depois de blasonar: - *Só tenho medo de ter medo*. E despencou do meio do caminho. Na descida, alguém, perverso, fingiu súplica para o assustar ainda mais: - *Não atira no homem*. Foi quando exclamei: - **Sobral, então, é terra de cenas fortes**. Segundo sua versão, repetiram tanto essa frase, que ela pegou.

Sobral é criação da pecuária, da pata do boi e da Igreja Católica. Berço do padre Ibiapina, encontrou em outro de seus filhos, D. José, seu maior homem público. O protegido deste, padre José Palhano de Sabóia, na década de quarenta, comezinho da década de cinqüenta, atroava os ares da cidade conservadora e beata, montado em possante motocicleta, comandando o *Bel Air* do bispo, esbanjando charme no *Cadillac* conversível, com ca-

pota arriada, do amigo padre Gerardo Melo, ou levando as moças para ver o céu de perto, em seu aviãozinho *Caiçara*, deixando uma bela imagem de encanto e galanteria.

Acrescente-se ainda que Sobral é berço da família do presidenciável e atual ministro Ciro Ferreira Gomes, com influência política na cidade desde 1821, ano em que José Inácio Gomes Parente foi eleito representante junto às Cortes de Lisboa, tendo renunciado à indicação por não querer viajar, sendo então substituído pelo padre José Martiniano de Alencar.

Para publicar este livro, tive de socorrer-me dos depoimentos de muitos sobralenses, embora, naturalmente, eles não tenham qualquer responsabilidade pelo que escrevi. Agradeço a ajuda, em Brasília, de Luiz Augusto Tiveron Borges, do gabinete do senador Reginaldo Duarte, e de Denise Tostes Paula Pessoa. Em Mossoró, não posso me esquecer da valiosa colaboração de Vingt-Un Rosado. Em Fortaleza, contei com a ajuda inestimável do historiador Francisco Moreira Ribeiro, de Ronaldo Mont'Alverne, Amílcar Paula Pessoa Mont'Alverne e de Eli Éllery, do ex-deputado César Barreto e da diretora do Arquivo Público do Estado, professora Walda Weyne. José Hudson Brandão, o historiador de São Benedito, catou, pacientemente, nos jornais da Biblioteca Menezes Pimentel, dados eleitorais que me interessavam. Em Sobral, vali-me do prestimoso auxílio do reitor Teodoro Soares e da professora Norma Pordeus Soares, dos padres Sabino Loyola e Sadoc de Araújo, Moésia Nogueira e Francisco As-

sis Rocha e de amigos como Rosa Maria, Edward Dias, José Luís Melo, Vicente Cristino, José Alberto Dias Lopes, Hugo Alfredo, Giovana Mont'Alverne e Fernando Solon, Ivone Saboya Coelho, viúva do vereador Nilo Donizetti, Ester Patriolino, jornalista Marcos da Cruz, professor Pedro Ribeiro da Silva, Luiz Gonzaga Melo, Francisco Pompílio. Valdeci Vasconcelos me acompanhou, fraterno e solidário, nas peregrinações em busca de dados e informações. A Francisco Antonio de Castro Mendes agradeço o precioso e preciso trabalho de revisão. A Raquel Lustosa a prestante colaboração na tentativa de melhorar minhas relações ainda complicadas com o micro.

*Sobral, cidade das cenas fortes*, é livro preguiçoso de jornalista, ou de jornalista preguiçoso. E seria pior, não fossem o freqüente estímulo e as constantes cobranças do sociólogo Afonso Celso Machado. Falta-lhe porém homogeneidade, pelo menos na forma, porque contém pesquisa histórica, artigos e crônicas de natureza diversa, embora versando o mesmo tema. Ressente-se, nesse tocante, dos defeitos de *Sobral do meu tempo*, sinal de que não progredi muito daquele tempo para cá.

Brasília, junho de 2003



## D. José, glória cultural

Menino prodígio, D. José Tupinambá da Frota se cobriu de glórias literárias e acadêmicas em sua juventude. Inicialmente no Seminário Arquiepiscopal da Bahia. Depois em Roma, para onde viajou na companhia do parente, D. Jerônimo Tomé da Silva, arcebispo da Bahia, e de D. Joaquim José Vieira, bispo do Ceará. Matriculado na Pontifícia Universidade Gregoriana, defendeu tese na Faculdade de Filosofia, colando grau de doutor. Conquistou o doutorado nos exames finais da *Universa Theologia*. Na Universidade Gregoriana, obteve o primeiro prêmio no concurso de Teologia Dogmática e no curso de Teologia Moral.

O padre José Tupinambá da Frota encheu-se de tanto reconhecimento na Universidade Gregoriana, em Roma, que levou o ministro das Relações Exteriores da Itália a cumprimentar o colega brasileiro por sua formatura em Teologia e Direito Canônico, o que fez muita gente cogitar em seu ingresso na diplomacia. Tendo em mente outros projetos, o parente ilustre de D. Jerônimo Tomé da Silva lutaria pela criação da diocese de Sobral, para que fosse seu primeiro titular.

Sábio, dele dizia seu colega D. Sebastião Leme: “O Tupi ensina melhor Teologia Dogmática que o cardeal Billot, da Universidade Gregoriana”. “É a maior organização metafísica do Brasil”, segundo o julgamento do padre João Gualberto.

## O maior homem público de Sobral de todos os tempos

Tendo-se notabilizado em Roma, D. José preferiu ser o primeiro em Sobral. Decidiu voltar à terra natal, da qual seria o segundo construtor e da mesma jamais se afastou.

Na área de saúde, fundou a Santa Casa, hoje hospital-referência na região, depois das reformas ali empreendidas pelo padre José Linhares. Na área de educação, criou o Seminário, para formação da elite eclesiástica, instalado em prédio em que hoje funciona a Reitoria da Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Depois, veio o Colégio Sobralense, para estudantes do sexo masculino. E, por fim, o Colégio de Sant'Ana, para as moças da cidade. Não se pode esquecer do Patronato Maria Imaculada, dedicado à educação primária dos pobres, e da Escola Industrial Doméstica, primeiro estabelecimento de ensino profissional a funcionar na cidade. No fim da vida, ainda encontrou forças para criar um abrigo para velhos. Fundou também o Banco Popular de Sobral e o jornal Correio da Semana, que ainda hoje circula.

Além disso, escreveu a História de Sobral, ofício de que também se ocuparam os mosenhores Fortunato Linhares, Francisco Sadoc de Araújo e João Mendes Lira, mostrando a onipresença da Igreja Católica em toda a existência da cidade.

Durante toda a vida, foi reunindo peças para o Museu Diocesano, no que teve, por fim, a preciosa colaboração do padre Palhano, o qual adquiriu vali-

os objetos no Estado e também no vizinho Maranhão, para desespero de muitos vigários do interior.

Como se vê, nada foi estranho ao gênio criador do grande teocrata, o maior homem público de Sobral de todos os tempos.

Um dia, algum historiador há de aprofundar estudos sobre a importância do clero na construção de Sobral e deverá eleger D. José Tupinambá da Frota como o maior homem público de sua história. A ele a cidade deve muitos dos benefícios de que ainda hoje goza.

## **Quando Carlos Eduardo passou no Vestibular**

Quando Carlos Eduardo passou no Vestibular para Antropologia, na UnB, Sara lhe perguntou se ele iria trajar-se como *hippie* retardatário, se andaria de bolsa artesanal de couro a tiracolo, de chinelos, estereótipo da aparência física dos antropólogos caboclos. É que, querendo ou não, o hábito ajuda a fazer o monge.

Como vocês sabem, fui educado em Sobral, onde a Igreja Católica, através do bispo, tudo controlava. O antístite nada tinha de despojado. Ao contrário, trazia no peito imponente cruz de ouro, apoiava-se em um báculo dourado e andava paramentado com todo o requinte a que tinha direito pelo título. Os padres eram obrigados a vestir pesado sobretudo por cima da batina negra, como em Roma, onde conhecera tantas glórias. Uma vez, tendo flagrado o

futuro bispo, D. Austregésilo Mendonça, na rua, sem o sobretudo, condenou-o: - *Padre velho esgulepado!*

O padre Sadoc de Araújo registra seu exagero no respeito às prescrições da liturgia: “Em sua presença não deixava passar, sem imediata reprimenda, qualquer descuido, de sacerdotes e seminaristas na obediência rigorosa às normas do ritual. Chegava a perder a calma e o controle emocional quando percebia qualquer desrespeito à Casa de Deus.” (In *Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses*, 1985, pág. 146).

Hoje tudo mudou. A Igreja aboliu o Latim e as vestes suntuosas nas cerimônias religiosas. Um dia desses, vi, com espanto, que o sacerdote celebrava a missa de chinela, dessas de ir à praia. Creio que o prestígio da Igreja, entre os pobres, caiu exatamente pela ausência do mistério e da pompa. Sem eles, foi-se embora a fé que havia em muitos.

José Alberto Dias Lopes contou, em “O Noroeste” de 15 setembro de 2001: “Nas datas magnas da cristandade, a Catedral se engalanava, e os fiéis a lotavam, para assistirem aos atos religiosos. Ficávamos no adro da Igreja da Sé, até que o repique do sino maior alertava a todos que o carro transportando Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo-Conde, adentrara a Praça da Sé. Um repique cadenciado continuava até sua chegada à porta principal, quando um padre lhe abria a porta do automóvel, e o bispo, antecedido pela bicentenária Irmandade do Santíssimo Sacramento, ingressava na igreja dirigindo-se à capela do Santíssimo Sacramento. Lá o es-

perava um genuflexório, vestido de damasco com a cor da festa (verde, vermelha, branca ou roxa). A igreja enchia-se de vozes da *Schola Cantorum* do Seminário São José, entoando *Ecce Sacerdos Magnus*.”

“Seguia-se a missa com todos os aparatos exigidos pela liturgia: capa de asperges, papo de arminho, luvas e sapatos de pano bordado com pedrarias, palmatória com vela-bugia, todo um ritual destinado a embelezar os atos solenes. Ao lado do altar-mor (lado direito de quem entra), existia uma cadeira de espaldar alto, sob um dossel também vestido de damasco, na cor da festividade. Na verdade, um trono, como bem merecia o ilustre e nobre prelado. Era uma festa para os olhos, e, como tudo que é belo, enaltece o espírito.”

## “A um bispo não se chama”

Dom José exigia muito respeito às formalidades. Quando em visita à Secretaria do Interior e Justiça, ainda sob a ditadura, D. José foi cumprimentado com um aperto de mão pelo contínuo Fialho. Não gostou e, empurrando-o levemente, ordenou: - *Ajoelha, cabra*. É que, naquele tempo, a gente se ajoelhava para beijar a mão do bispo. E D. José não dispensava tal tipo de homenagem.

Certa vez, depois de despachar no Banco de Crédito Popular com seu dirigente, o bispo saiu apressado. Seu presidente, José Modesto Ferreira Gomes, um dos esteios da religião, construtor da Igreja do Sumaré, lembrou-se de que ainda havia um assunto pendente, dependendo de sua decisão. Ele-

vou então a voz para deter o antístite, que ia apressado. “A um bispo não se chama”, disse ele, repreendendo José Modesto Ferreira Gomes, que o chamara em voz alta, quando conseguiu alcançá-lo. É que o bispo continuou andando, como se não o estivesse ouvindo, mesmo depois de ele haver alteado a voz.

## Quando Deus veste a camisa

A 23 de abril de 1919, com total ingenuidade, Deolindo Barreto, de *A Lucta*, saúda a edição de primeiro aniversário do *Correio da Semana*, de Sobral, com as seguintes palavras: “... órgão de defesa e propaganda dos interesses da igreja de Cristo nesta diocese, tem por isso mesmo bem estreita a sua esfera de ação, visto não haver nenhum inimigo a combater.” Ledo e cego engano o seu. Não percebera que Deus virara concorrente e, como tal, não admitiria divergências nem dissensões.

Ao retornar de Roma, em 1905, cheio de glórias, D. José se deu conta da ciclópica tarefa a realizar na terrinha, da mobilização de preconceitos e da inveja que teria de arredar para garantir o êxito. Se havia guerra pela frente, a ela cumpria ir bem armado. Assim, pouco depois de ter sido nomeado vigário-geral da cidade, bem mocinho, para irritação e despeito dos padres mais velhos, teve o primeiro arranca-toco com o filho do adversário de seu pai nas lutas republicanas, e que seria seu eterno rival, o Dr. José Saboya de Albuquerque. Era um capricho, uma questão de somenos importância, levanta-

da só para alterar o humor do padre, em torno da orquestra que deveria tocar na Catedral da Sé, por conta da Irmandade de N. S. da Conceição, que tinha o juiz como um de seus dirigentes.

“O tesoureiro era um excelente cidadão e um astuto negociante”, suponho fosse Godofredo Rangel, como todos os seus colegas de mesa regedora, acreditamos nós, “completamente ignorante em matéria de música e, portanto, incompetente para dar-me normas de música, e alguém como eu, que sei música e dirigi em Roma grandes coros da orquestra, é que deveria selecionar os seus elementos.” Foi este o primeiro encontro de bigodes dos dois, com a vitória do padre e a dissolução da mesa regedora da irmandade.

Já em 1910, não tendo onde publicar resposta ao desafio que lhe lançara um conterrâneo, Tobias Coelho, o qual voltara à terra gabando-se de seu maçonismo e querendo com ele debater no *Teatro São João*, foi calado pelo vigário, que lançou a seguinte pergunta: - *Em que língua ele quer debater?*

Em 1912, de novo aquele homem fatal! O juiz, através da Polícia, proíbe a realização de rifa em benefício da construção da *Santa Casa de Misericórdia* e ameaça o padre, fazendo publicar a decisão judicial num jornaleco a ele simpático, denominado *Pátria*, com ameaça de prisão, em caso de desobediência. Era a ofensa deliberada, a humilhação pública. D. José é então forçado a imprimir boletins ou a pedir favores aos indomáveis Vicente Loyola, de *O Rebate*, e Deolindo Barreto, de *A Lucta*, muito pou-

co doces para o seu gosto e as suas necessidades. Assim, sagrado bispo em meados de 1916, já em fins de março de 1918 lança o *Correio da Semana*, ainda hoje existente, considerado pelo concorrente como o “jornal de melhor feição material da cidade”, responsável por edições muito atraentes e por reunir um número de assinaturas superior a qualquer dos muitos jornais que se editam no interior do Estado.

É final de 1919, ano de seca cruel e de intensa atividade econômica, graças às milionárias obras públicas realizadas no Nordeste pelo paraibano Epitácio Pessoa. O presidente João Tomé de Sabóia, distanciado dos conservadores, vendo frustrado o movimento por sua reeleição, alia-se aos democratas, apoiando Justiniano de Serpa à sua sucessão. Tratava-se de antigo líder abolicionista, jurista, jornalista e poeta, que fizera carreira na Amazônia e exercia o mandato de deputado federal pelo Pará. Era maçom, o que, à época, se prestava a exploração política, mas era um maçom *light*, que ia às missas solenes e batizava os filhos na Igreja Católica. Os conservadores convocaram o chefe da Polícia do Rio, Belizário Távora, para ser o candidato católico, na primeira e malograda tentativa daquela família de ascender ao poder. Do lado de lá, o general Tomaz Cavalcante, também maçom, para facilitar as coisas, passa a presidência do partido republicano conservador cearense ao senador Benjamim Barroso, a fim de viabilizar a candidatura “católica” de Távora. Em Sobral, a família Sabóia, indisposta politicamente com o parente e sócio João Tomé, firma aliança com

os Távoras, aliança que se prolongaria no futuro. Aproxima-se do bispo e monta cinturão de ferro para triturar inimigo menor, embora bastante incômodo, o jornalista Deolindo Barroso. Lendo-se os jornais da época, vê-se ainda que as facções em confronto tudo faziam para colocar Deus em seu palanque e os empregos e o dinheiro do DNOCS nos bolsos.

Ao diretor de *A Lucta*, porém, o destino oferece uma oportunidade de sobrevivência política e até física. O amigo e compadre Leopoldo Fernandes Pinheiro, sacerdote forasteiro e exaltado, diretor do *Correio da Semana*, comanda em Sobral a campanha do primo Belizário contra o outro, a besta-fera, o Satanás. Vai à casa do jornalista e pede seu apoio: - *Deolindo, a candidatura Belizário marcha em caminho de vitória, e você, que é parente dele, não tem compromisso partidário e nada tem ganho na política, deve apoiá-lo.*

Apesar de vago laço de sangue, apertado pras bandas do Riacho do Sangue, o jornalista recusa. É muito ligado à causa rabelista. Não tem por que, a essa altura, se bandear para o outro lado. Trava-se leve discussão entre os amigos. O padre põe o chapéu e se retira furioso, para nunca mais voltar.

Enquanto no Rio, o arcebispo D. Manuel Silva Gomes não vê nada demais em visitar Justiniano de Serpa, com quem almoça, em Sobral Deus era marreta e tavorista. Todo o clero da cidade estava mobilizado em prol da candidatura conservadora, característica do marcante episcopado de D. José, que se manterá até à véspera de seu desaparecimen-

to. É claro que, participando de tantas escaramuças, Deus, às vezes, amargava a sorte dos humanos e perdia feio, embora não esmorecesse.

#### **D. José, o político-partidário**

“Adhemar de Barros, que lhe ofertou um cálice de ouro e a quem D. José ofereceu um lauto banquete, Armando Falcão, agraciado com muitas atenções, Parsifal Barroso, ora distinguido com muitas atenções, ora longe de seus olhares, General Onofre, aquinhoado com muitas visitas, Menezes Pimentel, que se tornou quase um dependente seu, Paulo Sarasate, João Tomé, Moreira da Rocha e tantos outros lhe rendiam homenagem, procurando, é claro, se beneficiar mutuamente, uma vez que político *nada dá de graça*.” (Padre João Mendes, *A Vida e a Obra de Dom José*, pág. 76).

O bispo viveu e morreu se defendendo dos que lhe apontavam a ostensiva militância político-partidária. A morte o acolheu, aliás, saboreando triunfo de seu pupilo, o padre José Palhano de Sabóia, sobre antigo aliado, Chico Monte, na disputa pela Prefeitura, em 1958. Durante a campanha, senil, quase cego, sorveu ainda cálice pleno de humilhações, pela interveniência do genro de Chico, Parsifal Barroso, ex-Ministro do Trabalho no governo Juscelino Kubitschek, muito respeitado na mais alta hierarquia da Igreja Católica no Brasil.

A maior provação pública experimentada pelo antístite foi a súbita chegada do arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa, a 30 de abril de 1958, de

avião, para realizar inquérito sobre seu envolvimento na luta. Em carta ao núncio apostólico, de 8 de maio de 1958, provavelmente redigida por Palhano, queixa-se o vigário-geral, monsenhor Osmar Carneiro, de que tacham o bispo de político, “cousa que – diz ele – nunca foi até hoje, todos sabemos disso muito bem.”

Na correspondência, cheia de mágoas, o vigário-geral tenta desfazer as acusações dirigidas ao delfim da diocese: “Acusam o padre Palhano de estar gastando os dinheiros da diocese, e nada é mais revoltante e calunioso. Aliás, eles bem sabem que o candidato ao Governo do Estado (Virgílio Távora) fornece numerário para a campanha do padre Palhano: dizem que o padre explora o bispo, o que é uma injustificável ofensa ao Sr. Bispo Diocesano, tão atento e firme no governo da Diocese. Propalam eles que o padre não exerce o ministério nem reza o Breviário, coisa que eles não provarão e de que não temos, nós padres, qualquer prova, e outras coisas mais dizem os políticos apaixonados, nas quais eles são useiros e vezeiros, sem o menor escrúpulo.” (Padre João Mendes, *A Vida e a Obra de Dom José*, pág. 52).

Sua participação na política partidária sempre foi notória. É ela que, em 1919, como já vimos, o distancia e torna inimigo mortal do jornalista Deolindo Barreto, na campanha eleitoral de Belizário Távora, considerado o candidato católico, contra Justiniano de Serpa, o maçom. Nesse embate, pela única vez, ao longo de sua vida pública, está ao lado de José Saboya.

A 25 de setembro de 1921, o bispo recomenda aos católicos da diocese as candidaturas de Artur Bernardes e J. J. Seabra, respectivamente para a Presidência e a Vice-Presidência da República no quadriênio seguinte: “Fazendo esta recomendação, o nosso ilustre prelado tem apenas em vista o valor moral dos dois candidatos e a fé de grau de cada um nos negócios públicos do País. O *Correio da Semana*, sempre fiel aos grandiosos intentos do nosso eminente antístite, coloca-se ao lado dos dois candidatos brasileiros em que enxerga as melhores esperanças de um futuro brilhante para a nossa querida Pátria.”

Depois da Revolução de 1930, mais precisamente a 22 de novembro de 1932, funda a seção sobralense da Liga Eleitoral Católica, que reúne os “decaídos”, os vencidos por aquele movimento militar, para combater o Partido Sem Deus, como chamava a agremiação liderada pelo adversário, José Saboya. A Liga Eleitoral Católica, organização fundada pelo cardeal Leme, apenas no Ceará virou partido político, elegendo deputados, senador e governador. O chefe do seu partido, na região, era Olavo Oliveira, tido como livre pensador e seu representante na cidade, o qual seria, por muito tempo, o pseudônimo do bispo Francisco de Almeida Monte. Com o advento do Estado Novo, é homem forte do governo, até o amargo fim. O bispo forma decididamente ao lado dos que proibiram comício, na cidade, da União Democrática Nacional contra o governo findante do interventor Menezes Pimentel, travando a propósito, pelos jornais, polêmica com José Saboya, seu eterno rival.

Logo depois, em 1947, posta-se na linha de frente contra a candidatura do desembargador Faustino de Albuquerque ao governo do Estado pela UDN, apontando-o como aliado dos comunistas e apoiando publicamente seu rival, o general Onofre Muniz Gomes de Lima. É a última feroz disputa que trava com o eterno adversário, José Saboya, apoiado pelos genros Plínio Pompeu e José Maria Mont'Alverne, com a solidariedade efetiva do padre Sabino Loyola e do jornal da diocese sob sua direção, o *Correio da Semana*. Os candidatos da Igreja Católica de Sobral são rigorosamente batidos pelos da facção do juiz aposentado, que faz do genro Plínio Pompeu senador da República e elege a maioria da bancada federal da UDN.

Seminarista logo depois daquela época, F. Silveira Souza registra, no livro *Fragments do Passado* (pág. 114), o esforço do bispo pela volta do PSD ao Palácio da Luz: “Brilhava e adquiria popularidade no fragor das campanhas políticas. Na de Raul Barbosa (candidato do PSD de D. José), chegou a levá-lo ao Seminário para inaugurar seu retrato na galeria dos benfeitores. Tal evento, a que compareceu a claque pessedista sobralense, também contou com as presenças de Parsifal Barroso e Walter Sá Cavalcanti (cobertura jornalística) – um minicomício, em que discursaram D. José, Mons. Sabino, Parsifal e Raul.”

O padre João Mendes Lira, a propósito de sua participação na campanha eleitoral de 1950, em que o udenista Edgard de Arruda é derrotado por Raul Barbosa, publica: “No *Diário do Ceará*, que tinha

como diretor o Dr. Edgard de Arruda, edição do dia 5 de agosto de 1950, sábado, existe a seguinte nota: “Periscópio-Propaganda religiosa. Estão circulando aos milhares, em boletins, os telegramas trocados entre Raul Barbosa e o bispo de Sobral. Ao que parece, o texto foi escrito pelo Chico Monte (Camões se mexe na cova). Uma fitinha de cinema também circula, apresentando aquele dignitário da Igreja em propaganda eleitoral. Pobre da nossa (isto é, da deles) religião, servindo a tão infelizes fins. O pior não foi dito: D. José deixou o enterro do padre que morrera afogado para vir assistir à chegada do Raul. Os nossos louvores a D. Antônio.”

Ao lado dessa nota desabonadora, D. José escreve a seguinte explicação: “O fato é que o bispo havia ido a Fortaleza tratar com a Visitadora das Irmãs de Caridade dos negócios dos Patronatos de Acaraú, Camocim e Ipu.” (Padre João Mendes, *A Vida e a Obra de Dom José*, págs. 81 e 82, edição de 1982).

## **Delendus Deolindo**

Por conta da campanha eleitoral da sucessão do presidente João Tomé, um jornalista da terra não quis se enquadrar. Terminou fuzilado, em plena luz do dia, no prédio da Câmara Municipal, não se soube por quem. Era Deolindo Barreto, forasteiro, porquanto nascido em Crateús, sem instrução regular, porque o que sabia, aprendera-o quando tipógrafo de *A Província do Pará*, portanto sem tradição de família. O jeito foi amaldiçoar seu jornal.

No auge do “*Delendus Deolindo*”, a encarniçada guerra, o bispo afirmou, em sermão proferido na Catedral da Sé: “Não precisamos dos ensinamentos de um analfabeto.” E, para culminar, o supremo anátema contra o meteco: “Para honra nossa e do nome sobralense, aquela ignomínia não partiu de um filho de Sobral.”

Logo depois, a 22 de outubro de 1921, instituiu o novo pecado mortal: ler ou assinar *A Lucta*.

## D. José e o padre Cícero

O padre Cícero Romão Batista e D. José Tupinambá da Frota são as personalidades mais importantes da primeira metade do Século XX do clero cearense e da vida pública de suas cidades, respectivamente Juazeiro do Norte e Sobral.

Ambos perseguiram o poder e foram políticos de intensa militância partidária. O padre Cícero, de poucas luzes intelectuais, chegou a ser eleito vice-presidente do Estado e deputado federal, postos que jamais exerceu.

O bispo, formado em Roma, onde deixou excelente reputação intelectual, empobreceu no posto, na ânsia de realizar obras públicas, enquanto o patriarca de Juazeiro morreu milionário, embora nunca houvesse abandonado a frugalidade de seu padrão de vida e alegasse que sua fortuna se destinava à formação do patrimônio da diocese da cidade.

Em Sobral a Igreja era voltada para a clientela tradicional, de famílias orgulhosas de suas tradições.

A Igreja tinha a feição de seus fiéis. A de Juazeiro, dos pobres, dos adventícios, dos cangaçeiros, aos quais, segundo a lenda, padre Cícero pregava: "Quem matou não mate mais. Quem roubou não roube mais". Em tal ambiente, pastores e fiéis seus não opuseram a menor dificuldade em acreditar no milagre da transubstanciação da hóstia no sangue de N. S. Jesus Cristo, na boca da beata Moçinha. "Coube aos padres do Vale desempenhar o papel mais importante na divulgação e na justificação da crença popular nos milagres." (Ralph de la Cava, *Milagre em Joazeiro*, pág. 52).

Tal acontecimento seria impossível numa sociedade sofisticada como a de Sobral, controlada por um bispo que pretendia implantar a expressão mais ortodoxa de religiosidade que ele trouxera, pessoalmente, de Roma.

## **Dom José, o vigilante**

Dom José exerceu, ao longo de 51 anos de vigário-geral e bispo de Sobral, vigilância indormida, a fim de que o seu rebanho não se tresmalhasse nas tentações do espiritismo, da maçonaria ou do comunismo. Principalmente velou, e velou com energia, para que os encantos do sexo não desviassem suas ovelhas da senda do Senhor.

Ele dava o primeiro exemplo. Ninguém tão casto. Em suas pregações, D. Edmílson Cruz costumava citar, como testemunho da pureza de costumes do bispo, que ele, desde seminarista, aos 12 anos, nunca mais aparecera em público com os pés desco-

bertos, sem meias. Nem mesmo aos olhos da mãe. Na discrição do quarto aparava as unhas. Era, segundo o padre João Mendes Lira, “de tal modo avesso a mulheres, que não se sentava em cadeira quando antes sabia ter sido ela usada por pessoa do sexo feminino.” (Padre João Mendes Lira, *A Vida e a Obra de Dom José*, pág. 5). Padre Palhano brincava: - *O bispo deve ter muitos maus pensamentos para falar tão mal das mulheres.*

Sob seu comando, a Igreja exercia severo controle sobre a sociedade. O alvo principal era a mulher, proibida de usar decotes, vestidos curtos ou sem mangas, quando da freqüência aos templos. Naquele calorão, bem depressa elas descobriram uma solução, os “manguitos”. Eram mangas artificiais, feitas da mesma fazenda do vestido, com que cobriam os braços quando no interior das igrejas, das quais se despediam tão logo dali saíam.

Uma batalha quase sempre perdida pela Igreja era contra o Carnaval. Costumo citar o exemplo de Raimundo Machado de Araújo, depois rei da cera de carnaúba, presidente do Ideal Clube em Fortaleza, expulso da Congregação Mariana de Moços por haver dançado as festas de Carnaval com a mulher. Há quem se lembre de D. José, à meia-noite de terça-feira de Carnaval, observando a saída dos casais do Tabajara Clube, situado próximo ao sobrado em que residia, para identificar os que continuavam a dançar quando já se instalara a Quaresma, incorrendo assim em pecado. O coco, dança popular, era combatido. Mais combatidos eram os cidadãos de alguma projeção social que freqüentavam roda de tal dança.

Há quem atribua ao bispo haver vetado o projeto de implantação do Batalhão de Engenharia do Exército na cidade. Ele foi parar em Crateús, porque D. José temia a impossibilidade de exercer controle sobre os forasteiros, o que poderia multiplicar o número de defloramentos: - *Basta-nos o Javan*, disse, a propósito desse *Don Juan* do outro lado do rio Acaraú, onde suscitava fascínio sobre as moças pobres do local.

Ele também penava na batalha perdida contra a prostituição: “Consigo fechar o cabaré da Chica Agostinha às quartas e, aos sábados, ele já está aberto, funcionando de novo.” Claro que a carne era fraca, e o bispo não podia acorrer a todos os lugares onde irrompiam sua força e seus imperativos.

Em 1931, foi colhido de surpresa pelo assassinato do vigário de Acaraú, padre Arteiro, na sacristia da Igreja, quando se preparava para celebrar missa, crime atribuído a importante família da cidade, sob a acusação de haver seduzido uma moça do clã, a qual se envenenara de vergonha e desgosto.

Amigo inseparável do padre Palhano, o padre Correia Lima conta em suas memórias: “Depois de uma semana em que cantei a primeira missa, recebi um telegrama do Sr. Bispo, chamando-me para acompanhá-lo em visita pastoral nas paróquias de Bela Cruz e Acaraú. Confessei pela primeira vez em Bela Cruz. O Sr. Bispo deu, a mim e ao padre Palhano, jurisdição parcial: somente podíamos confessar os homens. Não creio que o motivo tenha sido este: que o homem seja menos pecador do que a mulher.

Mas, com certeza, foi o zelo da preservação de nossa santa virtude, especialmente para o Palhano, que era um sacerdote de apenas 23 anos de idade. O certo é que, nessa paróquia, as filhas de Èva não tiveram o direito de vir aos nossos confessionários. O Sr. Bispo, incontestavelmente, dedicou predileção especial pelo Palhano, até o fim da vida.” (Pe. Francisco Correia Lima, *Vendo a Vida Passar*, pág. 63).

## Mártir do amor

“Só, um anjo de asas secas, voando de Crateús,  
senta-se à beira-estrada e chora  
porque Deus tomou o partido do padre. ”

(*O Padre, a Moça. Ato*, de Carlos Drummond de Andrade. In *Poesia e Prosa*, pág. 307, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1992).

Contam-me que morreu nonagenário, em Fortaleza, o padre Ivan Carvalho, que ensinava no Colégio Sobralense quando ali estudei. Andava cabisbaixo, pelos cantos, porque protagonizara, anos antes, escândalo que abalou a cidade carola, rigidamente controlada pelo bispo D. José Tupinambá da Frota. Vigário de Coreaú, apaixonou-se por uma paroquiana, com quem fugiu a cavalo, rumo ao Piauí. À altura de Tianguá, os irmãos da moça os descobriram em meio à neblina e os perseguiram. O sacerdote sacou de um revólver e atirou, afugentando os perseguidores. Depois se arrependeu e voltou a Sobral para pedir perdão ao bispo. Foi quando o

conheci, de volta às ordens. Até que resolveu de vez assumir vida matrimonial em sua Camocim, onde exerceu importante papel na área da educação. Seu desaparecimento sugere reflexão sobre esta monstruosidade imposta aos padres: o celibato, negação da vida, pena capital do amor.

Também naquele tempo, por conta de namoro com paroquiana, o padre Francisco Apoliano, vigário de Marco, fugiu da cidade para ir morar no Rio e, depois, em Campos, onde se alistou nas fileiras do clero mais reacionário. Foi engenhoso. Com a finalidade de dar maior credibilidade à fuga, ensopou de sangue de galinha o assento do *Jeep* em que se locomovia e o lançou dentro do açude. Recebeu homenagens póstumas do bispo e de outros padres, antes que se desvendasse a farsa.

## Um bispo como nos velhos tempos

Fui seminarista. Porém, *não dei no couro* para funcionário do sobrenatural, agente do céu aqui na terra. Foi ruim porque, afinal, meu sonho era (e sempre foi) ser bispo de Sobral. Não desejava outra coisa na vida. E olhem que não seria desses bispos moderninhos, incrementados, camisa aberta ao peito, braços nus, calça *jeans*, chinela japonesa. Não! Queria ser como o bispo-conde D. José Tupinambá da Frota, com muita pompa e circunstância, cheio de pesadas correntes de ouro, arminhos, muito roxo, o pessoal me beijando a pedra do anel, de joelhos, como era naquele tempo. Seria, juro, bispo indulgente, muito indulgente com

as mulheres bonitas no confessionário. Principalmente as pecadoras.

Minha irmã Lúcia costuma lembrar que, em seu testamento, o padre José de Alencar, senador e pai do romancista, confessa que, em virtude da fraqueza da carne, gerou não sei quantos filhos. Se fosse por ânimo, teria, sozinho, povoado o Ceará.

Não julguem, pelo meu sonho frustrado, que a Igreja abria a guarda para tais liberalidades. Não. Havia, de quando em vez, surtos de austeridade severíssimos. Um bispo, nomeado para o Ceará, chegou a Fortaleza determinado a dar um “basta” em todos os arranjos dos padres. Teriam de observar religiosamente, daí em diante, o voto de castidade, casar as “comadres” e nada de fazer sexo. Perturbado, apavorado com as novas ordens, um sacerdote quis saber dele: - *Excelência, nenhumazinha “pro salute”?* - Não, negou o bispo, inflexível.

Aliás, quando começava o ano no seminário de Sobral, D. José ia conhecer os novatos. Queria saber de onde eram, filhos de quem, o que haviam lido. Certo ano, notava-se o evidente desconforto de um dos seminaristas diante do interrogatório do bispo. Quando chegou sua vez, D. José perguntou: - *E você é filho de quem?* Sem saída, o rapaz respondeu: - *Sou herdeiro do padre João Alves.* O bispo teve pressa em sair dali.

Os padres, até algum tempo atrás, tinham o direito de contratar empregadas domésticas de idade, que lhes cuidassem dos achaques quando velhos. Os bispos exigiam que elas, as “canônicas”, como se cha-

mavam, tivessem, no mínimo, 40 anos (àquele tempo, as quarentonas eram velhas; já tinham, há muito tempo, “encostado as chuteiras”). Por isso, um deles, espertinho, como quem não quer nada, consultou o superior: - *Excelência, posso ficar com duas de 20?*

## **A fogueira das camisolas**

Os seminaristas eram obrigados a dormir de camisola, até 1959. Pouco antes de D. José desaparecer, chegou a Sobral D. Adelmo, arcebispo de Maceió e visitador apostólico, uma espécie de inspetor da Santa Sé, o qual, naturalmente, manteve contactos com o bispo, o clero e os seminaristas. Destes ouviu revoltados protestos contra o uso de vestimenta feminina para dormir, pois assim consideravam a camisola. E pediram ao eminente visitante que conseguisse do bispo da terra a abolição de semelhante roupa. Tanto insistiram, que o visitante intercedeu junto a D. José e dele conseguiu o fim da obrigatoriedade de tal indumentária. Foi uma festa no Seminário da Betânia. Os seminaristas, enfurecidos contra as camisolas e eufóricos com sua supressão, queimaram-nas todas no pátio, numa fogueira, em torno da qual pulavam como crianças, comemorando a vitória.

## **Padre Palhano, o inventor da alegria**

Quando, moribunda, a mãe do padre Palhano pediu ao bispo que cuidasse do herdeiro, não supôs, decerto, que ele levaria o pedido tão a sério e o cria-

ria com carinhos de filho. - *De neto*, corrigiria posteriormente monsenhor Sabino Loyola, que costumava lembrar, enternecido, as palavras do bispo: “Quando vi aquela criança loura de treze anos, cabelos cacheados, órfã, senti que era meu dever, de sacerdote e de bispo, atender ao pedido da mãe”. Levou o guri para o sobrado diocesano, depois o matriculou no Seminário. Praticamente ali o educou, livre da disciplina do seminário, principalmente do Seminário Maior da Prainha, em Fortaleza, do qual foi desligado por se ausentar muito, sem licença dos superiores, para visitar Sobral. Por haver contado com mestre tão qualificado, o presidenciável Ciro Ferreira Gomes, que, adolescente, conviveu com ele na campanha do pai, José Euclides, em 1976, costuma dizer: - *Teve educação de príncipe*.

Palhano é o raio de luz na vida sombria e tristonha do bispo. Logo o conquista com sua obsequiosidade, a simpatia de seu sorriso e a força de seu encanto. É generoso e muito caridoso. Não se incomoda com a vida de ninguém. Está sempre disposto a reagir contra quem se intromete na sua, embora não se preocupe em averiguar a veracidade das notícias que a seu respeito lhe chegavam. Parte logo para o ataque, a retaliação.

Ele também melhora a mesa palaciana, frugal, quase indigente. Traz frutas importadas da capital, as primeiras garrafas de Coca-Cola. Muitos, a propósito, se lembram de Palhano, à noite, no sobrado do bispo, a abrir a geladeira para comer, sozinho, meia lata de marmelada com água gelada. Outros o advertem quando, em visita a engenhos de cana, cos-

tumar se exceder no consumo de mel, “puxa-puxa” e rapaduras, numa indicação da moléstia que terminaria por humilhá-lo e matá-lo.

Mesmo ausente, o pupilo não deixava de preocupar o protetor. Basta ler a carta que o bispo, em 4 de agosto de 1942, envia ao futuro padre Francisco Correia Lima: “Diga ao Palhano que tenha muito cuidado com as espinhas, que, mal tratadas, facilmente infeccionam e podem causar grandes incômodos e até mesmo a morte.” (Pe. Francisco Correia Lima, *Vendo a Vida Passar*, pág. 52).

Palhano era seminarista intocável em Sobral. Não podia ter a mesma situação privilegiada na capital. Por ir quase toda semana à terrinha, foi, por isso, desligado do Seminário Maior em Fortaleza, curso que concluiu em casa, isto é, no sobrado, sob orientação do bispo, o qual, depois, o mandou estudar em Roma, para fazê-lo seu sucessor. Morria de saudades. De madrugada, aos prantos, batia no quarto que fora ocupado por Palhano, chamando-o: - *Zé da Palha, acorda! Acorda, Zé da Palha!*

Padre Osvaldo Chaves, que contemplou uma dessas cenas, bem a compreendeu, dizendo a amigos, posteriormente: - *Ele não está caduco não, pensando que o Palhano não viajou. Ele está dizendo o quanto gosta dele.* Sua ausência física era sentida por D. José, que, impaciente, ficava tamborilando os dedos da mão direita na mão esquerda, indagando: - *Para onde terá ido o padre Zé?* Quando o pupilo chegava e ele o interpelava para saber onde se encontrava, com freqüência Palhano sacava um

presente: uma maçã, um cacho de uvas, e respondia: - *Fui buscar isto para Vossa Excelência*. O bispo se desmanchava em emoções paternas. Às vezes, quando lhe era negado algo que queria, Palhano, fingindo zanga, fugia para sua propriedade na serra. O bispo, então, caía no pranto mais sentido.

A cumplicidade entre o bispo e seu pupilo era tal que, ao ouvir a pergunta:

“*O padre Fulano gosta de você?*”, Palhano já sentia que fora malfalado pelo colega e, imediatamente, dizia saber que ele não o apreciava por inveja, por saber da afeição que o bispo lhe dedicava, do prestígio que lhe conferia.

Em crise financeira por causa dos altos gastos do pupilo, o bispo se desesperava. Ficava a queixar-se com os que se encontrassem a seu lado. Apenas, porém, os passos de Palhano ressoavam nas escadarias de madeira do velho sobrado, ele mudava a fisionomia e proibia que se falasse sobre o assunto na presença do pupilo querido.

O sonho de D. José era fazê-lo seu sucessor. Para tanto, como já dissemos, mandou-o doutorar-se em Roma, na Universidade Gregoriana, como ele mesmo o fizera. Deveria residir no Colégio Pio Brasileiro, onde residiam muitos seminaristas. Palhano já era padre e não quis se submeter às exigências do estabelecimento, sendo dele expulso. Também não encontrou muita graça nos estudos, razão pela qual logo voltou a Sobral, à sua motocicleta, ao radioamador, ao carro de luxo do bispo, ao avião Paulistinha do Aeroclube, que ressuscitara.

“A par de logo familiarizar-se com qualquer inovação dos costumes, como motocicleta possante, carro de luxo, radioamador e avião (em tudo, um exímio piloto), Palhano sempre esteve em dia com a moda e as novidades, portando óculos *ray-ban*, usando perfume francês, os cabelos na brilhantina, bem penteados, e sempre apreciando sucesso como *Fascinação*, na voz de Carlos Galhardo.” (F. Silveira Souza, *Fragmentos do Passado*, pág. 114).

No auge da briga do bispo com o Dr. José Saboya, por ocasião da campanha eleitoral de Faustino de Albuquerque e Onofre Muniz Gomes de Lima, o bispo contou com a aguerrida solidariedade de um espadachim que tinha o gosto da luta, monsenhor Sabino Loyola e sua alma pessedista. A essa época, sem as mesmas condições de formar ao lado do patrono, Palhano chegou a deixar de assinar José Palhano de Sabóia para se denominar José Palhano de Jesus, exagero de solidariedade que D. José se apressou em rejeitar. Ele descobriria, anos depois, uma forma de expressar solidariedade retroativa ao antístite, ao se envolver em atrito com um parente e antigo adversário do bispo: o juiz Olavo Frota, de Crateús.

## **A aflição do padre: “Vamos rezar!”**

No seminário, existiam mecanismos que buscavam conter a explosão da sensualidade dos jovens. As portas do banheiro eram serradas, para deixar ver as pernas dos seminaristas naquela etapa de higienização pessoal. Entre as camas, havia cortina

separando um seminarista do outro, formando quase um cubículo. O banho de chuveiro era milimetricamente cronometrado pelo aluno-prefeito. Ele apitava e abria o chuveiro. Logo apitava de novo, suspendendo o banho, dando tempo para o seminarista se ensaboar. Mais um apito, e abria a torneira para a última etapa do banho. Quem não tivesse tirado o sabão ficava assim mesmo. Entrava outra turma de quinze seminaristas, pois era o número dos chuveiros disponíveis.

O caminho da Betânia, onde ficava o seminário, até o centro da cidade, estava crivado de perigos. Numa residência do percurso, três filhas da família costumavam sentar-se às varandas da janela, deixando entrevistos seus notórios encantos. Os seminaristas recebiam ordem de não desviar o olhar, de fixá-lo na nuca do companheiro da frente. Em certos transe quando as coxas entrevistadas das moças excediam em matéria de sedução, até o sacerdote que conduzia o grupo se perturbava e recomendava: - *Vamos rezar, vamos rezar*. E puxava o terço, aflito e preocupado.

## O presenteador

O que, ao longo do tempo de seu prestígio como delfim da diocese, Palhano gastou com presentes é difícil contabilizar. Ao ministro da Justiça, Armando Falcão, deu mobília de jacarandá entalhada. Transformou em miniatura de jegue moedas de ouro do museu para um mimo ao presidente Jânio Quadros e a dona Eloah Quadros, sua esposa. Dona

Maria Teresa Goulart, esposa do presidente João Goulart, mandou buscar, num avião da FAB, grande quantidade de gatos maracajás, emas e seriemas, reunidos por ele, para o Palácio da Alvorada.

Depois da morte de D. José, o prefeito de Massapê, Chico Lopes, era encontrado, muitas vezes, no bar *O Capitão*, bebendo cerveja no cálice cravejado de pedras preciosas, ofertado ao bispo pelos padres que ele ordenara, por ocasião do Congresso das Vocações Sacerdotais de 1955.

A imponente cruz peitoral de ouro maciço, usada pelo bispo em ocasiões solenes, foi vista pela última vez no peito do ex-deputado Esmerino Arruda, numa boate carioca, de onde foi roubada quando ele ali foi acometido de enfarte do miocárdio.

Dona Elisinha Moreira Salles, mulher do banqueiro Walter Moreira Salles, também foi alvo de muito de seus mimos e os retribuiu, doando o equipamento da emissora de rádio que ele viria a instalar.

Palhano era mestre em conquistar as pessoas. Assim como fez com o bispo, fazia com os sacerdotes que desejava agradar, com as crianças que encontrava e mimoseava com bombons. Da mesma maneira magnetizou Cesário Barreto, com quem realizou o congresso da Obra das Vocações Sacerdotais e a campanha para prefeito.

Rompidos, foram os militares da família de Cesário apontados como responsáveis pela cassação de Palhano e por duas surras, aplicadas no Rio, em seu irmão Francisco Palhano, a pretexto do exercício de atividades subversivas.

O afastamento não durou muito. Não passaram quatro anos, reconciliaram-se sob a influência do ex-deputado udenista, Perilo Teixeira, advogado do padre. Nem todos os amigos do cassado, como o padre Moésia, aceitaram a retomada da amizade. O próprio pai, Júlio, se escondia no quarto quando Cesário lhe visitava o filho em casa.

A única vitória de Cesário sobre o ex-amigo ocorre em 1962, ano em que, apoiado pelo governador Parsifal Barroso, se faz prefeito. Na eleição seguinte, Palhano fica com Jerônimo Prado e derrota Aurélio Ponte, candidato de Cesário. Em 1970, os dois marcham juntos, sustentando a vitoriosa candidatura de Joaquim Barreto. Em 1972, José Prado, com o apoio de Palhano, vence Carlos Alberto Arruda, candidato de Cesário Barreto e de Chico Figueiredo. A última vitória de Palhano, apertada vitória, por 470 votos, foi a eleição de José Euclides Ferreira Gomes contra o próprio Cesário, apoiado pelo bispo e por muitos sacerdotes. Na campanha, o padre Sabino Loyola e o padre Gonçalo Pinho, este chamado de “rabo de burro” por Palhano, pelo fato de usar cabelos compridos, subiram diariamente aos palanques para pedir votos para o ex-prefeito contra o colega de sacerdócio. Não foram só os padres que se colocaram em campos opostos nessa batalha eleitoral. A família Ferreira Gomes também se dividiu na campanha. O vice de Cesário, Euclides do Carmo Gomes, era filho do deputado João Frederico Ferreira Gomes.

A propósito, dizem que um dos erros do candidato Cesário, que o afastou da família de Chicão, foi

anunciar que iria tirar seu restaurante da entrada da cidade. O outro foi ameaçar o ex-prefeito José Prado, dizendo: - *Já cassei o Palhano. Agora vou botar esse galinha-d'água na cadeia.* Com isto, estimulou o adversário a se empenhar por sua derrota.

No dia da apuração das eleições, a Rádio Tupinambá, vendo a derrota de Cesário para José Euclides, passou o dia repetindo frase muito usada por Palhano: - *Lasquei o Procópio!* Era o ex-prefeito no esforço de magnificar sua participação na vitória de José Euclides Ferreira Gomes Júnior.

Mas os mimos com que agradava às pessoas nem sempre eram investimentos políticos. Mais comumente, Palhano tinha, nos bolsos da batina, bombons para presentear as crianças, cigarro americano para os adolescentes, perfume para os padres amigos, tudo no intuito de conquistar o bem-querer das pessoas.

Quando Palhano, já homem forte da diocese, ia ao seminário, com freqüência mandava tocar a sineta duas vezes, concedendo feriados aos seminaristas, para desespero de seu diretor. Distribuía picolés, sorvetes, bombons e Coca-Cola. Interrompia o estudo noturno para lhes exhibir filmes de aventuras e películas de Charles Chaplin. Para os colegas padres, constantemente trazia presentes no bolso, como perfumes franceses caros, porque raros à época. Sua camioneta estava sempre à disposição dos pobres, para levar uma parturiente à Santa Casa, um casal de noivos ao altar, um doente ao posto de saúde, etc.

Os interesses religiosos do protegido de D. José não eram fortes, a não ser os litúrgicos. Ninguém comandava cerimônia religiosa com tanto brilho e acerto, para orgulho do protetor, que, também por isso, o tinha na maior estima.

A cabeça de Palhano, porém, estava mais voltada para outras atividades. Primeiro para o radioamadorismo, em que, a princípio, gastava suas noites. Depois para as possantes motocicletas inglesas, em que disputava corrida com o padre Marconi Montezuma, o automóvel de luxo que fez o bispo comprar e, por fim, os aviões. Ressuscitou, em 1951, o Aero clube de Sobral, que chegou a ter, em certa época, dois aparelhos. Era num deles que levava as moças para ver o céu de pertinho, as praias do Acaraú e os carnaubais do Charito, em Ipueiras. Palhano chegou a usar um Paulistinha de dois lugares e um *Tylocraft* de 4, dado por Adhemar de Barros. Possuiu também cavalos de corrida e o paradisíaco sítio *Quebra*, na Serra da Meruoca.

## O seminarista galante

Apesar da vigilância que o bispo exercia sobre os prazeres do sexo, o padre Palhano conquistou, à sua sombra, residindo em seu sobrado, sólida reputação galante. Rezam as lendas que o posteriormente padre e historiador João Mendes Lira, que ali também residia, certa noite não resistiu à curiosidade e quis conferir os álacres ruídos que escutava no térreo do prédio (D. José dormia lá em cima). Descobriu, para seu espanto, que o favorito

do bispo se recreava, ali mesmo, com uma amiga íntima, mulher de um funcionário do sobrado, conhecida pelo apelido nada romântico de Maria Cabeluda. Ficou num terrível drama. Até que, um dia, criou coragem e aconselhou-se com o monsenhor Fontenele, que o estimulou a ir à presença do bispo denunciar a descoberta. Foi o que fez. D. José fechou a cara, incrédulo. Ficou num pé e noutro, sem saber como se sair daquele embaraço em que o punha o denunciante, porque, de antemão, apostava na inocência de seu pupilo. Tanto que, quando acabou de narrar-lhe o que ouvira do denunciante, não resistiu e indagou dele: - *Como eu fico? Como fazemos?*

Palhano, com a simpatia e força de persuasão de sempre, convenceu-o de que nada daquilo era verdade. Devia tudo ao bispo e não iria desrespeitá-lo ferindo o voto de castidade, especialmente em sua casa. Ele devia atentar para os problemas mentais de vários integrantes da família Lira, a que parecia não escapar o então seminarista e futuro historiador. Saiu-se tão bem, que D. José perguntou: - *Então, o que fazemos?* - *Internemos o padre Lira*, propôs Palhano. - *Como? Onde?*, perguntou o bispo, surpreso. - *No Asilo de Parangaba, onde ficam os outros loucos*, respondeu conclusivo o pupilo.

Há quem diga que D. José não poupou agravos ao denunciante e praticamente o empurrou rumo à escada, para que fosse embora do sobrado diocesano, passando a dizer: - *Tirei o padre Lira do meu coração. Risquei o padre Lira das minhas amizades. Todo Lira é doido.*

O padre Lira passa por cima dos motivos de sua expulsão da convivência com o bispo: “Eu sabia plenamente que ele achava que a razão estava do meu lado quando tive de sair do Palácio, de sua companhia, às pressas, em 1945, onde lhe fazia companhia nas prolongadas tardes e noites sombrias.” (Padre João Mendes Lira, *A Vida e a Obra de Dom José*, pág. 80).

Rezam as lendas que, depois de tal acontecimento, começaram a aparecer na *zona*, em casas de prostitutas, cuecas com as iniciais do padre João Mendes Lira.

Tal expulsão seria responsável pela biografia ressentida que a vítima escreveu posteriormente, em que faz as mais cruéis comparações da personagem com figuras da História. O autor é implacável nas comparações: “Não é fácil escrever-se a vida de um homem, fazer-se um retrato de um homem que muitas vezes se mostrava profundamente humano e bondoso como Cristo, duvidoso e disfarçado como Pilatos, impetuoso como um César, intrigante como um Fouché, amigo leal como Richelieu, temido como Napoleão Bonaparte, amante de si próprio como os ditadores.” (Padre João Mendes Lira, *A Vida e a Obra de Dom José*, pág. 7).

## Jipe na zona

Num café da manhã, o hoje comandante Ariston Araújo, que era piloto-instrutor do Aeroclube e residia no sobrado do bispo, foi interpelado por D. José: - *Ariston o que você acha do jipe do bispo na zona?*

- Não estou acreditando, Excelência - disse Ariston. D. José não alonga a conversa porque estende a indulgência, dispensada a Palhano, aos amigos que acolhia no sobrado em que morava. Na véspera, à falta de carona de um amigo, Ariston havia saído no veículo de uso do anfitrião e parado a uma prudente distância das casas das prostitutas, a chamada *zona*. Cedo, muito cedo, a informação já havia chegado a D. José.

## A prisão da santa

Diz-se que a BBC de Londres, comentando o ocorrido em Crateús, divulgou para o mundo: “Um juiz monstro infelicitando um povo!!!” (O jornal *A Ação*, edição de 15 de novembro de 1953, publicou tal notícia, fato posteriormente posto em dúvida por atentos ouvintes da emissora inglesa).

O primeiro grande lance do pendor teatral de Palhano de Sabóia teve como cenário a cidade de Crateús e como alvo um velho inimigo de D. José, seu primo e juiz Olavo Frota. Este não apenas apoiou Deolindo Barreto, como também, pouco antes da morte do jornalista, influiu, junto a um ex-professor no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, o peruano Monsenhor Yaba, então trabalhando no Vaticano, na transferência do bispo para Uberaba, apenas evitada pela intervenção de Vicente Saboya junto ao Ministro das Relações Exteriores.

O pretexto seria a reação de seus habitantes quanto à escassa permanência da imagem de Nossa Senhora de Fátima, conduzida por ele em peregrina-

ção pela diocese, em favor de Ipueiras, cidade de menor porte, onde ela pernovernara, porque tinha como vigário o padre Correia Lima, seu colega de turma e amigo inseparável.

A *Ação*, órgão oficial da diocese do Crato, em sua edição de 15 de novembro de 1953, publicou o seguinte: “A detenção da imagem peregrina mundial em Crateús foi acintosa, injusta e desumana!” E prosseguiu: “O Juiz de Direito, o prefeito, o promotor, o delegado e o gerente do Banco do Brasil combinaram deter a imagem na cidade por tempo maior do que o programado, numa acintosa afronta ao Exmo. Sr. Bispo Dom José Tupinambá da Frota.” E continua: “Houve anúncio de que tudo fora resultado da ardente piedade popular. No entanto, a detenção da imagem deu-se por uma combinata oculta de inimigos da fé, *maçons e comunistas*, que, para melhor passarem, se justificavam como defensores da devoção popular a Nossa Senhora de Fátima.”

O mais grave, porém, veio a seguir: “O juiz José Olavo Frota é maçom e já foi preso como comunista, tem uma mão seca, aleijão que lhe adveio depois que escreveu uns artigos desaforados contra o padre J. Severiano.”

O mesmo jornal transcreve entrevista do padre Demontiez a *O Povo* de 12 de novembro de 1953: “Encontrei-me com o juiz, que me afirmou que a imagem só sairia de Crateús no dia seguinte. Pensei que o Sr. juiz estivesse brincando, e rindo declarei-lhe que isso não era possível por causa dos compromissos em outras cidades. O juiz e as autoridades

presentes disseram que a coação não era física, mas moral, e que o altar estava tomado e as saídas interditas, inclusive o campo de aviação.”

“Acrescentei que nada podia fazer. Alegavam que a imagem havia permanecido três dias em Sobral e pernoitara em Ipueiras. Portanto, poderia também pernoitar em Crateús. Diante do acontecido, comuniquei-me com o padre Palhano, que estava em Independência.”

Quando a elite da cidade se opôs à rápida partida de Nossa Senhora, Palhano deu telefonemas *urbi et orbi*, queixando-se da prisão da santa, o que foi noticiado pelos jornais de todo o País e até pela BBC de Londres, segundo se difundiu à época, o que foi questionado posteriormente. O certo é que ele distribuiu, de seu avião, boletins contra o magistrado, em Crateús e nos vários municípios do itinerário até lá. Palhano percebeu aí quanto podia gerar *factóides*, como hoje se diz.

O desdobramento do espetáculo ocorreria em Sobral, numa sessão de desagravo muito mais a ele que ao bispo, realizada no Cine Rangel, com a presença de 24 sacerdotes e o prefeito Paulo Sanford, transmitida pela Rádio Iracema da cidade. Falaram diversos oradores: o monsenhor José Osmar Carneiro, o professor Antônio Ferreira Porto e o padre Sabino Loyola, que iria se transformar em alvo de seus ataques no futuro, o padre Palhano e o bispo, que presidiu a solenidade.

O discurso proferido pelo padre José Palhano é piedoso, sem deixar entretanto de incluir toque

político quando se declara sobralense: “Aqui cheguei com um mês de nascido, aqui cresci, aqui me eduquei e, graças a Sobral, hoje sou o que sou: sacerdote. Portanto, perante a Nação, sou sobralense para todos os efeitos.”

Por último, como não podia deixar de ser, discursa o bispo, que fez questão de citar o padre Joaquim Severiano, com quem o juiz duelara na década de 20, pondo-se ao lado do jornalista Deolindo Barreto. Lembrou, segundo relato do *Correio da Semana* de 5 de novembro de 1953, que “tais escritos, sob todos os pontos de vista detestáveis, poderiam muito bem ser estigmatizados com um simples “Conforme com o original”, proferido outrora pelo pe. Joaquim Severiano, de saudosa memória, como alguém há de recordar.”

Foi noite de glória para Palhano.

Padre Geraldo atribui ainda à prisão da santa o espancamento do filho do juiz Olavo Frota, em Sobral, por amigos do padre Palhano e até por um funcionário de seu sítio *Quebra*, o italiano Rafaele Benedetti.

No seu livro *Sertões de Crateús*, no capítulo *Espancamento do Dr. Geraldo Frota*, ele relata:

“Dentista, homem de esquerda, filho do juiz Dr. Olavo Frota, visitando parentes em Sobral, é convidado a dar um passeio à noite. É seqüestrado (à época este termo não era usado) e levado para dentro do rio Acaraú e ali é espancado. Seus raptos teriam confessado ao Dr. Geraldo, no ato do espancamento, que eram amigos do padre Palhano.

Um italiano, de nome Rafael, encarregado do sítio *Quebra*, de propriedade do padre Palhano, teria sido uma das pessoas vistas no carro que conduzia o dentista seqüestrado. No que tem de verdadeiro ou não neste fato do italiano ter sido visto no atentado ao Dr. Geraldo, duas cousas, porém, não se podem negar:

1. Houve o espancamento, em Sobral, na pessoa do Dr. Geraldo.

2. Este fato tem íntima relação com o arrombamento do sacrário, em Crateús, assim como a prisão da imagem de Fátima.”

Prosseguem os comentários do padre Geraldo:

“Este seqüestro do Dr. Geraldo Frota tivera uma imensa repercussão em Crateús e Sobral, como se fossem as duas cidades que brigassem. Temendo uma represália vinda de Crateús, padre Palhano passou a andar com guarda-costas e armado, e seus auxiliares receberam revólveres. Um clima de tensão envolvendo o padre Palhano e a família do Dr. Geraldo, em Crateús. D. José, atônito, ignorando o que se urdia e se conversava no recôndito e limbo do Palácio Episcopal, sofria amargamente. Tendo só um canal de informações, que era o padre Palhano, a quem ele chamava de padre Zé, o qual informava o bispo sobre os acontecimentos do seqüestro onde ele, padre Palhano, era vítima “dos cabras de Crateús”.”

Roberto Gaspar, funcionário da loja *O Gabriel*, que vendia imagens de santos, fala da ida do sacerdote sobralense ao estabelecimento:

“Sempre que o padre Palhano chegava à loja para comprar artigos religiosos e perfumes, as vendedoras se assanhavam e diziam: - *Vamos ver o “pau-de-fogo” do padre Palhano!* Pois quando o padre se sentava para tomar um cafezinho e tirar dois dedos de prosa com o Vicente Gaspar, levantava um pouco a batina para cruzar as pernas e aparecia ao lado um enorme revólver que ele trazia.” (Carta ao autor, datada de 02 de novembro de 2002).

Voltemos ao livro *Sertões de Crateús*, em que o padre Geraldo assim julga o colega mais velho:

“Inteligente, hábil e perspicaz, líder de um poder envolvente e catalizador em torno de sua pessoa, padre Palhano marcou época em Sobral e na região. Com trânsito livre no aparelho da diocese e sinal verde aberto para influenciar nas nomeações e transferências de vigários, padre Palhano fora, em miniatura, uma antonomásia do frade Rasputin da Rússia, no tempo do czar Nicolau II e da czarina. É nesse contexto que se dão esses acontecimentos por nós aqui lembrados. Com todo o respeito, padre Palhano está para Dom José, como Rasputin está para o czar Nicolau II da Rússia.” (Págs. 347 e 348 do livro *Sertões de Crateús*.)

Mas não ficou só nisso. Na ausência do vigário, padre Bonfim, houve violação do sacrário da Igreja de Crateús na noite de 26 de outubro de 1954. Segundo o padre Geraldo: “Embora se omitindo no livro-tombo sobre essa versão, posteriormente, nos relatos em conversa, monsenhor Bonfim declarou-nos: “Foi coisa do Palhano”. E argumentou, dizen-

do-nos que a disposição das hóstias deixadas sobre o corporal, não caídas no chão, ou (deixadas) de qualquer jeito, era sinal de que quem violou o armário tinha ordens para não profanar as peças sagradas. Um leigo ou “ladrão” não entenderia de corporal.”

## O padre voador

Quando Palhano se aconselhou com o então deputado Esmerino Arruda sobre como fazer para gerar emoção em torno de seu nome, ele sugeriu: “Desapareça! Ache um jeito de sumir e com estardalhaço”. Ante a surpresa do interlocutor, propôs engendrarse sua morte em desastre para comover o coração dos eleitores sobralenses.

Ele decidira ser candidato a prefeito, destroando o grupo do deputado Chico Monte, sogro do futuro governador Parsifal Barroso, que detinha o controle do governo municipal desde 1947. Sentiu logo que enfrentaria o poderoso “coronel”, imbatível nos principais distritos da zona rural. Sem falar em que não poderia altear, com grande vantagem, a bandeira da Igreja, porque Parsifal Barroso era líder católico e, provavelmente por isso, fora convocado por Juscelino Kubitschek a ocupar o Ministério da Fazenda. Era preciso, portanto, fazer algo dramático para atrair a atenção da cidade para si.

A 13 de julho de 1957, chamou um dos adolescentes que costumava convidar a voar com ele, Ronaldo, filho do famoso cirurgião da cidade, Guarany Mont’Alverne, e de Nadir Ferreira Gomes,

membros de famílias importantes. Armou tudo direitinho, “na moita”. Iriam a Acaraú à tarde e voltariam a tempo de dormir em casa. Perto de Jericoacoara, Palhano começou a fazer manobras arriscadas, aparentando nervosismo, alegando que havia falhas que não sabia quais eram. Foi mostrando grande dificuldade que desceu numa praia, próxima daquele ponto turístico hoje internacionalmente famoso. Não havia ninguém por perto. O piloto mexeu no tanque e quase saiu gritando: - *Heureka! Sabotagem! Sabotagem! Bem que eu desconfiava! Queriam me derrubar. Botaram areia no tanque de combustível.* Amarraram o avião à beira-mar, a umas árvores, para conter o insulto do vento, e, à tardinha, encontraram jumento e burro que os levaram a Acaraú, aonde chegaram à noite.

Naqueles tempos de comunicações difíceis, o País deu como mortos o padre voador e seu jovem companheiro. Dormiram no Acaraú. De manhã, começou a chegar gente de Sobral e da redondeza, para comprovar a “tragédia”. Perto do meio-dia, dois aviões de Sobral trouxeram combustível. Palhano extraiu o que havia no tanque de seu aparelho em dois garrafões e, posteriormente, exibiu-os no Beco do Cotovelo como “prova” do atentado que iam cometendo contra ele. Os recipientes, claro, traziam no fundo a areia que, criminosamente, ali havia sido “colocada”. Ao encontrar Palhano, seu grande amigo padre Moésia, que levava os santos óleos para ungir o colega em caso de ter ele falecido, tentou recriminá-lo: - *Como é que fazes uma coisa dessas?* Palhano riu, gargalhou, desmanchando, com a simpatia de sempre, a cara feia do parceiro.

## O Congresso

O Congresso da Obra das Vocações Sacerdotais, realizado para comemorar o jubileu sacerdotal de D. José, constituiu monumental espetáculo montado pelo talento cênico de Palhano. Representou, do ponto de vista da hierarquia católica, acontecimento de importância nacional. Estiveram presentes o núncio apostólico, D. Armando Lombardi, o cardeal arcebispo do Rio, D. Jaime Câmara, o arcebispo de Fortaleza, D. Antônio de Almeida Lustosa, e outros bispos, como D. Avelar Brandão Vilela, de Petrolina, D. Francisco de Assis Pires, do Crato, D. Carlos Coelho, de Niterói, D. Expedito Lopes, sobralense, bispo de Garanhuns, D. Raimundo de Castro, de Oeiras, no Piauí, o governador Flávio Márcilio e o comandante da Região, general Alberto Salaberry, representando o presidente Café Filho. Pela primeira vez, veio ao Nordeste a banda dos fuzileiros navais do Marinha de Guerra, do Rio de Janeiro.

A praça, solenemente entregue ao povo de Sobral, em discurso pronunciado pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal, Dr. Paulo de Almeida Sanford, a 25 de outubro de 1955, estava iluminada e repleta. Atravessá-la, sob a luz dos refletores e os olhares atentos de todos, foi espetáculo inesquecível, temperado por alguma ocorrência inusitada, como a passagem de Ananias Arruda, vestido com a farda de *Comendador da Santa Sé*, o qual foi apresentado pelo locutor Peixoto de Alencar, confuso ou entusiasmado pelo culto a Baco, como “o ilustre almirante Pena

Boto”. Assistir à celebração simultânea de cinquenta missas por cinquenta sacerdotes ordenados pelo bispo ou atravessar a praça sob a atenção dos refletores e de toda a multidão constituiu espetáculo inesquecível.

Sobre o evento, o *Correio da Semana*, na edição de 06 de janeiro de 1956, publica, na primeira página, clichê de Palhano, “que desempenhou de maneira brilhante o cargo de secretário-geral do Congresso de Vocações”, e o balancete das despesas efetuadas com a realização do Congresso de Vocações do Jubileu Sacerdotal de D. José, de 26 a 30 de outubro de 1955, assinado pelo padre José Palhano de Sabóia e por Cesário Barreto Lima, apontando as razões do *déficit*: “Rendas que se contava receber e falharam: os prefeitos assinaram, no livro de ouro, um total de CR\$ 1.050.000,00 e pagaram apenas 344.000,00, faltando CR\$ 706.000,00. Quota votada e negada pela Câmara dos Deputados: 500.000,00. Verba votada pela Câmara de Sobral para o Congresso: CR\$ 340.000,00. Se todos houvessem cumprido a palavra, o Congresso teria um *superávit* de 625.895,00.”

Ainda na mesma edição, sob o título *Homenagens*, divulga o *Correio da Semana*: “Nesta edição comemorativa do Grande Congresso de Vocações do Jubileu de D. José, a comissão do referido congresso tem a alegria de cumprir o justo dever de prestar uma especial homenagem ao Sr. Cesário Barreto Lima, o maior benfeitor do congresso, sem a ajuda do qual não teríamos conseguido realizá-lo. Ao Dr. Paulo de Almeida Sanford, dinâmico prefeito da Prin-

cesa do Norte, que emprestou todas as tábuas para as bancadas da Praça do Congresso, num gesto de esclarecida colaboração, o reconhecimento da comissão do Congresso.”

## O balanço das queixas

O sentimento prevalente, porém, não foi esse, e sim o descontentamento com a parcimoniosa ajuda da Prefeitura.

Assim, a 30 de junho de 1956, o padre José Palhano de Sabóia publicava “esclarecimento” afirmando que “a Comissão Executiva do Congresso Diocesano de Vocações sente-se no dever de, a bem da verdade, levar ao conhecimento do povo de Sobral que não recebeu da Municipalidade nenhum centavo em dinheiro (grifo da nota) como ajuda ao referido certame de fé, que tanto elevou o nome de nossa querida cidade.”

Prossegue a nota: “Esclarece outrossim, que o Sr. Prefeito Municipal emprestou (grifo) grande parte das táboas destinadas à confecção dos BANCOS da Praça do Congresso, e que esta COMISSÃO fez igualmente a compra de CR\$ 106.192,20 às Serrarias Fortaleza e Fibrala de táboas para confecção do ALTAR, PALANQUES e complemento das bancadas.

Que toda a madeira foi beneficiada por conta da Comissão do Congresso nas Serraria Randal, Fibrala e Círculos Operários.

Que a Comissão pagou todos os trabalhos de mão-de-obra da confecção dos referidos bancos, bem como comprou todos os pregos para os mesmos.”

E continua: “Esclarece mais que todo o aterro da Praça e o aplainamento, excluindo os serviços de calçamento, foram feitos por esta Comissão e pagos por conta do Congresso. Que a única colaboração recebida foi o empréstimo do caminhão da Prefeitura, durante algumas horas em certas noites.

Que todos os serviços de iluminação, posteamento, cerca, etc. e ornamentação da Praça foram realizados e pagos pela mesma Comissão.”

Conclui o esclarecimento: “Que, portanto, a solene entrega da Praça ao povo de Sobral, em discurso pronunciado pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal na noite do dia 25 de outubro de 1955 foi meramente simbólica.

Que esta Comissão, pelo seu Presidente, padre José Palhano, Secretário padre Marconi Freire Montezuma e Tesoureiro Cesário Barreto Lima, está à disposição de quem quer que seja para prestar qualquer esclarecimento sobre o assunto.

Sobral, 26 de Junho de 1956.

Pela Comissão Executiva do Congresso de Vocações, padre José Palhano de Sabóia - Presidente.”

Ao publicar o balanço da festa, o padre Palhano registra a lacuna que levou o bispo à humilhação de pagar pela homenagem que lhe era feita. Esse foi o principal pretexto para distanciá-lo das forças políticas que elegeram Sanford, chefiadas por seu primo, Francisco de Almeida Monte.

## Amigo de Chico Monte

Antes, como era natural, em face da aliança do bispo com o adversário do Dr. José Saboya, Palhano dava mostras de sua amizade a Chico Monte. Bastou este fazer restrição ao desempenho do padre João Mendes Lira como pároco de Frecheirinha para, no dia seguinte, Palhano trazer-lhe ato de nomeação de Lira para vigário coadjutor de Acaraú. Chico não quis responsabilizar-se pela mudança. - *Não quer mais não?* - indagou Palhano. Ante a confirmação da negativa, rasgou ali mesmo o documento firmado pelo bispo.

O afastamento total se verificou quando Palhano percebeu que não tinha chances políticas ao lado do velho coronel. Jamais seria seu candidato a prefeito. Para o posto, ele preferia aliados certos e firmes, como Jacinto Antunes ou o primo Paulo de Almeida Sanford, que dele jamais dissentira e nunca lhe faria sombra.

Inicialmente, alistou-se, como era de se esperar, no grupo do deputado Francisco de Almeida Monte e de seu genro José Parsifal Barroso. Chegou a ser íntimo do segundo, o qual se converteu em assíduo freqüentador do sítio *Quebra*, de sua propriedade, na Serra da Meruoca, a cujos piqueniques comparecia levando sua lata de paçoca. O padre chegou a ensinar Régis Barroso, filho do senador, a dirigir o *Bel Air* do bispo, até descobrir que jamais abriria caminho político através daquele grupo. Há quem diga que o veto a seu nome saiu da boca de dona Maria Monte, mulher do soba da região e seu mais eficiente cabo eleitoral.

## Palhano e a política

No jornal *Diário do Nordeste*, edição de 24 de julho de 2001, Silveira Souza registra o entusiasmo de Palhano pelas campanhas políticas. Conta que, na eleição seguinte à de Raul Barbosa, “em plena celebração da bênção do Santíssimo na matriz de Groaíras – o bispo-conde oficiando o ato litúrgico –, Palhano mostrava-se irrequieto. A vermelhidão de seu rosto e suas constantes idas-e-vindas à sacristia, onde instalara um rádio *Transglobe*, demonstravam ansiedade face à apuração. Até que, numa daquelas vindas, bastante eufórico, cochichou ao meu ouvido: - *Silveira, apuraram a Pedra Banca. O Armando já vai na frente.*”

## A política de D. José

Na campanha eleitoral de 1947, o padre Sabino Loyola autorizou o chefe do PSD, Chico Monte, a incluí-lo na chapa de candidatos a vereador. Acredita que a influência do padre Palhano foi decisiva para D. José lhe escrever carta - ele havia viajado ao Rio -, pedindo-lhe que desistisse de sua postulação, com o que concordou.

Em 1947, o bispo estava alinhado com o novo PSD, comandado por Chico Monte, o qual, assim, não era mais *partido sem Deus*. Muito pelo contrário, apresentava como candidato o ex-comandante da Região, general Onofre Muniz Gomes de Lima, que repudiaria o apoio dos comunistas, apoio concedido ao desembargador Faustino de Albuquerque, da UDN de José Saboya.

## O anticomunismo em Sobral

José Leôncio Pessoa de Andrade, de família udenista, herói da FEB, envolvido em processo da polícia política do Rio contra a reorganização do Partido Comunista, foi apontado pelo padre Sabino Loyola como comunista e teve de dar explicações à cidade.

Em boletim de 06 de agosto de 1948, distribuído em Sobral sob o título *Repto ao Revmo. padre Sabino Loyola*, eis o que diz José Leôncio: “Tendo V. Revma. afirmado, às 10 horas do dia 4 do corrente, ao microfone da amplificadora instalada na Praça São João, ser eu reconhecidamente comunista, tão-somente por participar da nacionalização da exploração do petróleo do Brasil, venho instar que V. Revma., também de público, apresente os fatos comprobatórios, as provas jurídicas ou os documentos que atestem a verdade de sua afirmativa, pois não tenho outros compromissos além do que mantenho com o diretório das famílias Gomes Parente, Ribeiro da Silva e Ferreira Gomes.”

Não foi apenas nesse episódio que Loyola nos defendeu do credo bolchevista. No auge da *guerra fria*, referido sacerdote manteve-se sempre vigilante na defesa das tradições democráticas e cristãs contra o perigo comunista. Chegou, certa vez, a ir até Camocim, cutucar a fera em sua toca, combater o credo vermelho lá onde era tão disseminado entre ferroviários e portuários.

## A candidatura a prefeito

Palhano prepara a candidatura a prefeito de Sobral. No âmbito doméstico, tenta obter o *nihil obstat* de seu patrono. Aí não se detém ante ameaças que lhe viabilizem o objetivo. Tenta conquistar o apoio dos líderes tradicionais da UDN, que se inclinavam pela candidatura do padre José Gerardo Ferreira Gomes.

Correspondência de 24 de janeiro de 1956, endereçada por D. José ao padre José Palhano, autoriza a crer que Palhano até ameaçou deixar Sobral para forçar uma decisão de seu chefe e protetor: “Sinto que V. R. não se sente mais bem em Sobral, e tenho outras impressões que talvez não deva externar.”

O bispo, a seguir, lhe confere carta-branca para tomar qualquer decisão: “Peço-lhe que não olhe só para as inclinações e sim para as razões preponderantes do seu espírito; diga-me o que quer ou deseja fazer, sem esperar o dia da minha morte, que por muitas razões não pode estar longe. Tudo farei pela sua felicidade sem olhar para quaisquer outras razões; reflita, pois, e resolva com liberdade a sua situação conforme o seu desejo e as suas aspirações, e não interprete as minhas palavras senão à luz das inúmeras provas de amizade paternal, de ilimitada confiança que sempre depus em sua pessoa, pelos excepcionais dotes de espírito e coração com que DEUS tão liberalmente o enriqueceu.”

Na resposta de D. José ao pupilo, pode-se depreender o drama do bispo, pelo tom apaixonado

do da carta que envia a Palhano, às vésperas de retiro espiritual: “Saberá V. R. adivinhar com que eu estou escrevendo estas linhas? Se não estivesse eu dactilografando esta carta, em que tinta eu a escreveria? Com lágrimas, talvez.” (Pe. João Mendes Lira, *A Vida e a Obra de D. José*, págs. 74 e 75).

Muitos afirmam que a inclinação da UDN era lançar um padre como candidato, um padre culto, aristocrata, perfumado, como o padre Gerardo Ferreira Gomes. D. José, porém, optou por Palhano, o que ocasionou uma discussão acalorada dos dois sacerdotes, na escada do sobrado diocesano, que, na versão exaltada de alguns, chegou à troca de sopapos.

Mais tarde, Palhano já candidato, Chico Monte pretendeu lançar o padre Gerardo. Este recebeu o veto expresso do bispo, que alegou não querer deixar que um padre lutasse contra outro em sua diocese.

O afeto ao pupilo leva D. José a romper politicamente com Francisco de Almeida Monte, que fora praticamente seu pseudônimo nas disputas contra José Saboya. Em 1958, concede autorização para a candidatura do padre José Palhano de Sabóia à Prefeitura de Sobral e participa de quase todos os comícios da campanha eleitoral, apesar da idade e do precário estado de saúde. É como autor da vitória que participa de almoço oferecido ao pupilo, consagrado nas urnas prefeito municipal da cidade, destronando do posto aliados de Chico Monte, que ali se revezavam desde 1947.

A rigor, não se tratou de uma campanha eleitoral, mas de cruzada religiosa, liderada pelo próprio bispo, D. José Tupinambá da Frota, presente em quase todos os comícios, em todas as passeatas, em tudo quanto contribuisse para a vitória de seu protegido, candidato à Prefeitura de Sobral. Do outro lado, Chico Monte, cujo genro pleiteava o governo do Estado, lutava, desesperadamente, pela manutenção do poder municipal.

Nem tudo eram flores na disputa pela Prefeitura. O grupo de Chico Monte, com amplo apoio nos distritos, na área rural, parecia inabalável. Derrotava sempre o candidato da UDN, da elite urbana. Era preciso exasperá-lo, para levá-lo a algum ato de violência que o prejudicasse. Ou desmoralizá-lo em sua lendária valentia. E utilizar a presença física do bispo, a batina do padre e o prestígio da Igreja na disputa, o que foi feito desinibidamente. Palhano, sempre de batina, encantou, enfeitiçou, apaixonou a cidade. O bispo, doente, quase senil, participou de quase todos os comícios. Desfilava na camioneta Rural ou no jipe do padre-candidato pelas ruas e avenidas da cidade. Cléver Rocha lembra haver contemplado, com espanto, D. José aparecer, de madrugada, na sacada de seu sobrado, todo paramentado como para uma missa solene, para abençoar eleitores de Palhano, que vinham de um de seus comícios. Do alto dos céus, em seu avião, uma amplificadora recomendava aos fiéis: “A voz de Deus manda votar no padre Palhano”. Na intimidade, D. José incorporava, por inteiro, as desafeições de Palhano e passava a chamar a mu-

lher do candidato de Osga (nome de uma víbora doméstica), ao invés de Olga.

Nos distritos, os matutos ouviam e repetiam que Palhano deixara de ser Papa em Roma para se eleger prefeito de Sobral. Ele empolgou a cidade de tal modo, a ponto de o professor Gerardo Rodrigues ter ouvido gritos de populares, dizendo: “Palhano ou bala”.

Causou espanto o entusiasmo de uma distinta dama da sociedade, Dolores Marinho de Andrade, quase octogenária, arrancando galho de um ficus-benjamim para empunhá-lo numa passeata a favor do padre-candidato.

Nos comícios, Palhano denunciava a ação de cabos eleitorais do adversário: “As lobas estão uivando no Alto da Expectativa”, referindo-se ao proselitismo de Ester Patriolino, Edite Capelão e Chica Bolão a favor do candidato de Chico Monte, Jacinto Antunes.

E chamava de “bândido” a José Cândido Parente Soares, o gerente da fábrica de tecidos que, com freqüência, cortava a luz dos lugares onde iria realizar grandes concentrações. O certo é que eletrizava as multidões com sua fala. Ao final da campanha, a cada parada de seu jipe, realizava comício-relâmpago, que reunia e empolgava pequenas multidões. Quando num comício de final de campanha no Junco, perpetrou o trocadilho: “Eu já sinto...” Fez uma pausa e repetiu várias vezes: “Eu já sinto...” E continuou: “... que Jacinto já sente que será derrotado. Era mesmo um desaforo ele vir de

Alagoas para ser prefeito de Sobral.” Os presentes deliraram.

Na campanha eleitoral de 1958, explorou-se muito que, em sendo eleito Palhano, Sobral ficaria sem primeira-dama. Ele anunciou durante vários dias, em comício ao pé do Arco do Triunfo, erguido em homenagem à visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que iria revelar quem seria a primeira-dama da cidade. Fez mistério em torno do nome. No dia aprazado, comoveu todo o mundo, afirmando: - *Sobral terá primeira-dama: será Nossa Senhora de Fátima, em honra de quem foi erguido este arco.*

Palhano passava em seu veículo em frente ao sobrado do velho coronel, em plena luz do dia, acompanhado de alunas do Colégio Sant’Ana gritando palavras de ordem de campanha e de insulto a Chico Monte. O general Severino Sombra, fundador da Legião Cearense do Trabalho, em 1932, que sonhava com cadeira na Câmara dos Deputados, foi trazido de Fortaleza para proferir discurso de ataques ferozes ao velho soba sertanejo, em frente à *Igreja do Rosário*, diante do sobrado em que residia. Chico ainda quis descer, mas foi dissuadido de reagir pela mulher, a filha e os amigos, que lhe mostraram ser justamente esse o objetivo do adversário.

Chico Monte fez do genro, Parsifal Barroso, governador do Estado, mas perdeu a base local que era a Prefeitura da cidade, que dominava desde 1947. Palhano foi vitorioso. E deu vitória a Virgílio

Távora, candidato ao governo do Estado, e Olavo Oliveira, que disputava a cadeira senatorial. A fortaleza eleitoral de Chico Monte desmoronou nos distritos rurais em que era majoritário, derrotado pelo carisma do padre e pela deterioração de sua liderança. O bispo presidiu o banquete de comemoração da vitória de sua última campanha eleitoral. Morreria logo depois, em setembro. Segundo alguns, de pneumonia, contraída em suas andanças de cabo eleitoral.

## A força de Chico Monte

Chico Monte manteve o controle da Prefeitura de Sobral, depois do Estado Novo, de 1947 a 1962 quando o perdeu para o padre José Palhano de Sabóia.

Ele assentava sua força político-eleitoral na Prefeitura da cidade, conquistada sempre com o apoio da área rural, dos distritos de Sobral, em especial Santa Maria, ironicamente chamada pelos adversários de Santa Maioria.

Em 1947 fez vitorioso o agrônomo Jacinto Antunes, num pleito questionado, em sua lisura, pela UDN do Dr. José Saboya.

## Resultado das Eleições 1947

| Prefeito              | Votos |
|-----------------------|-------|
| Jacinto Antunes (PSD) | 5.018 |
| João Melo (UDN)       | 4.531 |
| Gustavo Madeira (PRP) | 868   |

Em 1950 elegeu Antônio Frota Cavalcante contra José Leôncio de Andrade, com o seguinte resultado:

| Prefeito                 | Votos |
|--------------------------|-------|
| Antônio Frota Cavalcante | 7.860 |
| José Leôncio de Andrade  | 6.767 |

Em 1954 apesar do susto sofrido com o crescimento da candidatura de Chico Boto na cidade, vence com Paulo de Almeida Sanford. Seu candidato foi eleito prefeito, é certo, com 4.142 votos, menos, porém, que os sufrágios somados de João Ribeiro Ramos (3.439), Pedro Mendes Carneiro (2.424) e Chico Bôto (Francisco das Chagas Gomes) (2.280), resultado que demonstra queda do prestígio do grupo montista.

| Para Prefeito | Votos |
|---------------|-------|
| Paulo Sanford | 4.142 |
| Dr. Ramos     | 3.439 |
| Pedro Mendes  | 2.424 |
| Chico Bôto    | 2.280 |

A muito custo, consegue nas eleições presidenciais de 1955 dar vitória ao seu candidato, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

| Para Prefeito     | Votos |
|-------------------|-------|
| Juscelino         | 2.962 |
| Juarez Távora     | 2.926 |
| Plínio Salgado    | 1.107 |
| Adhemar de Barros | 694   |

O pleito de 1958 marca a derrota de Chico Monte, em sua cidade. Perde a Prefeitura e vê derrotada a chapa majoritária, encabeçada pelo genro que apoiava e que seria eleito governador. Como consolo, registra que continua a ser o candidato a deputado federal mais votado em Sobral.

| Para Prefeito Municipal | Votos |
|-------------------------|-------|
| Padre Palhano           | 8.472 |
| Jacinto Antunes         | 5.329 |

Majoria de Padre Palhano - 3.143 votos.

Padre Palhano teve com companheiro de chapa (Vice-Prefeito) Pedro Mendes e Jacinto Antunes teve como companheiro de chapa (Vice Prefeito) Chico Bôto.

Votaram 13.857 eleitores.

| Para Senador     | Votos |
|------------------|-------|
| Olavo Oliveira   | 7.319 |
| Menezes Pimentel | 6.244 |

| Suplentes de Senador              | Votos |
|-----------------------------------|-------|
| Raimundo Ivan Barroso de Oliveira | 6.788 |
| Waldemar Alcântara                | 5.963 |

| Para Governador  | Votos |
|------------------|-------|
| Virgílio Távora  | 7.556 |
| Parsifal Barroso | 6.515 |

| Vice-Governador          | Votos |
|--------------------------|-------|
| Acrísio Moreira da Rocha | 7.408 |
| Wilson Gonçalves         | 6.323 |

| Deputados Federais (Mais votados)<br>Coligação Democrática | Votos |
|--|-------|
| Ernesto Sabóia   | 4.511 |
| Bonaparte Pinheiro Maia                                    | 489   |
| Edilson Távora   | 332   |

| Oposições Coligadas | Votos |
|---------------------|-------|
| Francisco Monte     | 5.741 |

Com o apoio do governador Parsifal Barroso, consegue reagir à empolgação em torno de Jânio Quadros, dando vitória ao candidato do PSD/PTB, Marechal Teixeira Lott.

## Resultados das Eleições Presidenciais 1960

| Presidente        | Votos |
|-------------------|-------|
| Marechal Lott     | 2.712 |
| Jânio Quadros     | 2.578 |
| Adhemar de Barros | 103   |

| Vice-Presidente  | Votos |
|------------------|-------|
| João Goulart     | 2.744 |
| Milton Campos    | 2.452 |
| Fernando Ferrari | 166   |

Desaparecido Chico Monte, os candidatos apoiados pelo governador Parsifal Barroso Francisco Adeodato e Marcelo Sanford não conseguem juntos superar a votação conquistada pelo padre Palhano em 1962. Já Cesário Barreto por 783 votos derrota Jerônimo Prado, apoiado por Palhano na corrida para a Prefeitura.

|                    |       |
|--------------------|-------|
| Deputado Federal   | Votos |
| Padre Palhano      | 7.842 |
| Francisco Adeodato | 3.438 |
| Marcelo Sanford    | 2.562 |

## Olga veta Rádio para Palhano

Tempos depois, em entrevista a J. Ciro Sarai-va, no jornal Tribuna do Ceará de 19/04/1980, Palhano lembra correspondência enviada à época, em 1958, pela mulher do candidato ao governo do Estado, D. Olga Monte Barroso, a D. José.

“Naquela época, D. José hospedava no Palácio o candidato Virgílio Távora, que era muito cortês com D. José em Brasília, de modo que, quando ele ia a Sobral, D. José tinha o prazer de hospedá-lo no Palácio. Dizia a carta: “Neste momento, em que o Palácio está interdito para nós, e pessoalmente não lhe posso falar, faço-lhe esta carta, para protestar contra a tremenda injustiça de que está sendo acusado o Parsifal. Vossa Excelência bem conhece a formação cristã do Parsifal. Sabe, perfeitamente, que é incapaz de ofender um Ministro de Cristo, principalmente quando essa pessoa é o nosso Bispo, que sempre foi e será respeitado por todos nós. Parsifal, falando ou escrevendo, nunca o chamou de *caduco* nem nunca impediu que para Sobral viessem verbas federais. Estaria ele agindo contra mim mesmo, pois é testemunha do meu trabalho em favor desta terra. Assim é que, mesmo sabendo que Vossa Excelência estava apoiando a candidatura udenista, não medi esforços para conseguir da LBA a ajuda destinada à

construção do Pavilhão Infantil. Segundo testemunho do Dr. Eugênio Gomes de Carvalho, superintendente da referida instituição, nunca o deputado Armando Falcão tratou desse assunto na Legião. Dona Anahid de Andrade é udenista, e com ela estou trabalhando para a abertura da Maternidade Manuel Marinho. Como o problema é urgente e eu daqui nada podia fazer, dei a melhor jóia que trouxe nestas férias para um leilão em favor da citada Maternidade. Fundei aqui, com a ajuda do padre Almeida, a Sociedade das Pioneiras Sociais, destinada a acabar com a mendicância na cidade, e nela estão as senhoras da melhor sociedade local, sem que se fale em cor política. Que Vossa Excelência apóie a candidatura do Cel. Virgílio Távora ao Governo do Ceará está certo. Eu mesma o faria, se Parsifal não fosse candidato. Mas temos que acabar com essas baixas intrigas, tão próprias desses homens grosseiros, sórdidos, pelos quais é representada a UDN de Sobral, que, no abuso da ingenuidade política do padre Palhano, nos arrasta a uma campanha de autêntico desrespeito ao clero, para minorar sua situação partidária, tão fraca e desacreditada, como é o partido brigadeirista em Sobral. Ninguém se iluda, Dom José. Parsifal será vitorioso na eleição de outubro. A recomendação do Cardeal Dom Carlos Mota, que diz: “Feliz é o Partido que tem nos seus quadros um homem como Parsifal Barroso”, calou profundamente em todos os meios religiosos do Estado e, para tristeza, à exceção apenas de minha terra, em que o Bispo resolve apoiar um candidato que apenas freqüenta a Igreja em missa de sétima

mo dia. A esta altura, é necessário que Vossa Excelência saiba que barrei a autorização da Rádio pedida pelo padre Palhano. E o Ministério da Aeronáutica já recolheu um dos aviões do Aeroclube, que havia servido para derramar sobre a cidade boletins de anarquia política contra o Ministro do Trabalho. E assim continuarei a minha luta política, enquanto for candidato da UDN o padre Palhano, porque o meu interesse é atingir o partido e o candidato. Meus votos de saúde, maiores respeitos. Atenciosamente.”

## Recusa de Virgílio Távora

Contou-me Raimundo Ivan Barroso de Oliveira que, na campanha eleitoral de 1958, Palhano disse a Virgílio Távora que havia uma maneira de desmoralizar Chico Monte e fazê-lo perder as eleições: seqüestrar dois de seus mais inflamados cabos eleitorais do sexo feminino, Ester Patriolino e Edite Capelão, e deixá-las despidas na beira do rio Acaraú, com o corpo tingido de vermelho.

Segundo o saudoso ex-deputado, o candidato da UDN recusara a sugestão, afirmando: - *Se eu precisar fazer isto para ser governador do Ceará, prefiro não ganhar a eleição.*

## A fala do vencedor

Logo após eleito, Palhano se dirigiu ao povo de Sobral através dos microfones da Rádio Iracema, num desafio ao novo governador José Parsifal Barroso: - *Não iremos à sua procura nem bateremos no*

peito um hipócrita "mea culpa", para ficar e cair na sua simpatia de futuro governador do Estado.

No pronunciamento divulgado na edição de 25 de outubro de 1958 do *Correio da Semana*, adverte: - *Jamais consentiremos que Sobral seja transformada na Caxias de um Tenório, como já estão a apregoar.*

E diz: - *Não permitiremos que sejam perseguidos e humilhados aqueles que tiveram o civismo, a hombridade de sufragar nas urnas de 3 de outubro o nome do padre Palhano para prefeito de Sobral. Depois ameaça: - Queremos dizer-lhes que conhecemos todos os caminhos do Rio de Janeiro. Sabemos como se entra no Palácio do Catete, no Ministério da Guerra, no Senado Federal, na Câmara dos Deputados, no Ministério da Justiça. Temos também à nossa disposição jornais na capital da República. Não pretendemos; porém, estamos advertindo que, se a isto formos obrigados, faremos de Sobral um caso verdadeiramente nacional."*

Se queria guerra, teria guerra. E nem sempre a perderia em matéria de publicidade, que sabia usar como ninguém. Antes que sobreviesse sua cassação, o sucessor, Cesário Barreto, convertido em inimigo, antecipava punições. Depois de divulgar folheto, apontando o antecessor como responsável pelo desvio de dinheiros municipais, o novo prefeito, no primeiro ano de sua gestão, pintava retrato implacável:

"O livro-documentário que publicamos sobre sua vergonhosa administração surtiu os efeitos desejados. A justiça, que, como Deus, tarda, mas não

falta, já deu a sua primeira sentença, confirmando as nossas documentadas denúncias. Outras sentenças virão brevemente, e não tardará o dia em que o haveremos de ver no lugar reservado aos ladrões - a Cadeia Publica -, para felicidade da administração pública e infelicidade dos infelizes que lá se encontram, pois ao contacto de figura tão repelente serão os mais atingidos pelo contágio da decomposição moral de que é portador irrecuperável.”

A 14 de abril de 1964, antes pois da cassação de Palhano, o juiz José de Albuquerque Rocha decretava a prisão preventiva dos irmãos do ex-prefeito, Francisco e Luís Marcelo, acusando-os de crime de peculato, configurado no artigo 312 do Código Penal.

Posteriormente, no *Correio da Semana*, Palhano pediria o arquivamento do processo, proclamando-se convicto da inocência dos irmãos, ex-tesoureiros da Prefeitura Municipal.

---

Página 2

Correio da Semana

Sobral, 19/9

---

#### A PEDIDO

Carta aberta dirigida pelo Padre Palhano ao advogado da Prefeitura de Sobral Moacir Gomes Sobreira, e lida pela Rádio Tupinambá nos dias 15 e 17 de agosto último

Sobral, 15 de Agosto de 1970  
Ilmo. Sr. Dr. Moacir Gomes Sobreira  
M.D. Advogado da Prefeitura Municipal  
de Sobral  
Nesta cidade.

Por intermédio de determinada pessoa, ligada intimamente a sua família, chegou ao meu conhecimento de que os processos, ou melhor, os autos dos processos que a Prefeitura de Sobral move contra minha pessoa e as dos meus irmãos, se encontram em seu poder para estudo e posterior encaminhamento à justiça competente para o respectivo julgamento.

Em se tratando da verdade do fato, não posso deixar-me fugir a feliz oportunidade, para em nome do Direito e da Justiça, fazer um veemente apelo ao ilustre advogado da prefeitura de Sobral, no sentido de abreviar o quanto antes os seus estudos sobre o assunto e remeter no prazo mais breve possível, esses autos à justiça competente para o necessário e exigido veredicto.

Dentro dos princípios legais e sob as normas jurídicas que nos regem, não encontramos justificativa para que, por tantos longos anos, esses autos se encontrem engavetados, sem que sejam remetidos a quem de direito para a apreciação final.

Ninguém mais do que eu tem o maior interesse e empenho de ver esses lamentáveis casos solucionados definitivamente, e neles nada há que nos inspire medo ou receio, uma vez que confiamos na inteireza de caráter de justiça dos Juizes de nossa Comarca.

Quem não deve, não teme, reza o adágio popular.

O amigo, como argüto advogado e conhecedor das leis que nos regem, orientam e disciplinam, ao que suponho que o seja, há de convir comigo, depois de um minucioso estudo e apreciação desses processos, de que carecem às acusações contidas nos mesmos contra minha pessoa e a dos meus irmãos, aquele fundamento jurídico, aquela conceituação de provas, aquele critério de imparcialidade que deveriam presidir a formulação dos processos e das provas comprobatórias, que a gravidade da acusação estaria a exigir.

São futeis e despidas de autenticidade jurídica as levianas acusações, frutos das injunções políticas e oriundas de vinganças pessoais.

Frageis e por si sós, elas mesmas se destroem: sinão examinemos detalhadamente, à luz da verdade e da justiça.

De início, quero revelar-lhe que nada há nesses processos, que ao menos, siquer de longe, nos traga intranquilidade, pavor ou medo.

Antes, faço questão e exijo mesmo que um Juiz, com J maiúsculo me julgue das acusações a mim feitas, em face das provas apresentadas e contestação feita por intermédio de meu advogado.

Assim, comecemos pelo tão falado processo do Ar Condicionado e Motor de Luz do Jordão. Nos autos em apreço, está sobejamente provado e comprovado, que o aparelho de ar condicionado por mim adquirido ao tempo em que era prefeito de Sobral, para ser instalado na prefeitura, no gabinete do prefeito, era da marca "Emerson" e tinha um cavalo de potência; e, o que foi adquirido ao mesmo tempo para a Rádio Tupinambá, é da marca "Philco", e tem apenas um quarto de cavalo de força. Inclusive, foi apresentado recibo da firma vendedora com respectivas notas fiscais.

Falta portanto fundamento jurídico e está comprovada da falsidade da acusação, competindo a autora da ação reconhecer a injustiça do que foi imputado, mandando desistir da mencionada ação reivindicatoria. Aliás, foi isto o que o advogado Dr. Perilo Teixeira, que me defende nesse affaire, sugeriu ao atual prefeito de Sobral, e que não foi bem recebido da parte do advogado da prefeitura, que distorceu o fato e nos veio com uma petição inteiramente fóra dos objetivos e da orientação do meu advogado.

Alegou no momento o advogado que ainda se deve recordar, que "as condições revolucionárias não permitiam tal providência" e, a um amigo meu, no seu estabelecimento comercial, declarou mais, "que não iria tirar a corda do meu pescoço para colocá-la no do atual prefeito, eleito exclusivamente, graças às forças que obedeceram a orientação e apoio da Rádio Tupinambá, aliás, tenho carta do mesmo a mim dirigida onde reconhece e agradece esse apoio.

Acho ser um bárbaro sofisma sua argumentação, sobretudo quando sabemos que a Revolução de 1964 não foi feita para acobertar injustiças e revalidar indignidades.

Na má vontade e falta de reconhecimento da verdade é que vamos encontrar justificativa para tão frageis argumentos.

Quanto ao motor de luz, também adquirido por mim para o distrito do Jordão, e que consta nos autos, apropriei-me indevidamente do mesmo, também está provado e comprovado na contestação apresentada pelo brilhante advogado Dr. Perilo Teixeira, que o mencionado motor foi levado para a oficina do Sr. Cesário Melo, pelo Vereador Manoel Artur da Frota, afim de ser recuperado, e lá ainda até hoje se encontra à disposição da prefeitura de Sobral.

Há duas cartas devidamente autenticadas, uma do vereador em apreço e outra da direção da Oficina Mecânica com as declarações oficiais a que me refiro.

Assim, falece também amparo jurídico para o prosseguimento desse famigerado processo.

Então porque temer seja o mesmo encaminhado à justiça? Porque me apavorar com certas ameaças de conhecidos chantagistas, como si esse processo fosse um *bicho papão*, e eu fosse um menino *buchudo* que não possuísse qualquer noção do direito, da justiça, da verdade?

Não! Faça-me o especial favor de remetê-lo o quanto antes à justiça aliás, ãz petições ao juiz de Direito por duas vezes solicitando a continuação desses processos, afim de que julgado, me veja livre das chantagens e ameaças a que me referi.

Quando ao outro processo, em que sou acusado de peculato, também carecem de jurisdição as provas comprobatórias em nome da justiça e da verdade.

Examinemos a acusação de que sou vítima. Sou acusado de haver me apropriado de um cheque no valor de 200 contos (duzentos contos), que, teria recebido eu na qualidade de prefeito do município das mãos do Sr. Gerente da Companhia Souza Cruz, e, que não havia mandado fazer a escrituração no Livro Caixa da prefeitura, tendo me apropriado indebitamente da importância.

O senhor que foi Secretário da prefeitura, é testemunha de que todo e qualquer pagamento não é feito diretamente ao prefeito, mas sim à repartição competente e credenciada, no caso a Tesouraria, que fornece o talão de recebimento.

Ademais, durante os quatro anos em que desempenhei as funções de prefeito da cidade, em tempo algum falei com o Sr. Gerente da Souza Cruz de Sobral sr. Moacir Andrade sobre qualquer assunto, e de modo especial sobre pagamentos de impostos. E porque não se diz em qual Banco foi esse cheque descontado?

Muito pequena importância, para um processo de tão graves consequências, inclusive até de prisão preventiva!!! Hoje, como acadêmico de direito que o sou, e melhor conhecedor do nosso sistema jurídico é que vejo a fragilidade e injustiça do que foi contra mim feito perversa e desumanamente.

Quanto aos cinco talões que acusam o meu irmão Francisco Palhano de Saboia de haver dado as segundas vias como Tesoureiro da Prefeitura, em cujo cargo obedeceu e cumpriu à risca orientação pessoalmente por mim dada, inclusive quanto à prestação de contas exigidas descortemente pelo vice-prefeito, e que motivou o seu rompimento, fatos a que me referirei detalhadamente no meu livro a ser publicado brevemente sob o título, "As minhas memórias", não tiveram os seus acusadores o cuidado de apresentar os talões com as datas que correspondessem à presença do mesmo à frente da Tesouraria da Prefeitura. Porquanto, os talões constantes no processo são de datas que variam de 19 de Julho a 30 do mesmo mês. Ora, acontece que desde o dia primeiro de Maio do mesmo ano, o meu irmão Francisco estava afastado das funções de Tesoureiro, e havia sido nomeado o seu substituto, ainda com a agravante de, diariamente está o mesmo assinando ponto no Armazem 8 do Cais do Porto do Rio de Janeiro.

Como poderia o meu irmão no Rio de Janeiro, diariamente frequentando o seu emprego, está ao mesmo tempo soltando talões na Tesouraria da Prefeitura de Sobral? Não acha um absurdo, e uma verdadeira impossibilidade, podemos classificá-la até de quase metafísica, que isso tenha acontecido?

Nesse assunto de bilocação, temos conhecimento que tenha ocorrido apenas com Santo Antonio! O outro que me chegou ao conhecimento, é esse do caso das acusações contra

o meu irmão Francisco, hoje, aliás, com a saúde precaríssima em face de dois sucessivos infartes, motivados pelos dissabores desse processo e consequente decretação da prisão preventiva da parte de um juiz, que já prestou conta a Deus de semelhante felonía.

Quanto a acusação que pesa contra o meu irmão Luis Marcelo Palhano de Saboia, carece completamente de base e fundamento jurídico, e é inteiramente improcedente.

É o mesmo acusado no tal processo de haver a exemplo do meu outro irmão Francisco soltado talões em duplicatas, e apresentam dois ou tres, mas, apenasmente assinado, prestem bem atenção, por "Marcelo Saboya", e com uma letra com caractéres grafológicos inteiramente diferentes da caligrafia do meu irmão, que tem firma em todos os cartórios da cidade e bancos.

Uma comparação entre a assinatura dos talões e a verdadeira assinatura do meu irmão Luis Marcelo, revela a grosseiria da falsificação de sua assinatura, e aliás, ele em tempo algum firmou qualquer documento ou recibo apenas assinando unicamente as palavras – "Marcelo Saboya", e sim, em todos os documentos por ele firmados está sua assinatura por extenso, Luis Marcelo Palhano de Saboia.

Qualquer perito em grafologia, ou mesmo técnico, por mais elementares que sejam os seus conhecimentos específicos, dará um laudo comprobatório da falsificação da assinatura do meu irmão, acusado como eu de peculato.

Então Dr. Moacir Sobreira, diante do exposto, e em face da fragilidade das provas apresentadas na acusação, porque temer que esses processos cheguem até às mãos do Juiz competente?

Não! Absolutamente não!

Quero mais uma vez lhe dirigir um veemente apelo, e o faço, não na qualidade de ex-prefeito do município, ou do ex-deputado federal, aliás o mais votado no interior do Ceará, pois o sr. Paulo Sarasate passou de mim, porque teve 12 (doze) mil votos na capital, enquanto lá tive apenas cerca de 900 (novecentos) votos, também não quero me referir a minha qualidade de sacerdote, cuja dignidade tem sido tão enxovalhada e ultrajada, a ponto mesmo, de um insensato me haver atribuído a autoria do roubo de turibulo, mas irá responder na justiça pela leviana acusação, a não ser que se retrata dentro do que preceitua nossa legislação penal: já não falo como o sacerdote vivo que tenha prestado maiores serviços à Diocese de Sobral, inclusive na consolidação de seu hoje, valioso patrimonio representado pelo Museu Diocesano: quero lhe fazer este apelo, como academico de direito que o sou da Faculdade de Direito Candido Mendes do Rio de Janeiro, na Guanabara, às vésperas de ser seu companheiro e colega nas lides da advocacia profissional: peço ao ilustre advogado da Prefeitura de Sobral, meu futuro e próximo colega, que remeta ainda hoje mesmo para as mãos do Juiz de Direito de Sobral esses dois processos que a Prefeitura de Sobral move contra o seu prefeito que tanto trabalhou pelo seu engrandecimento e amparo a sua pobreza.

Faça-me este favor, nesse particular trate-me com a correção e deferencia como sempre o tenho tratado, mercê das convicções políticas antagonicas que hoje nos separam.

Mas, quando se trata da justiça e da verdade, há desentendimentos no terreno político devem ser superados para que possamos entronizar no seu devido lugar a verdadeira Justiça e a Verdadeira Verdade.

Não me sinto revoltado com a maneira incorreta como tenho sido tratado da parte de certos correligionários seus da extinta UDN de Sobral, que tão depressa e tão cedo se esqueceram do meu esforço, dedicação e lealdade pelas vitorias do partido, e somente sob a sombra da minha batina e do meu prestígio pessoal junto às massas de minha querida terra, vieram a ter conhecimento e experimentar-las.

Não me ofendem os ultrajes e constantes nos imundos pixamentos da parte desses conhecidos elementos, dos miseráveis testamentos de judas, e por último, pelo recente boletim anônimo, ao que tudo indica, feito dentro das paredes da própria Prefeitura de Sobral, pelos mesmos conhecidos elementos, e inclusive tenho testemunha ocular que presenciou a entrada dos mesmos no prédio da prefeitura por cerca das 10 horas da noite, tendo saído

de lá, já pela meia noite, e logo no dia seguinte distribuíram o imundo quanto infame boletim, que é bem o retrato moral de seus autores.

Nada disto me atrapalha ou perturba, porque nem melhora e nem pioro em face dos conceitos emitidos. Sou o que sou diante de Deus, e nada mais.

Como padre e ministro de Cristo, dou e tenho para com todas essas pobres criaturas, cegas, miopes, apaixonadas e obeceadas, o meu generoso perdão.

Si pelos meus pecados mereço de Deus, todas essas duras provações, que Deus me castigue, e recebo humildemente das mãos de Deus, justíssimo vingador de seus ministros as provações merecidas.

E, se não mereço, que Ele então venha na defesa de seu padre injustamente ultrajado, humilhado, caluniado e processado.

De antemão aceito plenamente o que Ele, na economia de sua Justiça Divina, houver por bem decidir...

Não direi nunca, apesar dos pezares, como o fez a senhora Olga Monte Barroso, em carta dirigida ao santo e saudoso Dom José, em data de 2 de fevereiro de 1958: "temos de acabar com estas baixas intrigas, tão próprias desses homens grosseiros e sórdidos pela qual é representada a UDN de Sobral".

Não praticaria a injustiça de generalisar o particular.

Como o imortal Rui Barbosa diria apenas: "As revoltas da consciência contra as más causas, ainda contra as piores, não azedam um coração desinteressado. O meu tem atravessado as maiores procelas políticas, às vezes soçobrado, ferido, sangrando no entusiasmo e na esperança, mas sem fel. Não seria este novo encontro, embora duro e violento, com a mentira política, a velha corruptora dos nossos costumes, a sabida arrumadeira das cercanias do poder, a pimpona rixadora do grande mercado, que me induzisse a esquecer, para com as pobres criaturas por ela contaminadas, a lição divina da caridade. Antes de ser político prezo de ser cristão, me orgulho de ser padre. Não sei odiar os homens, por mais que deles me desiluda. O mal é inexorável, pela consciencia de ser caduco. O bem, paciente e compassivo, pela certeza da sua eternidade."...

Cria-me sinceramente

servo e amigo in J. C.

PADRE JOSÉ PALHANO DE SABOIA

---

Com a mesma facilidade com que se impressionava com as pessoas, facilmente delas se desencantava. Foi o que aconteceu com seus auxiliares na Prefeitura, Wilson Vieira e Jerônimo Torres, posteriormente objeto de agressões físicas suas e também a Geraldo Barrão, cineasta frustrado de Sobral.

Wilson Vieira, intelectual reputado, que, no caso da prisão da santa em Crateús, escrevera contra o juiz acusado da detenção, em defesa de Palhano, foi um dos primeiros a ser recrutado para a Prefeitura, de onde saiu odiado pelo prefeito e seus familiares.

Lêem-se no jornal *Unitário* (31/03/1959) as primeiras providências do novo prefeito, padre Palhano; escolha do seu secretário e do tesoureiro:

Secretário: Raimundo Wilson Vieira

Tesoureiro: Francisco Palhano de Sabóia

Já em 16/04/1959, o padre Palhano, prefeito de Sobral, endereçou a *O Povo* o seguinte telegrama: “Peço desmentir a notícia do telegrama divulgado pelo “Unitário” do indivíduo Wilson Vieira. Referido cidadão, sem nenhuma cotação moral perante os homens de bem de Sobral e bastante desacreditado perante a opinião pública da cidade, vive a nos provocar. Domingo, na Praça Duque de Caxias, dirigiu grosseira provocação ao meu irmão, que reagiu dignamente à altura, tendo o indivíduo Wilson fugindo em desabalada carreira por cerca de duzentos metros, refugiando-se covardemente na residência de Gerardo Magela. Agora procura fazer-se de inocente, acobertado por proteção policial. Agradeço a divulgação.”

## Uma paixão

A galanteria de Palhano era notória, tendo sido até objeto de irônicos comentários de Jáder de Carvalho, no seu *Diário do Povo*, no começo da década de cinqüenta. Na primeira página da edição de 28 de dezembro de 1951, seus feitos galantes conquistam esta manchete do referido jornal. A primeira, não a última de sua trepidante carreira. Nessa edição, o jornal de Jáder de Carvalho esclarece a sua atitude frente aos católicos do Ceará: “Nada de lutas religiosas.

Mas tudo pelo esclarecimento das massas e identificação dos faunos de batina, em defesa do lar cearense”. No comentário “Aos católicos do Ceará”, lê-se com todas as letras: “O padre-garanhão, hospedado no quarto 212 do Excelsior Hotel, é o secretário do Bispado de Sobral, Sr. José Palhano de Sabóia.”

Na edição de 19 de dezembro, dissera ele: “... há poucos dias, estive hospedado no quarto 212 do EXCELSIOR um jovem e fogoso padreco. Nos seus aposentos, entrava diariamente uma bela mulher, sendo de mais de duas horas o idílio gostosamente observado pelos moradores dos quartos vizinhos, através dos buracos das fechaduras. O caso foi levado ao conhecimento da gerência do hotel, e as testemunhas oculares dos amores ilícitos já nos deram, sob sua responsabilidade, o nome da bem-amada do sacerdote e o número de sua casa, num subúrbio desta capital.”

O forte do eleitorado de Palhano era o sexo feminino. Ainda hoje, moças daquela época lembram a emoção que as dominava quando o padre, cheio de charme, sorrindo, sacudia para o ombro, negligentemente, a faixa que usava na cintura da batina.

Há quem acredite que, durante a campanha eleitoral de 1958 para a Prefeitura de Sobral, Palhano contraiu a única paixão de sua vida por respeitável moça da sociedade sobralense, que, a essa época, preferia namorar um contemporâneo, Darcy Barbosa de Paula Pessoa. O certo é que, no dia 20 de janeiro, o prefeito, recém-eleito, chegou a esbofetear o estudante, numa cena de ciúmes. A família Paula

Pessoa, no dia seguinte, emitiu nota, firmada por José Barbosa de Paula, João Barbosa de Paula Pessoa, Paulo de Almeida Sanford, Ildelfonso de Holanda Cavalcante, Olavo Rangel, Helvécio de Paula Pessoa Sanford e Amílcar Alverne de Paula Pessoa, entre outros, denunciando o padre-prefeito: “Foi o jovem Darcy Barbosa de Paula Pessoa, ao passar pelo bairro *Pedrinhas*, seguido por outro *Jeep*, conduzido pelo padre José Palhano, que chegou a interceptar a marcha do veículo dirigido por aquele jovem. Ao chegar à Avenida São João, o Padre Palhano, fazendo um rodeio, ocasionou uma aproximação em sentido contrário, ao lado da Igreja do Menino Deus, onde foram ouvidas, de seu *Jeep*, palavras indecorosas dirigidas a Darcy, não se respeitando, sequer, a presença das senhoritas que o acompanhavam, tendo o ofendido devolvido referidos insultos. Não satisfeito, padre Palhano, provocando novo encontro, trancou, com seu veículo, o *Jeep* dirigido por Darcy, quando então proferiu as seguintes palavras: “Olhe, seu vagabundo, se você quiser marcar um encontro comigo, marque, que eu *topo*”, dando, inesperadamente, uma bofetada em seu rosto e partindo em disparada. É de notar que o padre Palhano, momentos antes, estivera também na AABB, ficando a dar voltas no pátio daquele clube, parecendo aguardar a saída de Darcy.”

São os seguintes os signatários do protesto: José Barbosa de Paula Pessoa, Dr. João Barbosa de Paula Pessoa, Lúcio Barbosa de Paula Pessoa, Dr. Armando Barbosa de Paula Pessoa, Ernani Barbosa de Paula Pessoa, Brisamar Azevedo, Vicente

Barbosa de Paula Pessoa, Manoel Barbosa de Paula Pessoa, Simão Barbosa de Paula Pessoa, João Barbosa de Paula Pessoa, Flávio Viriato de Sabóia, Dr. Paulo de Almeida Sanford, Ildefonso de Holanda Cavalcante, Major Dr. João Barbosa de Paula Pessoa Mendes, Tenente-Coronel Felizardo de Paula Pessoa Mendes, João Barbosa de Paula Pessoa Sabóia, João Barbosa de Paula Pessoa Cavalcante, João Vanderilo Alverne de Paula Pessoa, Amaury Barbosa de Paula Pessoa, Major Dr. João de Paula Pessoa Sanford, Major Dr. José Flávio de Paula Pessoa Sabóia, Dr. Olavo Rangel Parente, Helvécio de Paula Pessoa Sanford, Roberto de Paula Pessoa Sanford, Marcelo Frota de Paula Pessoa, Amílcar Alverne de Paula Pessoa e Alarico Alverne de Paula Pessoa.

Tão logo faleceu D. José, o prefeito Palhano de Sabóia, aproveitando a emoção despertada pelo acontecimento, vingou-se. Deu o nome do bispo à Avenida Senador Paula Pessoa, que homenageava o *senador dos bois*, pai do senador Vicente de Paula Pessoa, avô do senador Tomaz Rodrigues e fundador de uma família que ainda hoje tem representante no Senado, Patrícia Saboya Gomes, mas já não tem seu nome ligado a nenhuma rua ou avenida de Sobral.

## Loyola ganha

A disputa pela Rádio Educadora do Nordeste foi vencida pelo padre Sabino Loyola, velho aliado de Chico Monte. Com o patrocínio do governador Parsifal Barroso e Olga Monte Barroso, a primeira-

dama do Estado, a emissora começou a funcionar a 20 de maio de 1959.

À festa de inauguração não compareceu o bispo, alegando doença, enfermidade tão grave, que não lhe permitiu, sequer, receber equipamentos da emissora para gravar saudação à nova estação de rádio. Claro que já se encontrava sob total domínio do protegido.

Somente mais tarde, já deputado federal, Palhano montaria sua emissora, a Rádio Tupinambá, através da qual, ferozmente, ajustaria contas com o padre Loyola e com os padres que se colocavam ao lado de seus adversários políticos, todos alvos de ataques brutais, quando não peçonhentos.

## **Briga de Palhano**

Numa das primeiras brigas com o padre Sabino Loyola, depois de instalar sua emissora, Palhano prometia prêmio, em sua estação de rádio, para quem soubesse dizer quantas peças pertenciam ao acervo do museu e quantas havia depois da morte de D. José. Tratava-se de um artifício para insinuar desonestidade, nunca provada, do padre Sabino Loyola.

Quando Sabino disse, em sua emissora, que o cupim havia comido algumas peças do museu, Palhano não hesitou em fazer uma insinuação malévola, direcionada ao bispo D. Valfrido: - *Só se for cupim vindo da Bahia.*

Ao receber crítica de Sabino por erros de Português, Palhano ironizava: - *Claro, aprendi Por-*

*tuguês com ele! E aconselhava: - Não ouçam Rádio que fala mal de padre. Você pode ser castigado.*

Quando queria impressionar mais os ouvintes, dizia em Latim: “Nolite tangere Christos meos”, citando um santo da Igreja.

## **O mobilizador de multidões**

“O Cesário Barreto concedeu violenta entrevista à Radio Iracema de Sobral contra a administração do Prefeito Padre Palhano. Coincidência ou não, D. José Tupinambá da Frota adoeceu neste dia. Palhano foi à Rádio Educadora e acusou Cesário de responsável pela doença de D. José e, ao mesmo tempo, convocou o povo de Sobral para o linchamento de Cesário”, escreve-nos seu filho, o ex-deputado César Barreto Lima.

E continua: “Uma multidão se dirigiu à casa de papai, na Praça da Sé, que esperava armado, junto com o fiel motorista Raimundo e alguns amigos. No meio do povo, dizendo palavras de ordem, duas irmãs de Cesário: tia Porcina e tia Margarida.”

“Papai, com esta estória, mostrava que o padre era um comunicador excepcional, um verdadeiro hipnotizador de ouvintes”, conclui César.

## **A morte de D. José**

D. José morre a 25 de setembro de 1959, e aí começam as amarguras de Palhano. Na própria agonia, ele mantém inteiro controle sobre o patrono. Chega a proibir visitas de outros padres,

o que levou o reitor do seminário, Austregésilo Mendonça, a falar ao seminarista Francisco Assis Rocha, então residindo com o bispo em seu sobrado, das mágoas que tal interdição suscitava. Palhano desdenhou: - *Isto é um bando de bocamole*. E reiterou a proibição por escrito, dispensando “visitas de solidariedade, para tratar de qualquer assunto”.

Ele ainda consegue do bispo, sem maior esforço, portaria em que ele o elogia generosamente, o que não pode constituir surpresa para ninguém, embora seus adversários registrem que D. José estava praticamente cego e lhe perguntava a cada papel que Palhano lhe pedia que assinasse: - *O que é isto, padre Zé?*

Diz a portaria, datada do dia 19 e publicada em manchete da edição de 23 de setembro de 1959 do *Correio da Semana*, poucos dias antes do falecimento de seu signatário: “Fazemos saber ao Exmo. Sr. Padre José Palhano de Sabóia, Prefeito Municipal de Sobral, que, no tempo devido, solicitou e obteve nossa plena aprovação sobre sua candidatura e sobre a aceitação da mesma, porquanto sempre estivemos certos de que nenhum outro cidadão poderia desempenhar as altas funções de Prefeito de Sobral, dadas as suas excepcionais qualidades.”

“Apraz-nos acentuar que nenhum outro sacerdote desta Diocese o igualou nas manifestações de dedicação, caridade insuperável, solidariedade para a nossa pessoa, o que nos faz seu credor da mais profunda gratidão.”

Na hora da morte, Palhano é quem ministra a comunhão ao protetor. Quando, diante dos presentes, volta para guardar a âmbula, vaso em que se guardam as hóstias no sacrário do sobrado, como que desfalece sobre o braço direito e desata num pranto ruidoso, em voz alta, deixando emocionados os que viram a cena em que ele demonstra seu sentimento de perda, que, como logo se veria, seria maior do que se podia imaginar.

De início, pretendeu que apenas seu nome constasse da lápide do túmulo do bispo na Catedral, sendo dissuadido pelo bispo, D. Coutinho, que lhe sugeriu fosse homenagem de todo o clero. D. Coutinho, com muito jeito, fê-lo optar entre a secretaria do Bispado e a Prefeitura, dizendo preferir que ele ficasse a seu lado, justamente para levá-lo à solução previsível: permanecer no poder municipal.

## **Palhano dedica sua emissora ao bispo falecido**

De início, a emissora do padre Palhano chamou-se Rádio Difusora Princesa do Norte, e foi ao ar no dia 7 de maio de 1962, em fase experimental. Inaugurada oficialmente a 17 de junho, teve como diretores o padre José Palhano de Sabóia e seu irmão Marcelo.

O sacerdote explica a razão de sua homenagem:

“A homenagem mais bonita e afetuosa que poderíamos prestar àquele que tudo fez pela terra que o viu nascer era dar o nome da mais nova emissora

sobralense de Rádio Tupinambá. Quem não se lembra da figura ímpar, santa e saudosa de D. José Tupinambá da Frota? Deus o levou do nosso convívio, mas sua presença permanece viva em nossa memória, pelas obras imperecíveis que a divina Providência confiou ao seu zelo apostólico. A Rádio Tupinambá lança, através de suas ondas sonoras, o nome de Sua Excelência como maior filho de Sobral de todos os tempos. Abençoa, D. José, de onde gozas da visão beatífica de Deus, os nossos trabalhos, os nossos sacrifícios e os nossos sofrimentos. Manda para tua Rádio Tupinambá as melhores bênçãos celestiais. O teu nome é a certeza e a garantia da nossa vitória e o triunfo das causas que defendermos. padre Palhano.”

## **A trilha das amarguras**

Com o desaparecimento do protetor, estava aberta a trilha de amarguras que Palhano iria percorrer. Embora suspenso de ordens pelo bispo D. Mota, ainda foi deputado federal. Mas teve de forjar boletim, atribuído ao monsenhor Sadoc de Araújo, com apelo macarthista, distribuído por toda a diocese, negando o interdito imposto pelo superior, a que ele desobedeceu. Furioso, D. Mota foi celebrar na Igreja do Menino Deus e reiterar a proibição.

Eis o teor do boletim: “Aos católicos da Diocese de Sobral. Deante (sic) das explorações infundadas dos políticos inescrupulosos, segundo a qual (sic) teria o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Dom Mota conde-

nado a candidatura do padre Palhano para deputado federal, a bem da verdade, em nome de Sua Excelência, venho desmentir tais notícias e declarar que todo o clero votará no padre Palhano, exemplo que deverá ser seguido por todos os católicos, para que assim possamos ter na Câmara Federal uma voz para defender a Igreja, combater o Comunismo e o divórcio. Sobral, 4 de outubro de 1962.” O boletim traz a assinatura do padre Francisco Sadoc de Araújo, chanceler do bispado de Sobral.

O último momento de glória do padre Palhano consiste na eleição a uma cadeira na Câmara dos Deputados, apesar do veto expresso do bispo D. João José da Mota e Albuquerque, em 1962, à sua candidatura. Como o seu arquiinimigo, o governador Parsifal Barroso, havia deixado o PTB, rompido com seu presidente Carlos Jereissati, mais que depressa Palhano, esperto, ficou em seu lugar, no partido do presidente da República. Tendo conseguido fazer-se amigo do casal Maria Teresa e João Goulart, ainda teve acesso a bons empregos para alguns amigos e correligionários.

## Ameaças de morte

Um dos grandes tentos publicitários do prefeito padre Palhano, em meio às dificuldades políticas e administrativas que atravessava, geradas pela briga com o governo do Estado e a Câmara Municipal, consistiu em fazer com que Carlos Lacerda assinasse, no *Mundo Ilustrado* de 5 de fevereiro de 1959, reportagem intitulada *A morte sobe ao poder no Ceará*.

“Um homem amarelado, um rifle 44 e um “coronel” prepararam a morte do padre-prefeito.” Referida matéria foi transcrita no jornal *Diário do Povo* de 06 de maio de 1959. O futuro governador da Guanabara garante que se prepara a morte do padre Palhano e de outros cidadãos de Sobral: “Só um milagre poderá evitar. Um milagre tal como um acesso de honra no genro do governador, ou um resto de bom senso no presidente da República, que doravante ficam responsáveis pelo que possa acontecer ao padre Palhano, prefeito de Sobral e secretário do Bispo.”

Mesmo em 1980, Palhano insiste em que quiseram matá-lo: “Os criminosos que foram me matar em Sobral tiravam candidatos aqui da cadeia. Como Saldanha, que foi lá e eu falei com ele, na entrada da Prefeitura, e ele me abraçou. Depois eu fui chamado às pressas pelo secretário Moacir Sobreira, que perguntou se eu sabia com quem estava falando. E eu disse que não sabia. Pensei que fosse um pobre, que queria uma ajuda, e o Moacir me falou: “É um criminoso tremendo, tem não sei quantas mortes. É o Saldanha. Vou já passar esse telegrama para o Tribunal”. Então, foi comunicado aqui ao Tribunal de Justiça e, no outro dia, o Tribunal mandou um carro com a Polícia buscá-lo. Depois de um ano, Saldanha estava para morrer na cadeia, e o padre Ivanildo me chamou, que ele queria falar comigo. Queria pedir perdão, porque tinha ido a Sobral pra me matar. Uma senhora tinha mandado, tinha dado a faca, que estava lá.” Ele se recusou a declinar o nome da referida mulher.

## Um processo rumoroso

Tais eram as paixões que suscitava, que Palhano passou a andar acompanhado e armado de metralhadora. Não poucas vezes foi acusado de esbofetear adversários como o jornalista Wilson Vieira, que o processou por isso, Jerônimo Torres, que nega tal violência, embora reconheça haja fugido da cidade para evitar agressões, e o fotógrafo e cineasta frustrado Geraldo Barrão, apelido de Gerardo Guilherme Cavalcante.

A 14 de janeiro de 1961, Wilson Vieira, seu ex-secretário, esbofeteadado por Francisco Palhano, processa-o na Justiça, o que possibilita a Palhano o levantamento da opinião pública da cidade a seu favor.

O jornal *Unitário* registra:

“Solidariedade ao sacerdote que tem encontro com a Justiça - Comércio de Sobral não abre hoje - Situação na *Princesa do Norte*: Wilson Vieira depôs com a esposa chorando.”

Ante o aparato policial do governo do Estado, outro jornal publica:

“Sobral virou praça de guerra: povo frenético nas ruas.”

E abaixo de uma fotografia: “No flagrante, grupo dos 70 soldados que estavam na praça do Fórum.”

A audiência foi realizada sábado, às 10 horas, com a ausência do padre Palhano, que alegou exigências das leis canônicas da Igreja, “não observadas até da autorização do bispo de Sobral”.

Mais adiante, incansável, Palhano denuncia trama contra sua vida, em telegrama publicado na edição de 15 de janeiro de 1961 do jornal *Unitário*:

“A encenação farisaica de trazer policiais para prestigiar a Justiça é um mero pretexto, pois o próprio delegado de Polícia Heitor, cinicamente, desrespeitou a decisão da Justiça. Querem aproveitar o ensejo para executar a trama urdida nos bastidores e conseguirem concretizar na minha pessoa o mesmo que fizeram há anos, no mais bárbaro crime da história de Sobral, quando foi fria e covardemente assassinado o valoroso jornalista Deolindo Barreto Lima. Estou seguramente informado do sinistro plano para eliminação de minha vida, por ocasião do tal depoimento, quando simularão um tumulto popular para pretextar um tiro casual.”

## Chovem flores do céu

O atropelamento de uma criança por veículo da campanha eleitoral do adversário, Cesário Barreto, em 1962, se prestou a impecável espetáculo teatral. O padre acompanhou o enterro, em seu *Jeep*, lenço à mão para enxugar lágrimas. Ao lado, seu candidato, homem sério, Jerônimo Prado. Palhano instou para que ele fingisse chorar. O outro negou-se: - *Não consigo*. O sacerdote chasqueou: - *Então corta uma cebola e passa nos olhos*. Quando o caixão ia ser enterrado, do céu choveram flores, que caíam do avião usado por Palhano.

Assim Amauri Amora Câmara, então presidente da Câmara Municipal, comentou o episódio em depoimento ao NUDOC, em 24 de janeiro de

1984: “Um adversário, do pessoal do Chico Monte, atropelou uma criança e a matou. Palhano pegou-a, levou-a a um amigo da gente, fez um comício, uma passeata, um enterro monstruoso com aquele pobrezinho. A família aceitou porque era apaixonada pelo Palhano, e o que o Palhano quisesse fazer fazia. Ele era um homem carismático, terrível.”

Palhano ironizava o excesso de carros da campanha de Cesário Barreto, candidato do governador Parsifal Barros à Prefeitura: - *Se pneu votasse, Cesário estava eleito.*

## O golpe

Vem o golpe militar de 1964 e o começo da longa via-sacra de Palhano, um dos primeiros a perder o mandato e os direitos políticos, graças sobretudo à amizade do general Castello Branco com os militares da família de Cesário Barreto Lima, o qual acusa Palhano de haver recebido dinheiro destinado à Prefeitura, quando já se encontrava eleito deputado federal.

De repente, seu mundo caiu: o medo da prisão, a falta de dinheiro. No início, ainda contou com a ajuda de deputados. Depois, viveu dos parcos rendimentos de sua emissora de Rádio e da ajuda de amigos, enquanto, no Rio, cursava a Faculdade de Direito Cândido Mendes. Formado na turma de 1962 de que foi orador, embora passasse muito tempo do ano escolar em Sobral, terminou voltando para Sobral.

## Fascínio por Palhano

Do ex-deputado César Barreto, em 2003:

“Conversei muito com a mamãe sobre o Padre José Palhano e senti um certo bloqueio sobre o assunto. Para mamãe os piores anos da vida foram os da época da amizade e da época da briga do padre com o Cesário. Da época da amizade, segundo a mamãe, o Palhano exercia um controle rasputiniano sobre o papai, quase um encantamento. Da briga, lembro, com tristeza, as ameaças de morte do Palhano e do irmão Chico contra o papai. Fala de um episódio ocorrido em 1959 quando estava grávida de minha irmã Carminha, estava na porta de nossa casa na Praça da Sé e o Palhano passou de *Jeep* junto com o irmão e apontou uma metralhadora para a mamãe, que passou mal e quase abortou. Lembro do sofrimento e do desespero dela agarrada com o papai que queria sair para procurar o padre Palhano.”

Logo, porém, Palhano estava fazendo política e participando de campanha eleitoral junto com o algoz. É que em 1969 houve encontro secreto entre o padre Palhano e o ex-prefeito Cesário Barreto, promovido por seu advogado e amigo dileto, ex-deputado Perilo Teixeira, durante o qual renovaram a amizade entre muitas lágrimas do sacerdote.

Em conseqüência, Barreto volta a funcionar como seu banqueiro até 1975, quando rompem, novamente, por conta da reconciliação do primeiro com o ex-secretário de Agricultura, Francisco Figueiredo. Em cartão timbrado da Câmara dos Deputados, datado de 4 de agosto de 1969, pede so-

correr “o nosso bom amigo François, que se encontra numa imprevista dificuldade. Como o amigo se tornou “refúgio dos aflitos”, é que me lembrei de mandá-lo à sua presença, certo de que ele será bem-sucedido”.

A 2 de janeiro de 1970, em bilhete escreve:

“Caro Cesário, fraternal abraço.

Pelo nosso comum amigo Abdelmoumen Melo, estou remetendo mais quinhentos contos por conta do empréstimo.”

Outro bilhete, datado de 29 de abril de 1970, é mais afetuoso:

“Ao querido amigo, o meu grande abraço pela significativa vitória. Aproveite a ocasião para falar com o Marcelo.”

A 17 de julho de 1970, o padre Palhano divulga, em sua emissora, crônica, submetida previamente a Cesário Barreto, desancando a atuação político-partidária de Francisco Figueiredo como secretário de Agricultura do governo Parsifal Barroso, o qual teria sido responsável pela renúncia deste à candidatura a prefeito.

Na publicação, Palhano saúda o futuro governador César Cals, que visitaria Sobral, e adota o jargão dos militares então no poder. E não poupa elogios ao primo do algoz: “De um lado, temos a pessoa honrada do professor Joaquim Barreto Lima, deputado estadual, muito benquistado no seio da sociedade sobralense, onde goza de merecido conceito, dedicado pai de família, de reconhecido espírito públi-

co, comerciante dos mais progressistas, que, à custa do labor cotidiano, ao lado do seu tio e segundo pai, Coronel Francisco Chagas Barreto, se fez na vida, recebendo do mesmo sábias lições de experiência, auferida ao longo do curso dos anos, no trato e desempenho das funções comerciais.”

No referido pleito, Joaquim Barreto, fortemente apoiado por Palhano, derrotou Vicente Antenor Ferreira Gomes por mais de 2000 votos.

## Campanha de José Euclides

Surpreende assim que Palhano se engaje, em 1976, na campanha de José Euclides Ferreira Gomes para prefeito, contra Cesário Barreto, alegando pretender vingar-se de velho inimigo, já que todos sabiam das estreitas ligações que mantiveram na vitoriosa campanha de Quinca Barreto.

Não podia esperar assim a solidariedade de seu bispo nem dos colegas de sacerdócio, o que o levou ao desespero.

No programa *Encontro com a Verdade*, na Rádio Tupinambá, de sua propriedade, Palhano passa a criticar D. Valfrido e seus auxiliares, monsenhor Sabino Loyola e os padres Gonçalo Pinho e Egberto Andrade. Numa de suas críticas, Palhano chega a dizer: - *Não sou eu quem sai dos cabarés às duas horas da madrugada e vai direto celebrar missa e dar comunhão; não sou eu quem anda com prostitutas; não sou eu quem anda enchendo a cara de cachaça no cabaré da Dozinha.* O bispo de Sobral o adverte, acenando com punição grave em caso de reincidência.

Em reportagem da autoria de Egídio Serpa, no *Jornal do Brasil* de primeiro de fevereiro de 1977, Palhano insiste em responsabilizar o monsenhor Sabino e o padre Egberto pelo desaparecimento de um lustre *Baccarat* do Museu D. José.

Chega a ser tocante a naturalidade com que Palhano comenta o uso de *Kombis* do Ministério da Saúde. Conta ele a Serpa que recebeu duas ambulâncias do então senador Carlos Jereissati, ainda no governo João Goulart: “Como não tinha hospital nem ambulatório, transformei uma delas em carro de passeio para uso pessoal e conservei a outra como ambulância, levando e trazendo pessoas pobres da zona rural para hospitais de Sobral.” (*Jornal do Brasil*, 01/02/1977).

## Vendetta contra Cesário

Quando Palhano decide apoiar a candidatura de José Euclides Ferreira Gomes contra a de Cesário Barreto, alega tratar-se de tentativa de vingar-se de quem foi responsável por sua cassação. (No máximo, podia ser represália pelo fato do ex-prefeito se haver reconciliado com o ex-secretário da Agricultura do governo Parsifal Barroso, Francisco Figueiredo). Percebe, porém, que o bispo, D. Valfrido, e alguns padres não encampam sua proposta de vingança requestrada. Com o apoio do chefe, os padres Sabino Loyola e Gonçalo Pinho foram presença constante nos comícios de Barreto. Aí começaram, em sua estação, a Rádio Tupinambá, as agressões ao bispo, as quais vão num crescendo desesperado, como se ele tivesse consciência de estar gravemente enfermo, no fim da vida.

Nunca se vira, na terra do hierático e austero D. José, algo comparável à disputa travada entre Palhano e Sabino Loyola. Vai num crescendo tal, que não hesita em aludir à onda de pederastia que grassava na cidade como oriunda da Bahia, terra-berço do bispo D. Valfrido, a quem chamava ainda de *burro mitrado*.

Sabino acusava Palhano de responsável pela precipitação da morte de D. José, exposto ao vento e à chuva nos palanques, quando acometido de pneumonia, e terminava chamando-o de assassino. Palhano replicava noutro diapasão, que chocava toda a cidade. Primeiro aludia aos problemas mentais, atribuídos em tempos passados por Ernesto Saboya à família do adversário: - *Sabino zuretão*. Até que atingia os pontos mais altos da escala, com virulência jamais vista ou ouvida: - *Vai cuidar do filho que deixaste na Groaíras, Sabinão, reprodutor do Riacho dos Guimarães*. E chegava ao cúmulo de atribuir zoofilia ao colega de sacerdócio.

## Suspenso de ordens

Atendendo à proposta dos nove membros do Conselho Presbiteral, o padre Palhano foi suspenso *a divinis* pelo bispo D. Valfrido Teixeira Vieira, em carta que este escreveu de Salvador, a 25 de novembro de 1976, onde assistia à mãe enferma.

Eis o teor da carta: “Padre José Palhano de Sabóia: Tendo viajado daí inesperadamente por motivos imperiosos, saí preocupado com o clima de desassossego, de revolta, causado por seus progra-

mas de rádio. Dias antes, acompanhado por monsenhor Arnóbio de Andrade, Vigário-Geral, tinha ido à residência de monsenhor Aloísio Pinto, a quem pedi oficialmente lhe solicitasse moderação nos pronunciamentos, evitando referências desairosas às autoridades eclesiásticas e as injúrias graves assacadas a sacerdotes de nosso clero, sempre esperando que os conselhos amigos e admoestações lhe ensinassem o caminho a seguir como padre da nossa Diocese. Não cheguei a tomar outras medidas cabíveis que o clero e o povo esperavam da autoridade diocesana. Comunica-me, agora, o Reverendíssimo Vigário-Geral o agravamento da situação, levando o Conselho Presbiteral a se reunir extraordinariamente e pedir providências urgentes, sugerindo-me aplicar a pena de suspensão *a divinis*. Tendo rezado e consultado a minha consciência episcopal, vejo-me obrigado a fazê-lo, apoiado no cânone 2.355, com as conseqüências previstas no cânone 2.279, parágrafo 2º. Declaro-o, portanto, suspenso de ordem, não podendo celebrar a Santa Missa nem administrar os sacramentos, até que, reconhecendo o seu erro, peça a absolvição dessa censura. Rogo ao Pai das Luzes o faça refletir e penitenciar-se de sua misericórdia.”

Além da carta, houve ainda uma nota do Conselho Prebisteral, expressa nos seguintes termos: “O Conselho Prebisteral da Diocese de Sobral, levando em conta a campanha sistemática de injúrias e insultos dirigidos pelo padre José Palhano de Sabóia, através da Rádio Tupinambá, contra monsenhor Sabino e padre Gonçalo Pinto, protesta contra tão

iníquo comportamento e manifesta sua total desaprovação ao ato insólito e anticristão. Ao mesmo tempo, reafirma a sua confiança fraterna ao trabalho zeloso e abnegado de seus coirmãos caluniados e faz um apelo aos cristãos da Diocese no sentido de que não se deixem seduzir por aqueles que farisaicamente procuram lançar o descrédito, a desconfiança e a discórdia no meio do rebanho. Monsenhor Joaquim Arnóbio de Andrade, Vigário-Geral.”

Palhano reage com desprezo, afirmando em seu programa de rádio que suspensão era “coisa de mulher”, dirigindo, posteriormente, violentos ataques ao bispo, monsenhor Arnóbio e outros sacerdotes. Diz ele: - *Nunca pensei que essa gente do sínédrio de Sobral fosse tão burra e tivéssemos um bispo tão leviano que trocasse seu papel de pastor e pai por um instrumento vingador de politiquinhos derrotados no Município.* Noutro programa radiofônico, ele se refere à sua suspensão, considerando-a um “documento político e politiquinho, assinado pelo bispo de Sobral, inspirado pelo desmoralizado Conselho Presbiteral da ex-Diocese de Sobral, onde cínicos e mascarados pediram que o padre fosse suspenso de ordens.” E escandaliza o repórter de *O Povo*, em cuja edição de 2 de dezembro de 1976 o descreve “vestindo uma batina creme, perfumado, com um sorriso largo”, acusando: “Esperei 12 anos para ajustar umas contas. Foi Cesário Barreto quem provocou a cassação do meu mandato. Então, trabalhei para derrotá-lo nas urnas. Foi a vitória mais grandiosa, que o governador elogiou e a quem eu disse: - *Não foi uma vitória impossível que eu lhe dei, mas um milagre.*”

Prossegue o jornal: “Conta o padre que, enquanto lutava com unhas e dentes para se vingar daquele que causou a sua cassação, monsenhor Sabino Loiola, vigário do Patrocínio, e padre Gonçalo, da Paróquia da Sé, faziam a campanha de Césario Barreto. - *Receberam dinheiro em abundância e saíram comprando votos*, disse padre Palhano, com muita ênfase, mesmo advertido por um jornalista sobre a gravidade dessa denúncia.”

A respeito de seu superior hierárquico, não teme afirmar: - *É tão burro, que me deu um documento, depois da cassação do meu mandato, para eu me instalar onde quisesse. E é tão ingênuo, que me transforma em vítima.*

Outro alvo de suas declarações, objeto de virulentos ataques de seus comentários radiofônicos, é o Conselho Presbiteral: “Ele instigou o bispo a me punir, e o bispo, que o povo de Sobral nem conhece, a quem eu levei à praça pública para dizer que ele estava conosco, esse bispo, sem me ouvir, fez esta punição. Trata-se de coisa da Idade Média, que não me atinge.” (*O Povo*, 2 de dezembro de 1976).

## **Processo contra o bispo**

O último lance da vida de Palhano, que lhe garantiu manchetes nos principais jornais do País, foi a excomunhão, por haver processado seu bispo, D. Valfrido Vieira, e os três sacerdotes da diocese, o que sucedeu depois de uma série de agressões a seu superior hierárquico e a seus colegas, pelos microfones de sua emissora de rádio, depois de vencida a batalha eleitoral.

Numa audiência judicial, sofre a amargura de ser vaiado na Praça Monsenhor Linhares por um grupo de populares, na terra em que sempre fora tão amado.

Manchete do *Jornal do Brasil* de 1º de fevereiro de 1977: “Padre político acusa Bispo e provoca crise no Ceará.” Noutra edição: “Igreja excomunga padre.” O jornal *Unitário*, de 16 de janeiro de 1977, estampa a seguinte manchete: “Palhano entra na Justiça pedindo cadeia para bispo e três padres.” No arrazoado jurídico do padre Palhano contra D. Valfrido Teixeira Vieira e os padres Egberto Rodrigues de Andrade, Sabino Guimarães Loyola e Gonçalo Pinho, afirmam seus advogados: “O primeiro querelado, Valfrido Teixeira Vieira, ao tomar conhecimento da posição independente do querelante, contrário ao esquema político, filosófico e doutrinário da Cúria Diocesana de Sobral, mobilizou as forças religiosas a favor do candidato de sua preferência, Cesário Barreto Lima, acionando os segundo e terceiro querelados, Sabino Guimarães Loyola e Gonçalo Pinho, para promoverem uma campanha desmoralizante, difamatória e injuriosa contra a pessoa do querelante, programando de porta em porta, de dia e de noite, sobretudo na zona rural, conclamando e insuflando o povo, aproveitando-se da situação reinante, subornando eleitores rudes e ingênuos, comprando votos a peso de ouro, ameaçando de maldição aquele que não votasse no candidato do bispo Valfrido Teixeira Vieira.”

Registra Egídio Serpa, na edição de 1º de fevereiro de 1977 do *Jornal do Brasil*, em reportagem

subordinada ao título: “Padre político acusa Bispo e provoca crise no Ceará”: “O Padre Palhano entrou em Juízo com queixa-crime contra o Bispo e seus três auxiliares “por difamação e injúria”. Ao fazê-lo, incorreu em excomunhão *ipso facto*, de acordo com o cânone 2.341 do Código de Direito Canônico, fato já comunicado à Nunciatura Apostólica, para ciência da Santa Sé. Dom Valfrido será possivelmente citado na próxima semana e convocado pelo Juiz Zonal, Sr. Hugo Sombra de Abreu, para a primeira audiência de conciliação.”

Na mesma matéria, o bispo acusa o punido: “Padre Palhano utilizou os sacramentos para fins de campanha eleitoral. Numa gruta construída por ele no terreno onde estão os transmissores da Rádio Tupinambá, celebrava missa, distribuía comunhão e promovia grandes procissões em honra de Nossa Senhora e do seu candidato a Prefeito.”

## O bispo acusa

O bispo, D. Valfrido, na matéria de Egídio Serpa, afirma ainda: “Posso dizer – e disso todo o mundo sabe – que o padre Palhano doou móveis do Museu Diocesano ao Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão. O procurador geral da Diocese, padre Egberto Rodrigues e Andrade, vai na mesma linha. Onde estão as peças do museu que desapareceram ao tempo em que era vivo D. José Tupinambá, e o padre Palhano era o administrador? De lá desapareceram a coleção de moedas de ouro e móveis do século passado adquiridos no Estado do Pará. Quanto ao

lustre de cristal cujo desaparecimento está sendo proclamado pelo padre Palhano, nunca o vi no museu.”

Na reportagem, pode-se ler ainda: “O padre Egberto vai além: até hoje Palhano não devolveu as terras do sítio *Quebra*, de propriedade da Igreja, das quais expulsou muitas famílias de rendeiros, que ali moraram há 20, 30 anos. Nós éramos amigos. O monsenhor Sabino Loyola também era seu amigo. Acho que as divergências entre Palhano e Sabino começaram quanto este ganhou para a Diocese concorrência de um canal de radiodifusão, que Palhano queria para ele. Mais tarde obteve outro e montou a Rádio Tupinambá.”

## O enterro do padre Palhano

Foi assim, em guerra aberta contra o superior hierárquico e seus colegas, que Palhano, nos últimos anos de sua existência, ainda garantiu notoriedade. Mas, por essa época, a doença que o acometia se agrava, as dificuldades de dinheiro, também. Vende, à revelia do irmão Marcelo, com quem se desentende, a Rádio Tupinambá. Permuta o sítio *Quebra* por uma casa em Fortaleza, onde vai viver os últimos dias de vida, humilhado pelos achaques e a falta de recursos. Conclui, assim, sua polêmica passagem de sessenta anos sobre o planeta.

Assim os jornais registram o acontecimento:

“Morreu, às 20 horas e 30 minutos de ontem, no Centro de Tratamento Intensivo da Casa de Saúde São Raimundo, o padre José Palhano de Sabóia,

60 anos de idade, ex-prefeito de Sobral, no período de 58/62, e deputado federal eleito no mesmo ano, mas cassado em 1964 pela revolução. O sepultamento será em Sobral, às 16 horas de hoje, saindo o corpo da Igreja do Patrocínio, a mesma em que ele celebrou sua primeira missa em 3 de outubro de 1945. Antes de seguir para Sobral, o corpo foi velado na Catedral Metropolitana de Fortaleza.

Pe. Palhano de Sabóia foi internado na Casa de Saúde São Raimundo, em Fortaleza, no último sábado, às primeiras horas do dia, já em coma, vitimado por um derrame cerebral. Antes, ele estava doente, com problemas de diabetes e outras complicações desde o ano passado.”

Ainda leu-se na Imprensa da época: “Missa de corpo presente foi concelebrada pelo bispo da cidade, Dom Valfrido Teixeira Vieira, padre José Linhares, padre Jairo, monsenhor Aloísio Pinto, monsenhor Sabino Loyola, monsenhor Domingos Araújo, monsenhor Arnóbio Andrade e padre Gonçalo Pinho. O prefeito de Sobral, José Euclides Ferreira Gomes, decretou luto oficial por três dias”. Segundo a repórter Silvana Ximenes Gomes Frota, “uma multidão calculada em aproximadamente cinco mil pessoas acompanhou, ontem, o féretro que conduzia o padre José Palhano de Sabóia da Igreja do Patrocínio ao Cemitério São Francisco, dando seu último adeus àquele que foi um dos maiores políticos da Zona Norte do Estado. Muitas flores e a presença maciça da classe pobre de Sobral e municípios vizinhos veio demonstrar a popularidade de padre Palhano.”

Transcrevo carta do falecido senador Plínio Pompeu, discorrendo sobre o enterro do polêmico padre, último *show* que não pôde comandar.

“O Padre Palhano, embora parente nosso, foi sempre meu adversário político. Morreu pobre, sem sua Rádio, etc., mas não há notícia, em Sobral, de sepultamento mais concorrido do que o seu. O féretro, transportado em carro do Corpo de Bombeiros para o cemitério novo, foi acompanhado por grande multidão de pessoas, durante cerca de dois quilômetros, com as ruas repletas de gente. Senti, pela primeira vez, o reconhecimento geral do carisma do padre. Repetindo o que ocorrera no velório, com a Igreja do Patrocínio sem lugar para ninguém mais, na missa de sétimo dia, tanto a Catedral, como o patamar e a praça ficaram completamente lotados. Essa missa foi celebrada pelo bispo D. Valfrido, com o auxílio de quatro padres, o que revelou sua cristandade e elegância, uma vez que, com esse gesto, apagava o ato impensado do padre Palhano de contratar advogado para processar seu Bispo (motivo pelo qual seria suspenso das ordens e, posteriormente, excomungado pelo Papa).”

Dizia ainda, em carta de 22 de agosto 1982, aquele respeitável homem público de Sobral, adicionando detalhes a respeito da reconciliação do sacerdote com seu superior hierárquico, poucos antes de morrer. Quando D. Valfrido percebeu que o padre estava irrecuperavelmente doente, teve receio de que morresse excomungado. Assim, foi à casa dele para dizer-lhe: - *Padre, no que depender de mim, você está perdoado. Mas a excomunhão só o Papa pode levantar.*

tar. Como ele virá passar breve por Fortaleza, não gostaria de dirigir-lhe tal solicitação? A resposta do padre foi: - *Quero. Faça o pedido, que assinarei.* A que D. Valfrido replicou: - *Não, você é bacharel, inteligente e saberá fazê-lo melhor do que eu. Encaminharei seu pedido ao Papa, com informações favoráveis.* Assim foi feito, e o Papa retirou a excomunhão”, concluiu Plínio Pompeu.

### **Monsenhor Fontenelle: o padre e o decote**

Antes de vir morar em Sobral, nomeado que fora Procurador do Patrimônio da Diocese e capelão da Igreja do Rosário, monsenhor Francisco Felipe Fontenelle foi vigário de Ipueiras. Ali fundou e manteve bandinha de música da cidade, para tocar nas festas religiosas e cívicas. Certa vez, a título de comparação, foi ouvir a similar de Nova Russas. Depois de escutar vários dobrados e marchas, indagou de um matuto que se achava próximo a ele o que estava achando do desempenho dos músicos. Por ignorância ou por maldade, o interlocutor, depois de uma cusparada de lado, respondeu: - *Bandinha ruim também é aquela das Ipueiras.*

Sacerdote casto, pessoa de temperamento difícil, tinha a mania de praguejar. Vivia com o diabo na boca. Uma vez, o padre Joviniano Loiola se deu à pachorra de contar quantas vezes monsenhor Fontenelle chamava pelo diabo, antes do almoço com o bispo D. José. Ele se queixava do sacristão da Igreja do Rosário, o qual escondera a chave do sacrário. Joviniano ia anotando. Monsenhor Fontenelle con-

tava: “Quando cheguei à Igreja, o diabo do sacristão ainda não chegara. Pior, não soube onde ele botara o diabo da chave do sacrário.” Joviniano desistiu quando ele apelou: “Eu disse então comigo mesmo: com seiscentos milhões de diabos, a que horas o diabo deste sacristão vai chegar para eu celebrar o diabo desta missa?”

Muito tempo depois, quando ia mais odiosa a polêmica entre o padre José Palhano, na Rádio Tupinambá, e o padre Sabino Loyola, na Rádio Educadora, o bom José Maria Soares, que era o “factótum” da Rádio Iracema, comentou: - *Só tenho medo de que o monsenhor Fontenelle venha aqui pra Rádio Iracema.*

Certa vez, monsenhor Fontenelle decidiu promover novena em honra de uma santa de prestígio sazonal, Nossa Senhora do Bom Parto. No primeiro dia, ainda apareceram uns gatos-pingados. Depois, ninguém. Sozinho na Igreja, ele se queixava: - *Estou aqui há oito dias. As mulheres não vêm porque não têm necessidade. Os maridos não aparecem porque suas mulheres não estão esperando filho. E eu, que estou aqui há oito dias, espero o quê?* Durante os festejos de São Francisco, na Capela da Palestina, na Serra da Meruoca, ajudava o vigário, padre Regino Carneiro, a confessar a multidão de fiéis. À certa altura, não sei por que motivo, teve de deixar o confessorário. Ao voltar, sem saber por onde recomeçar, perguntou em voz alta: - *Cadê a mulher que roubou a porca?* É claro que não se apresentou ninguém.

Quando moço, residia nos fundos da Igreja do Menino Deus. Em determinada época, hospedava

uma sobrinha, que, depois da novena, foi dar uma voltinha na Avenida da Ema, dos brancos, dos ricos. Ao voltar, a porta de casa já estava fechada. Bateu, bateu, até que acordou monsenhor Fontenelle. Antes que ela entrasse, ele, com estardalhaço, chamou as pessoas que se acomodavam perto do templo, os que freqüentavam tabuleiros de vendas de doces, bolos, tapiocas, aluá e café, para esclarecer: - *Esta moça aqui é minha sobrinha. Ali, naquela cama, dorme minha mãe. Noutra, minha irmã, que é paralítica. Quero que vejam para que, amanhã, não saiam dizendo que viram o padre botar uma mulher de noite pra dentro de casa.*

Seus cuidados eram tantos, que adquiriu uma lâmpada, a qual chamava “Rainha da Tempestade”, com que um auxiliar alumia os caminhos, à noite, quando ia confessar enfermos, e que servia, segundo ele, para que quem o visse sair, a altas horas, não pensasse que ia a alguma sortida amorosa.

Não surpreende fosse, assim, muito exigente no tocante ao pudor das mulheres que freqüentavam a Igreja. Sem mangas compridas ou, então, de vestido decotado, ninguém tinha acesso aos sacramentos. Certa vez, negou comunhão a uma moçinha da sociedade por isso, e ainda lhe deu uma descascadela. A pobre, vexada, humilhada, saiu aos prantos. Seu pai consolou-a, dizendo: - *Não ligue pra isso não, minha filha. O monsenhor Fontenelle é doido.* Espalhou-se, depois, muito convenientemente, que um filho desse cidadão perdeu o juízo e assim morreu. Castigo, sem dúvida alguma...

Monsenhor Fontenelle pregava, com veemência, contra a generosidade dos decotes das freqüentadoras dos sacramentos. Certa vez, permitiu-se, no púlpito, um tipo de reflexão que bem enunciava as angústias que povoavam a solidão de suas madrugadas: - *Se uma senhora ou uma moça vem comungar com um decote muito grande e deixo cair a hóstia em seu colo, o que é que eu faço? Ela não pode pegar na hóstia. E eu? Meto a mão ali? É ou não é uma situação embaraçosa?* Se era! Naquele tempo, o leigo, em nenhuma hipótese, podia tocar na hóstia consagrada.

- *Quem foi o louco que quebrou minha campainha?* - perguntou irritado D. José, certa feita, quando tentava acalmar a menina que ia ser crismada na Igreja de Poranga. - *Fui eu* - disse monsenhor Fontenelle, silenciando o bispo.

Um dia, ele foi visitar D. José, que, estando mal-humorado, disse a quem o avisara da chegada de monsenhor Fontenelle: - *Não estou para receber ninguém.* - *Nem eu*, replicou monsenhor Fontenelle, virando-lhe as costas e partindo.

Com evidente exagero, costumava dizer: - *Não troco minha casa pela mais rica de Sobral.*

## **Monsenhor Linhares**

Monsenhor Fortunato Linhares, político, professor, historiador, fundador da Academia Sobralense de Ciências e Letras, detestava o nome que a mãe lhe dera, por conta de promessa, feita antes do nascimento, para ver se ele vingava, ao contrário dos irmãos que o haviam precedido e morrido cedo.

Confessor de D. José, andava de pijama em casa. Quando na rua, deixava ver a calça que usava, o que, noutros padres, era motivo de repreensão do bispo, o qual perdoava seu confessor, que era cego. Conta seu sobrinho, deputado José Linhares, que o médico Guarany Mont'Alverne, para distraí-lo durante intervenção cirúrgica a que o submetia, perguntou: - *Monsenhor, onde ficam as ilhas LÍPARES?* - *Então, Guarany, você ainda não aprendeu?* - disse ele. E, empolgado, descreveu a localização de tais ilhas com minúcias, com tanto ardor, que nem percebeu quando a operação terminou. Tinha fama de erudito. Um dos frades franciscanos alemães, em Tianguá, ao fim de conversa com ele, registrou: - *Monsenhor Linhares, o senhor conhece a Alemanha melhor do que eu.*

Por haver lutado, e muito, pela construção do açude Ayres de Souza, quiseram dar seu nome ao reservatório. Ele recusou, terminantemente: - *Quero não. Daqui a pouco vão dizer: o Monsenhor Linhares está enchendo; está sangrando. Ou então: o Monsenhor Linhares está arrombando. Quero não.*

Na mesma linha, o bispo D. José Tupinambá da Frota desautorizou a dramatização radiofônica de sua vida: - *À certa altura, o locutor estará dizendo: Dom José nasceu em Sobral, a 10 de setembro de 1882. Aí um outro intervirá: - Regulador Xavier nº um, excesso; número 2, escassez. Deixo não. Não quero.*

Gozador, lembrava que, em Salvador, onde estudou, tendo engrossado movimento contra os padres franceses que dirigiam o Seminário da Praia, os

monsenhores e cônegos eram respeitáveis pais de família. A coisa era tão natural, que, quando alguém pedia informação sobre a residência de algum padre, ouvia: - *Quando o senhor encontrar cueiros brancos com borla vermelha estendidos na varanda, pode estar certo de que é lá.*

## **Padre José Linhares**

Sobral é uma invenção da pecuária, segundo João Brígido. Quem, porém, consolidou a cidade foi a batina, a Igreja. Foram os padres como D. José Tupinambá da Frota, o Bispo-Conde, o maior de seus homens públicos, o construtor da Santa Casa de Misericórdia, do Abrigo dos Velhos, do Seminário Diocesano, do Colégio Sobralense, do Colégio de Sant'Ana, de um Banco, do jornal *Correio da Semana*, ou como seu pupilo e viabilizador de seu projeto político, o prefeito e deputado federal padre José Palhano de Sabóia. Os padres não se contentaram em fazer história. Também a escreveram, como o próprio bispo D. José, monsenhor Fortunato Alves Linhares, padre Sadoc Araújo e João Mendes Lira.

Vamos falar, porém, de outro padre José, o deputado José Linhares, um dos agraciados com o troféu Sereia de Ouro. Descendente de Félix da Cunha Linhares, chefe de valoroso clã que amanha terras e pastoreia gado na ribeira do Acaraú, desde o início do Século XVIII. Outro de seus ancestrais é José Xerez Furnas Uchoa, de berço fidalgo, que, numa de suas viagens à Europa, trouxe, do Jardim das Plantas de Paris, naquele século, duas mudas de café,

uma delas, a sobrevivente, mãe de quase todos os cafeeiros do Estado. Em seu sítio, Santa Úrsula, na Serra da Meruoca, a Petrópolis dos sobralenses, instalou engenho de cana e casa de farinha, introduziu a cultura da parreira, do tamarindo, da mangueira e de outras árvores frutíferas. Trazia no sangue plantar as sementes do progresso.

Não surpreende que os Linhares hajam dado ao Ceará e ao Brasil médicos, poetas, políticos, magistrados e até um presidente da República, primo e xará do nosso personagem, o padre Zé.

Menino, o nosso herói passava mais tempo com o tio cego, monsenhor Linhares, político, educador e historiador, do que na casa dos pais. Desde os doze anos, funcionava como uma espécie de seu secretário, pelo que perdeu muitas peladas, muitas brincadeiras de infância e da adolescência e iniciou a carreira de poliglota, que o levou a dominar muito bem o alemão e a falar o latim, o espanhol, o francês e o italiano. Na casa do tio, escrevia as cartas que ele lhe ditava, endereçadas à parentela, espalhada pelo País afóra. Lia os livros que lhe mandavam, até os escritos em francês, que lhe eram emprestados por dona Ana Figueiredo de Paula Pessoa e dona Marfiza Mont'Alverne. O primeiro deles, de Boileau, lhe valeu um cascudo, bem de acordo com a pedagogia da época, por causa da pronúncia incorreta do nome do autor.

Depois, foi o seminário, a ordenação, a cátedra e o consultório de psicoterapeuta.

Quando enfrenta problemas, o bispo convoca o jovem padre a enfrentá-los. São os tempos de chum-

bo do autoritarismo, e ele, fiel à tradição secular da Igreja, dá abrigo a perseguidos políticos. Isso desagrada aos poderosos de então, que propõem ao bispo mandá-lo para o exterior. Ele vai. O que, pra muitos, teria sido um mal, para ele constituiu oportunidade de ouro. Passou uma temporada estudando na Europa.

Quando volta, quem está vivendo instantes de aperto é o Colégio Sobralense. Só há uma pessoa em condições de reorganizá-lo, de salvá-lo: o padre Zé. Lá vai ele enfrentar mais um desafio. Sai-se tão bem, que o bispo, D. Valfrido Teixeira Vieira, lhe confia tarefa bem mais difícil: tirar a Santa Casa do buraco ou fechar suas portas. A veneranda instituição não tem saída: é a concordata ou a falência. O padre Zé não desanima ante os problemas. Antes, sente-se mais encorajado a enfrentá-los. A Santa Casa estava em péssima situação. Não tinha mais crédito nem pra comprar um pacote de algodão. Ele usa então seu prestígio pessoal junto a um velho amigo de seu tio, o banqueiro Manuel Machado, e vai à luta.

Era 1972. Ele começa a sua revolução. A Santa Casa, fundada por D. José em 1924, foi saneada financeiramente. Depois de vencida tão difícil etapa, sente que pode ampliá-la. Dos cento e poucos leitos de que dispõe, passa a seiscentos e cinqüenta, tornando-a uma “instituição respeitada nacionalmente”, segundo faz questão de lembrar. Foi uma verdadeira revolução. O modelar estabelecimento atende, hoje em dia, a doentes de cinqüenta e cinco municípios da redondeza. Seus profissionais são mandados a estudar fora, recebem bons salários e

realizam operações sofisticadas. Dispõem de equipamentos moderníssimos. A Santa Casa de Misericórdia de Sobral se converte em empresa viável, sem perder de vista sua finalidade social e filantrópica, o que lhe permite fundar o modelar Instituto do Coração.

O nome do padre Zé ganha o mundo como filantropo e empreendedor. Em 1990, é eleito em Fátima, Portugal, presidente da Confederação Internacional das Misericórdias, posto que jamais um brasileiro havia ocupado.

É quando os conterrâneos acham que quem dera jeito no Seminário, no Colégio Sobralense, quem opera o milagre de modernização da Santa Casa poderia também libertar a Prefeitura de velhos vícios e práticas anacrônicas. Teve apenas quarenta e cinco dias de campanha para enfrentar a imbatível máquina dos Barretos e dos Prados. Vitorioso na sede do Município, foi derrotado pelos “currais” eleitorais dos distritos.

A derrota não o abateu. Aliás, ele lembra que foi tão homenageado depois de abertas as urnas, viu tanta gente chorando com os resultados da eleição, que nem se perturbou. Sobral ainda não o merecia como seu prefeito.

Veio nova eleição, e a cidade procura recuperar-se da injustiça cometida. Recebeu, ali, 24.500 votos, a maior votação de um candidato a cargo proporcional obtida na cidade. José Linhares foi o deputado mais votado em todo o Ceará, com mais de cem mil sufrágios. Nada mal para um estrean-

te, que só deixara sua cidade para a temporada européia.

Na Câmara se houve tão bem, que, sempre que se fala em reforma ministerial, seu nome é apontado, pelos jornais do Rio e de São Paulo, para o Ministério da Saúde. Padre Zé tem tanta expressão político-eleitoral, que seu nome foi cogitado para vice-governador na chapa do ex-prefeito Juraci Magalhães. Não descartando nenhuma possibilidade, afirma que o que quer mesmo é voltar à Câmara: - *Só Deus é quem sabe*, acrescenta.

## **Padre Leitão**

Na campanha eleitoral para o governo do Estado, em 1946, o chefe da UDN de Aracatiaçu pediu ao vigário local, padre Francisco Soares Leitão (1942/1947), que saudasse o candidato de seu partido, o desembargador Faustino de Albuquerque, sem se advertir de que o clero da diocese estava todo engajadíssimo com o candidato do PSD, general Onofre Muniz Gomes de Lima. Ele se recusou, alegando a condição de sacerdote. Não houve jeito. O “coronel” insistiu tanto, que terminou por dar sua colaboração: escreveu o texto do discurso. O filho do chefe udenista o lia. Não deu outra.

De corpo presente, ar sisudo, o padre Leitão ouviu, ao lado de Faustino, Plínio Pompeu, Gentil Barreira e Renato Braga, o jovem orador declamar, inflamado, as perfídias que embutira na peça oratória: “Desembargador Faustino, nós, os homens do campo, somos tão ingênuos e tão simples, que so-

mos capazes de acreditar na sinceridade desse ancião, que, num abraço transitório e interesseiro, nos estende a mão, mendigando votos. Estamos cansados dessa sementeira constante de promessas de colheita, nunca realizadas.”

Faustino estreava na política partidária. Não era nada bom de oratória. Portanto, não passou recibo da perversidade de Leitão e proferiu o mesmo discurso de agradecimento de todos os comícios.

Papai era muito seu amigo. Visitava-o, com frequência, quando estava ainda em Santo Antônio de Aracati, em companhia doutro amigo comum, padre Tibúrcio Gonçalves de Paula. Assim o descreve: “Homem culto, simples, servido de memória angelical, era capaz de ouvir um discurso aqui e logo o repetir, com toda a precisão. Tinha veia poética e era muito irônico.”

A propósito, ele conta o trote que Leitão passou em seus colegas que veraneavam na Serra da Meruoca, numa fase histórica da *guerra fria*, em que pôde aferir as reações e o temperamento de cada um dos envolvidos. Estava em Sobral quando encontrou o padre Odécio Loiola, vigário de Bela Cruz, que estava querendo subir a serra a fim de visitar o irmão, padre Joviniano Loiola. Decidiram ir juntos no carro do padre Domingos Araújo, vigário da Sé. No caminho, Leitão decidiu pregar peça nos visitados, principalmente no Reitor do Seminário, padre José Osmar Carneiro, que não era muito benquisto dos colegas. Só pediu aos dois outros padres que ficassem sérios, compungidos. Nada mais. Ele se encarregaria de contar a estória.

Assim que chegou, começou a narrar a tragédia, em cores negras, nigérrimas. O governo caíra nas mãos dos comunistas. D. José devia estar preso em Camocim, onde se encontrava em visita pastoral. O vigário-geral, monsenhor Olavo Passos, determinara que os seminaristas fossem transferidos da serra para a fazenda do monsenhor Agesilau Aguiar, em Tianguá, para onde já havia viajado o padre Expedito Lopes. Meu pai tinha viajado a Crateús, a fim de prevenir o padre Bonfim. Foi um horror. Padre José Inácio Mendes Parente saiu logo para buscar o revólver. Conferindo as balas, dizia colérico: - *Queimo pelo menos seis.*

Padre Arnóbio Andrade foi à capela rezar. Padre Osmar pediu ao padre Domingos que o ouvisse em confissão. Os seminaristas, apavorados, cortavam os punhos das redes em que dormiam, a cozinheira derramava os caldeirões de comida, apressando a retirada. Fleumático, Leitão comia bananas, até que padre Domingos, preocupado com o pânico, decidiu acabar com a brincadeira. Foi até o quarto do padre Osmar para lhe dizer: - *Aquilo tudo foi brincadeira do Leitão.*

Ouviu poucas e boas do interlocutor. O certo é que os três voltaram da serra sem almoço e sob ameaça de denúncia ao bispo, o que realmente houve. Mas deu em nada. D. José, que também gostava dessas brincadeiras, riu muito do trote.

Certa vez, padre Leitão encontrou motorista pior que ele: uma freirinha do Patronato Auxilium, que fundou em Nova Russas quando era o vigário, que lhe pediu para dar uma volta em seu jipe. A

freirinha se embarçou, deu marcha a ré, quando queria ir para a frente, e não acertou o freio. O certo é que o veículo veio em disparada no rumo do padre Leitão, que se esquivou do abalroamento. A vítima foi o muro do estabelecimento. Irritado com o prejuízo, o padre Leitão disse à freirinha apavorada: - *Se eu não fosse padre, sabe como é que lhe chamava? De fia duma égua, rapariga, safada...*

Ao terminar uma freguesia (espécie de visita pastoral de vigário em sua paróquia) em Águas Belas, distrito de Nova Russas, deu carona em seu jipe a um matuto, que viajou no banco traseiro. O passageiro penou tanto, batendo a cabeça na armação de ferro que sustenta a capota do veículo, que, quando o desastrado motorista indagou: - *E aí, meu caboclo, como vai?*, respondeu: - *Só acredito em milagre, se conseguir chegar vivo a Nova Russas.*

Homem erudito, criou os sobrinhos Soares Feitosa, o fundador do jornal de poesia, grande poeta como Juarez Leitão, ex-vereador em Fortaleza, professor de História, que, como todo menino, às vezes ganhava a rua. Quando voltava, o tio, irritado, o interpelava: - *Essa casa não lhe cabe não?* E como castigo impunha-lhe logo a leitura da *Batalha de Maratona*, em César Cantu, por exemplo. Não deixava por menos.

Detestava crianças, negros e pessoas atrasadas. Costumava dizer a Juarez: - *Não case com mulher de cor nem com mulher analfabeta.* Leitão contava que, quando moço, recebeu a visita de uma bela paroquiana em Santo Antônio de Aracatiaçu, a qual, à certa altura, lhe passou a cantada: - *O meu*

*sonho é ter um filho seu.* Ele convidou a visitante a se retirar e foi a Sobral entregar a paróquia nas mãos do bispo. Nunca mais voltou lá. No final da vida, porém, D. José já falecido, não oferecia a mesma resistência. Vigário de Nova Russas de 1947 a 1974, pediu dispensa de ordens e deixou a batina. Casou com viúva, mãe de seis filhos. Seus filhos, de fato, foram os poetas Juarez Leitão e Soares Feitosa.

## O divino Balzac

Todos os dias era escolhido um seminarista para dormir no sobrado do bispo e ajudá-lo a officiar a missa. Para muitos, isso correspondia a uma noite de terror; para o anfitrião, era mais um modo esperto de controlar o seminário. Apavorados, os alunos iam temendo a sabatina do bispo, severíssimo em matéria de cultura, além do que havia os mosquitos, vorazes em Sobral, mais do que em qualquer outra cidade, que quase consumiam o sangue do futuro padre.

Sobressaltados, às quatro horas da manhã, os seminaristas viam D. José passar por debaixo de suas redes em sua rota até o banheiro. Ia fazer a barba. Às cinco horas, era o momento de despertar o acólito para o asseio e as orações.

D. José adorava dar “incertas” dentro do seminário. Dono de tudo, entrava sem avisar nas salas de aula, jogava o professor para escanteio, continuava a preleção (gostava de pegar o bonde andando) ou interrogava alguns alunos.

Certa vez, interrompeu a aula de literatura do segundo ano do Seminário Menor, o ginásial. O padre-mestre ficou a um canto, mudo, inútil, sem saber o que fazer com as mãos. Excitado, o bispo queria aferir as leituras dos futuros sacerdotes. Um apontava o padre Manuel Bernardes; outro, o padre Antônio Vieira; um terceiro chegou a citar trechos de *A Vida de Jesus*, de Plínio Salgado. - *E você?*, perguntou a um dos seminaristas, de olhar brilhante e reconhecida inteligência, - *Quem é seu autor preferido?* - *Balzac*, respondeu o jovem. O bispo fez que não ouviu. Disfarçou a surpresa e deu a dica: - *É Bernardes, frei Luís de Sousa ou Plínio Salgado?* O rapazola, sem entortar caminho, manteve sua preferência: - *É Honoré de Balzac*. E, como se não bastasse, acrescentou: - *Balzac. Excelência. É divino*. Muito tempo depois, o leitor de Balzac foi ordenado padre por D. José. Na hora decisiva de torná-lo sacerdote *ad aeternum*, o bispo, que não esquecera o incidente, afirmou: - *Espero que, doravante, seu divino seja outro*.

Há quem diga que ele jamais chegou a apreciar esse padrezinho atrevido, que lia Balzac, andava de bicicleta e escolhera morar entre os pobres, do outro lado do rio, e que se chamava Oswaldo Chaves. Não obstante, viu-se forçado a respeitar o outro funcionário do Alto, que sabia ser uma humaníssima, generosa e doce personalidade. Com o correr dos anos, tem-se engrandecido sua imagem. Ele foi mestre de muitas gerações, no Seminário e no Colégio Sobralense. Ter sido aluno do padre Oswaldo pas-

sou a ser grife. Um dia desses, numa roda, vendo e ouvindo a gabolice de uma sobralense, que tanto se vangloriava desse item do seu currículo, tive de apartea-la: - *Aqui, d'el Rey! Também fui aluno do padre Oswaldo!*

Nos últimos tempos, ele surpreende pelo ineditismo de sua visão do mundo, segundo a qual, “o santo é apenas um defunto bem-sucedido”. Quando lhe ofereceram mais um par de sapatos, recusou aceitar: - *Para que quero quatro sapatos, se tenho apenas dois pés? Jumento é que precisa de quatro, porque possui quatro cascos.* Ao ver na televisão que um fanático queria ir a Roma presentear o Papa com um jegue, observou: - *Jumento é o que não falta no Vaticano.*

A propósito da baixa durabilidade das uniões matrimoniais, comentou: - *O casamento hoje em dia não tem duração de uma camisa. Quanto se desfaz um que haja sido celebrado por mim, ainda tenho a camisa que costume ganhar dos pais da noiva nessa ocasião.*

Publicou um livro de poesias intitulado *Exíguas* e fez sucesso com seus sermões e seus chistes. Ouvir suas prédicas constitui privilégio de que muitos se vangloriam. É rudemente franco, radical na condenação ao fanatismo e a um certo fatalismo preguiçoso, que pretende deixar as responsabilidades humanas, a rotina, o cotidiano nas mãos de Deus.

Original e espirituoso, costumava dizer: - *Quer se livrar duma tosse? Diabo! Deixa de fumar.* Ou

ainda: - *Quer dizer que, se Deus não resolver, São Francisco quebra o galho.*

Ante a insistência de uma fanática, que queria porque queria levar para casa um garrafão de água benta, perdeu a paciência: - *Quer dizer que, se eu lhe der um alguidar de água benta, a senhora vai mijar uma cruz?*

Quando um ciclista não se animava a penetrar no templo com sua bicicleta, ele indulgentemente dizia: - *Entre, meu filho, com sua bicicleta. O homem está onde se encontra seu tesouro.*

Costumava brincar: - *Quer chuva? Vai morar em Belém do Pará. Ali chove toda tarde. O pessoal da terra marca encontros para antes e depois da chuva.*

É engraçado como marmanjos barbados, já avôs, como eu, o Juarez Leitão e o Soares Feitosa, não sossegamos enquanto não mostramos nossas produções literárias aos padres Oswaldo Chaves e Sadoc de Araújo.

## **Monsenhor Tibúrcio Gonçalves de Paula**

O monsenhor Tibúrcio Gonçalves de Paula, o Aldo Ferrão do jornalismo, é um dos últimos amigos padres de meu pai, *seu* Costa, que lhe admirava a integridade, a ironia e os ditos espirituosos. Residindo ainda em Tianguá, um dia desses andava arrecadando livros para abastecer a biblioteca municipal da cidade.

Não perde o senso de humor. Quando, uma vez, abordado por uma louca da cidade, que o chamava

de padre lindo, alguém o advertiu de que se tratava de uma doente mental, replicou: - *Pode ser, mas que tem bom gosto, tem.*

- *O Tupinambá não casa e não quer que os outros casem*, comentava o padre Tibúrcio, ante a irritação de seu colega, criando, em Ibiapina, dificuldades a dois noivos ignorantes. (O padre Tupinambá Melo entrou no seminário aos 26 anos, depois de alguns amores apaixonados.)

Um dia, quando o cachorro do bispo mordeu o padre Inácio Américo, de Monsenhor Tabosa, Tibúrcio brincou: - *D. José fala tão mal dos seus padres, que o cão ficou com raiva deles.*

No seminário, o padre Osvaldo andava empolgado com a Gramática e a Etimologia. Nem percebeu, de início, a piada do padre Tibúrcio, que o consultou: - *Oswaldo, me esclareça uma dúvida: frade vem de fraude ou é fraude que vem de frade?!*

Ele se divertia muito contando a meu pai “causos” de um matuto de Cariré, cidade vizinha a Sobral, da qual foi vigário. Lucas Gonçalves Rosa era um chefe udenista de Cariré, que girava em torno da órbita do doutor José Saboya. Matuto esperto, tinha um terrível hábito: viver comendo cocô seco de preá, que, segundo ele, era muito bom para a saúde. Certa vez, agarrou-se a seu chefe para que o filho, “rapaz tão bom, apenas injustiçado”, não fosse dar com os costados na cadeia. O doutor Saboya quis saber o que o herdeiro fizera. Lucas esclareceu: - *Ele apenas acrescentou a boca do indivíduo.* O rapaz rasgara, à faca, a boca do adversário, estendendo-a até as orelhas.

O vigário de Cariré, padre Tibúrcio Gonçalves de Paula, comprou um cavalo para suas andanças, a fim de visitar suas terras no Pacoti, e pediu a Lucas que o experimentasse e lhe avaliasse a competência. Ele deu uma volta no animal e, ao descer à porta da casa do padre, ofereceu o diagnóstico: - *Padre Tibúrcio, ele é tão burro pra rédea quanto vossemecê.* O sacerdote riu e indagou a Lucas se seu cavalo era inteiro ou se fora castrado. Depois do exame, ouviu a resposta: - *Padre, esse bicho é que nem eu: só serve para comer e dormir.*

Lucas costumava pedir ao padre livros de poesia. Tibúrcio lhe proporcionava a leitura dos clássicos. Até que, um dia, para saber se ele os lia mesmo, emprestou-lhe poemas de Manuel Bandeira. Quando devolveu o livro, Lucas registrou assim a ausência de rimas: - *Padre, ele não encana os versos direito não.*

## Um padre burro

Homem culto, não obstante seu livro *História de Sobral* seja fraquinho e aquém de sua reputação de intelectual, eram notórias as implicâncias de D. José com aqueles que, coitados, fossem eleitos por sua idiosincrasia.

Uma das estórias, já no final de sua vida, se refere ao padre Luizito. Este, que lhe fora indicado para secretário, muito moço, não tivera tempo de ler todos os livros conhecidos pelo preceptor. Certa ocasião, para testá-lo, o bispo resolveu indagar: - *Já leu Humboldt?* - *Não. Excelência,* respondeu-lhe o pa-

dre. - *Que padre burro!*, sussurrou o bispo com seus botões. Tempos depois, outra pergunta: - *Conhece Bossuet?* - *Não. Excelência*, replicou humildemente padre Luizito. D. José, como que se lamentando de sua má sorte, resmungou baixinho: - *Que padre burro!* E todo santo dia o pobre secretário sofria a mesma provação.

Finalmente, chegou a oportunidade de sentir-se melhor, vez em que supôs haver caído nas boas graças do chefe. Haviam falado de Virgílio, e, na reiterada perseguição ao pupilo, o bispo insistia: - *Lembra-se da Eneida?* Qual não foi sua surpresa ao ouvir o padre dizer que sim e, confiante, começar a desfiar, com grande desembaraço e tranquilidade, o “Arma virumque cano”, que levaria até o fim, se o bispo não o interrompesse proclamando seu “basta!”. Dom José, como se estivesse só, lançou a apreciação sumária, num julgamento implacável: - *Boa memória, mas péssima pronúncia.*

O padre Luizito Dias Rodrigues foi o último dos 98 sacerdotes ordenados por D. José na cidade de Sobral, a 8 de dezembro de 1958.

## **Padre Manuel Henrique**

Culto, bom professor de Literatura, amante dos clássicos, Manuel Henrique de Araújo foi padre muito ingênuo, que, a qualquer instante, queixando-se dos problemas do cotidiano, tinha o hábito de dizer: - *É uma trapaiada danada.*

Durante um sermão, ao dar um arrote, se desculpou perante os fiéis: - *Vocês desculpem. Foi uma*

*coalhada safada que a Dorinha me deu - disse, referindo-se à irmã.*

Ele aconselhava a vigilância das mães quanto à virgindade das filhas que namoravam: - *Cuidado, por que aí começa, vai devagarzinho e, quando menos se espera, puf!*

Quando, certa feita, ao tempo da guerra fria, sai no noticiário que os russos estão comendo lobos, comenta durante uma fala na Igreja: - *Na Rússia, estão comendo lobo. Sabem o que é lobo? Lobo é um cachorrão selvagem, tão grande, que come até gente. Pois estão comendo lá. Aqui para nós, um lobão desses, assim grandão, tirando o lombo, acho que dava até uma comida boa.*

Centenário, Antonio Severino, filho de Massapê, revela constrangido no confessionário:

- *Tenho um pecado que acho que é grave. - Diga, meu filho, incentivou o padre. Depois de alguma insistência do sacerdote, rende-se: - Eu não gosto de seus sermões, são muito compridos. Padre Manuel Henrique ergue a voz, no silêncio do confessionário, e atalha: - De besta que você é. É a palavra de Deus.*

Seu pai se inquietava com a falta de ascensão do filho na carreira eclesiástica. Uma vez, procura D. José em suas férias na Serra da Meruoca e lhe pede: - *Dom José, arranje uma bispança para o Nel. Ele não sai de padre. O certo é que, pouco depois, ele foi promovido a monsenhor. No mesmo dia, recebeu a visita do deputado Osires Pontes, que estava em Massapê e o tratou por padre*

Nel. Este, suavemente, corrigiu: - *Desculpe, monsenhor Nel.*

## **Irmandades religiosas**

A Irmandade do Santíssimo Sacramento, em Sobral, era composta das figuras mais representativas da cidade. Entre elas, o juiz José Saboya, o juiz municipal Clodoveu Arruda e o cabo eleitoral conservador, marreta, Chico Monte. Durante uma das procissões da Semana Santa, passavam eles diante do Hotel do Norte, de propriedade de Dondon Ponte, inimiga acérrima dos marretas. Ao ver o trio todo contrito, comentou, referindo-se a Jesus crucificado: - *Ô homem bom para ter amigos tão ruins.*

Na última grande polêmica que se travou entre o Dr. José Saboya, juiz aposentado e chefe da UDN, e seu eterno rival, o bispo D. José, o primeiro conseguiu publicar no *Correio da Semana*, por ordem judicial, respostas aos ataques ali recebidos. O bispo nem hesitou. Ordenou ao vigário-geral, monsenhor Olavo Passos, de notória inclinação udenista, que expulsasse o contestador.

Aliás, o primeiro arranca-toco entre o vigário-geral da cidade, D. José Tupinambá da Frota, e o juiz ocorreu por causa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, presidida por um protegido do magistrado. O que se sabe, com certeza, é que a primeira estocada parece haver partido do vigário, José Tupinambá da Frota, quando se insurgiu contra a Confraria de Nossa Senhora da Conceição, que tinha o próprio magistrado em seu quadro de mesários

e um protegido na presidência. O pretexto encontrado foi a utilização da música, tocada na Catedral da Sé pela Confraria e que se presta para a primeira manifestação de soberba do sacerdote, que a propósito se vangloria de sua experiência no setor em Roma.

Tabajara Melo, que vendeu a meu pai e ao Zé Dias a Fábrica de Bebidas Santa Catarina, a primeira a ter engarrafador a gás no interior, ia todos os anos a Canindé, por ocasião das festas de São Francisco. Ali cumpria suas devoções, como bom terceiro-franciscano que era. Graças a seu entrosamento com os frades, vendia-lhes produtos. Um deles, a aguardente Sacode (pinga com infusão de casca de jatobá, vagem de jucá e outro elemento da flora cearense), bom aperitivo, tônico dos brônquios e dos rins, me dizia seu Costa, mais genebra, conhaque e quinado. Ele era católico, com presença ativa nas associações católicas da terrinha. Tanto assim que sofreu todo o tipo de pressão em 1922 - ainda estava estabelecido em Crateús -, quando D. José Tupinambá da Frota instituiu um novo pecado mortal: ler e assinar *A Lucta*, de seu primo Deolindo Barreto. Em Sobral, entre outras, era da Conferência de São Vicente de Paulo e recebia muitas críticas por dar bebidas aos mendigos que o assediavam, o que sempre irritou os católicos mais conservadores e, ainda hoje, deixa muita gente insatisfeita. - *Aquele que precisa estender a mão à caridade pública, para prover o próprio sustento e o da família, não tem direito de tomar seu pileque para fugir da terrível realidade que o circunda?* - dizia ele.

A Ordem do Santíssimo, a Congregação Mariana e a Pia Cristã estiveram sempre ao lado do bispo em suas lutas políticas contra Deolindo Barreto e José Saboya.

## Cabo eleitoral e a Igreja

No último ano em que morei em Sobral, entrei de cabeça na campanha eleitoral de Bartolomeu Acácio Aguiar, que queria passar de tesoureiro a presidente do Centro Estudantil Sobralense, contra o outro candidato, Gerardo Aguiar Mendes, a favor de quem, não sei por que cargas-d'água, ficou o colérico padre José Ignácio Mendes Parente, professor do Colégio Sobralense, que chegou a ir à nossa casa me pressionar. Na hora agá, “apelou”, em face das ligações de meu pai com o clero sobralense. E na sua presença, nós três no amplo sofá de jacarandá antigo (*seu Costa adorava móveis antigos, entalhados*) em que estávamos sentados, perguntou: - *Você não mudaria nem que seu pai mandasse?* Disse que não, e, felizmente, *seu Costa* respeitou minha decisão. O sacerdote saiu fumando numa quenga e, dia seguinte, em aula que ministrava no Colégio Sobralense, me criticou com veemência. Teve, porém, na hora pronta, resposta do Moacir Sobreira Filho, seu aluno e irmão do Narcélio, meu colega de Seminário Franciscano: - *Pois eu não acho isso do Lustosa não*, disse o altivo moço.

No auge da campanha, Gerardo fez acusações ao desempenho de Acácio como tesoureiro, obrigando-me a mim, seu “ghost writer”, a escrever res-

posta em panfleto, em que dizia: “aplicou-me o epíteto de ladrão, que só a ele cabe e bem se ajusta”. Evidentes exageros de disputa eleitoral. Ignoro em que deu a campanha, pois estava de mudança para Fortaleza. Só sei que tive de sustentar os atos, embora não fosse nem seja corajoso, como sempre, fazendo das tripas coração.

## **José Saboya**

**J**osé Saboya (1871-1950) formou-se pela Faculdade de Direito de Recife. Ainda jovem estudante, salvou a vida de dois naufragos do navio Bahia, em que viajava, o qual, à noite, colidiu com o Piabanha, gesto de bravura que lhe rendeu calorosas homenagens. Juiz de 1892 a 1936, reinou absoluto na cidade, até que foi aposentado compulsoriamente por dispositivo inserido na Constituição do Estado, com o objetivo expresso de afastá-lo do cargo e esvaziar-lhe a tremenda influência política que exercia na região.

Casado com dona Sinhá Saboya, filha do Dr. Paulinha, precocemente falecido no Rio como deputado federal, neta do Senador Paula Pessoa, “o senador dos bois”, durante cinquenta anos foi o homem mais importante de Sobral. Reunia o poder econômico, porque era dono de uma fábrica de tecidos e de 16 fazendas de gado, no Ceará e no Piauí, herdadas do pai e do sogro, e o poder político, porque, com mão forte, controlava a Justiça, gozando da segurança da vitaliciedade de magistrado, e o Partido Republicano Conservador, depois PSD e, por fim, UDN.

Esteve quase sempre de cima, até mesmo no curto período de Franco Rabelo, apesar de seu pai haver sido vice-presidente do Estado, no primeiro período em que o comendador Nogueira Accioly foi alçado ao poder. Conheceu a oposição depois da eleição de Menezes Pimentel ao Governo do Estado, em 1935, decidida na Assembléia Legislativa do Estado pelo “Smith and Wesson” de seu ex-liderado, Chico Monte, que passou a ser, desde então, até o fim do Estado Novo, dono da bola e das camisas em Sobral. Antes, seu partido, o PSD, enfrentou violenta resistência do bispo e do clero, sendo chamado, do alto dos púlpitos e no silêncio dos confesionários, de *partido sem Deus*.

José Saboya sempre teve relações difíceis com a imprensa de sua terra. Quando rompe o Século XX, está em guerra com Álvaro Otôni, de *A Cidade*. Mais tarde, Vicente Loyola, de *O Rebate*, teve de depor moribundo perante ele, apesar de atestado médico fornecido por seu próprio irmão, Massilon Saboya, dando-o como inválido, o que teria apressado sua morte. Deolindo Barreto, de *A Lucta*, que o elegeu alvo de seus ataques, terminou mal a existência, executado em plena luz do dia, no prédio da Câmara Municipal. Cordeiro de Andrade, o romancista de *O Anjo Negro*, foi por ele colocado diante do dilema: fechar *O Debate* ou ir para a cadeia. Preferiu partir, levando pela vida afora, até a morte precoce, a amargura do exílio.

Ainda menino, presenciei a última polêmica que, apoiado pelos genros Plínio Pompeu e José Maria Alverne, travou com o bispo e o padre Sabino

Loyola, pelo *Correio da Semana*. Ele lançara seu velho aliado, o desembargador Faustino de Albuquerque, candidato ao Governo do Estado pela UDN, sustentando sua candidatura contra as adversidades. D. José foi fundo na campanha do PSD, que lançara o general Onofre Muniz Gomes de Lima, brandindo contra o outro candidato anátema de ser apoiado pelos comunistas, apesar de ser arqui-conservador e ex-presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos. No auge da briga, o bispo escreveu artigo sob o título *Por que vês tu o arqueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu?* José Saboya foi ao juiz Floriano Benevides e conseguiu poder para publicar, no *Correio da Semana*, resposta sob o título *O meu anticlericalismo*.

Os céus, porém, não acudiram ao candidato do bispo. José Saboya fez cabelo e bigode. Elegeu o amigo do peito governador, o genro Plínio Pompeu senador (avô da senadora Patrícia Gomes), o outro genro suplente e a maioria da bancada federal da UDN. Morreu no poder, como sempre vivera. Não pôde, entretanto, por ter sido enterrado no Rio, usar o caixão de cedro, de árvores plantadas e cuidadas por ele no sítio Pedra Furada, na Serra da Meruoca, ao longo de sua existência, que experimentou com bonomia no escritório da fábrica, para constrangimento do carpinteiro que o fabricava e para irritação do amigo Clodoveu Arruda, hipocondríaco “até dizer chega”, o qual fugiu do local aos pinotes.

O doutor José Saboya era mestre em pôr apelido nas pessoas, o que seguramente não lhe aumentava a popularidade. Tinha também muito humor.

Não gostava de que lhe batesses freqüentemente à porta do escritório da fábrica. Quando isso acontecia, repetidas vezes, queixava-se: - *Estou que nem puta nova: todo o mundo bate na minha porta.* Nos últimos dias de vida, no Rio, recebeu a amiga de um amigo, a qual, para animá-lo, o achou bem-disposto e saudável. Reagiu com ironia: - *Eu sei que vou morrer bem, melhorando.* Ante as limitações alimentares que o médico lhe impôs, indagou do irmão Massilon: - *Será que posso comer pelo menos capim?*

Certa feita, durante o expediente da fábrica, seu gerente, Nonato Araújo, recebeu pedido de emprego na presença do chefe. José Saboya recomendou: - *Dê um jeito de empregar o rapaz.* Nonato dirigiu-se ao recém-chegado: - *Tenho uma vaga.* O outro sorriu discretamente. Nonato indagou: - *Seu nome?* Resposta do candidato: - *José Saboya da Silva.* O patrão, que a tudo ouvia, deu um murro na mesa fingindo irritação: - *"Fii" duma égua, que diabo de nome é esse? Rasgue esse papel* - disse a Nonato. Depois se refez e brincou: - *Vá ao cartório do Fabião, leve batistério, o documento que precisar para mudar seu nome para José Barbosa. Todo "fii" duma égua quer ser José Saboya.* Nonato vestiu o paletó e mostrou intenção de partir. - *Aonde você vai?* - perguntou José Saboya. - *Vou ao cartório do Fabião, como o senhor mandou* - respondeu Nonato. - *Deixa de besteira, ajeta o emprego do rapaz* - ordenou Saboya.

Rafael Araújo, pai do padre Manuel Henrique, este filho de Meruoca, vigário da Igreja do Patrocí-

nio, em Sobral, sentiu-se ferido em seus brios, quando “chamado para o pau” no Sábado da Aleluia. Desceu a serra para se queixar, em Sobral, dos agravos recebidos, a seu chefe, Dr. José Saboya, líder da UDN na zona noroeste do Ceará. O velho político, homem erudito, para se certificar das ofensas, perguntou: - *Eles lhe disseram palavras soezes?* O matuto negou: - *Soezes que nada, meu chefe. Me chamaram de fdp para cima.*

Empolgado com a idéia de José de Lima de promover a Páscoa dos motoristas no dia de São Cristóvão, o chofer do Dr. José Saboya conseguiu licença do chefe para folgar a manhã e cumprir o dever cristão durante a missa das nove. O certo é que, ao meio-dia, o motorista, às quedas, depois de intenso consumo de cachaça, sem alimentação, apareceu na casa do patrão, que, naturalmente, o interpelou: - *O que foi que houve?* Ante o silêncio encabulado do outro, perguntou: - *É você comungou?* O empregado, com a voz engrolada, explicou: - *Dr. José Saboya, é que desde menino eu sou assim: misturo tudo.*

## Rivais até a morte

- *A torre da minha Igreja estará sempre acima do telhado do Fórum*, dizia D. José Tupinambá da Frota, referindo-se à Catedral da Sé, situada num outeiro acima do prédio onde funcionava a Justiça em Sobral. Se houve rivalidade que durou a vida inteira foi esta entre o juiz Dr. José Saboya de Albuquerque e o bispo D. José Tupinambá da Frota.

Eram dois bicudos que não se beijavam. Dizem que a ciumeira começou em 1908, quando o padre foi empossado vigário-geral da cidade, depois de retornar laureado de Roma, e explodiu quatro anos depois, quando lançou loteria em favor das obras da Santa Casa, que o juiz mandou a Polícia apreender, chamando seu responsável de contraventor pelo jornal *A Pátria*, de propriedade de sua família.

Em muita coisa se identificavam, principalmente no bairrismo. Por isso, o bispo se rendeu ao rival, para sua mortificação, no transcorrer da década de 1920, quando teve de recorrer ao prestígio de seu irmão, Vicente Saboya, junto ao Ministro das Relações Exteriores, a fim de não ser transferido para a Diocese de Uberaba.

Por sua vez, quando convidado pelo presidente do Estado, o sobralense Moreira da Rocha, para integrar o Tribunal de Justiça, José Saboya respondeu brincando: - *Aceito, se o Tribunal vier para Sobral.*

## **O cabido de Roma está comigo**

No auge da briga com D. José, José Saboya gabava-se de contar com a solidariedade dos mais importantes monsenhores da diocese, que eram simpatizantes da UDN, a principiar por um sacerdote que também se doutorara em Roma e era grande proprietário rural em Tianguá, Agesilau Aguiar. Dizia: - *O cabido de Roma está comigo!*

O próprio vigário-geral, Olavo Passos, que, no acirramento da disputa, foi obrigado a excluí-lo da

Irmadade do Santíssimo Sacramento, José Gerardo Ferreira Gomes, Gonçalo Oliveira Lima, do Ipu, e José Carneiro da Cunha, dono de salinas em Chaval, também nutriam simpatias pela UDN do juiz aposentado e industrial.

## A aristocracia da cidade

Numa cidade que pregava a pureza racial, era natural que surgisse fidalguia própria. Foi no final do século passado. Segundo relato do monsenhor Francisco Sadoc de Araújo, um professor da cidade, o padre Antônio da Silva Fialho, batizou seus alunos como Vergniaud, Donizetti, Cialdini, Montalverne. Antonio Rodrigues de Aguiar foi rebatizado como Antônio Montalverne, Miguel da Frota Ponte, como Miguel Cialdini, Manuel Lima da Rocha, Manuel Vergniaud, José Severiano Vasconcelos, José Severiano Morel, Luiz Januário Nogueira, Luiz Januário Lamartine, João Augusto Maravalho, João Scaligero, Raimundo da Costa Gondim, Raimundo Donizetti. O empreendimento aristocrático pegou. Desse batismo nasceram novos e aristocráticos clãs em Sobral. Eles se achavam no direito de, posteriormente, depreciar outras famílias que, geralmente sem tradição, vinham assumir seu lugar ao sol. Eram denominações que tinham por objetivo menosprezar grupos sociais emergentes: os *Galinhas d'Água*, espertos negociantes, que ganharam esse apelido por analogia com a esperteza de uma espécie de jaçanã, os *Miliquitas*, nome de uma formiguinha muito ativa e inteligente, os *Cangatis*, os *Carcarás*, os *Bacuraus*, os *Cabaças* etc.

## A família de Ciro Gomes

Ao tomar posse na Assembléia Legislativa do Ceará, Ciro Gomes evocou os antepassados mais próximos: “Filho de Sobral, pertencço à família do operoso e íntegro ex-prefeito daquele urbe, José Euclides Ferreira Gomes Júnior, sendo particularmente grato recordar que sou também neto do ex-deputado estadual José Euclides Ferreira Gomes, sobrinho do ex-deputado estadual João Frederico Ferreira Gomes e ainda primo do atual deputado Vicente Antenor Ferreira Gomes.”

Podia ter ido mais longe. Segundo o general Euclides Wicar de Paula Pessoa, em *Algo sobre a História de Sobral*, em 1776 chega a Sobral, via Acaraú, Inácio Gomes Parente, cujo filho mais velho, José Inácio, foi deputado nas Cortes de Lisboa. Não querendo ausentar-se de Sobral, foi substituído pelo padre José Martiniano de Alencar, pai do autor de *O Guarani*. Com eles surge, em Sobral, a família do ex-governador Ciro Ferreira Gomes.

Vicente César Ferreira Gomes é sucedido por José Ferreira Gomes na Prefeitura de Sobral, tão logo é proclamada a República. A presença de ancestrais de Ciro Gomes na política cearense vem assim dos tempos da regência de D. Pedro I, depois da volta do pai, D. João VI, a Lisboa.

## O bairrismo de Sobral

No Ceará, a riqueza veio do interior para a capital. Enquanto Fortaleza ainda era um areal desolado, cidades como Icó, Aracati, Crato, Sobral esplen-

diam em prosperidade. Seu Teatro São João é muito anterior ao José de Alencar, da capital. Sobral era tão poderosa, que conseguiu do governo imperial uma estrada de ferro somente para transporte de mercadorias que a ela chegavam ou dela partiam através do porto de Camocim. Por isso, Sobral cultivou o bairrismo como lembrança desses tempos dourados, o que lhe valia ironias dos filhos de Fortaleza, que acusavam os sobralenses de falar Inglês, que aludiam à necessidade de passaporte para visitar a cidade, etc. Diziam que, ao tempo da guerra, não queríamos saber de fortalezas voadoras, e sim de “sobrais” voadoras.

Costumo ainda contar o caso de dona Alice Rodrigues de Souza, uma vitoriosa, que conseguira colocar dois filhos no Banco do Brasil. Ninguém podia ser mais bairrista que ela na cidade. Para ela, o mundo começava e terminava em Sobral. E nos filhos. Uma vez, estava particularmente eufórica com o êxito funcional de um deles. Dizia à amiga Alaíde Sobreira: - *Meu filho, o Toim, estourou de letra. A outra quis saber o que significava isso. Alice então explicou: - Já foi A. B. C. D. Z. Não tinha mais letra pra ser promovido. Aí o fizeram fiscal do Banco. Quando terminou o esfuziante contentamento, lembrou-se de indagar da outra: - E seu filho Narcélio, como vai?*

A outra, modesta, respondeu:

*“O Narcélio é inspetor do Banco Central”.*

Alice não mostrou entusiasmo pela resposta:

*“Banco Central? Banco Central? Não tem agência em Sobral, não deve ser importante, não”.*

## Para ganhar energia

Fui a Sobral rever amigos e recuperar forças, tal como Anteu. Numa tarde de calor senegalês, dirigi-me ao *cybercafé* da Rua do Menino Deus, a enviar mensagens para os amigos, tal como fizera em Barcelona, quando ali estive no meio do ano. De manhã, o prefeito anunciara que a Praça da Meruoca poderia receber o nome da capital catalã, depois de reformas. Um conterrâneo, lotado de bairrismo, comentou feliz: - *Pegou por cima*. No restaurante do Largo das Dores, à beira do rio, o médico Vicente Cristino me fala da urbanização do Acaraú: - *Daqui a seis meses, você vai encontrar aqui...* Interrompo-o açodado: - *O Oceano Atlântico?* - *O oceano não diria, mas algo como o Rio Sena*, concluiu.

Sou aquele cara que está sempre sonhando ganhar sozinho o prêmio da Mega-sena; que aguarda na correspondência, todos os dias, mais uma carta de elogios de *Claude Lévi-Strauss* a meus livros; que espera seu saldo bancário haja aumentado na véspera, sem que haja feito qualquer esforço nesse sentido. Enfim, sofro de otimismo delirante.

Em Sobral, fui ao mercado, como faço em todas as cidades que visito, adquirir rapaduras e caju. Enquanto comprava frutas, o vendedor dizia pornografias. Pedi-lhe respeito, em atenção aos meus cabelos brancos, e acrescentei: - *Além do mais, sou inativo da União*. - *O diabo é quem confia*, replicou para me afagar o ego. Tomei um táxi e, quando passava à altura da Igreja do Rosário, fui reconhecido

por uma bela adolescente, que cavalgava sua moto e gritou meu nome. O motorista ficou entusiasmado: - *O senhor é forte com as mulheres.* Claro que fiquei lisonjeado, não vou negar. Seguimos viagem, e o cinesíforo, para inflar meu ego, me avisou todo feliz: - *E ela está nos seguindo.* Diante da corda que ele me dava, não discordei quando anunciou que ia parar o carro para que a ninfeta nos abordasse. Foi o que fez. A menina da *Sukita* veio ao meu encontro, com todo o encanto de seus verdes anos e a simpatia de seu sorriso. Chegou para furar a bolha da quimera, como se fura uma de sabão: - *Sou a Paula Apoliano. Vim dizer que o tio Francy não pode ir almoçar com o senhor porque está em São Paulo transmitindo o jogo.* Ah! Era isso.

## Os cães de José Maria

Na residência secundária de Giovana Mont'Alverne, na Serra da Meruoca, enquanto encaro as famosas queijadinhas de Sobral, lembro então o gosto sofisticado de seu pai por cachorros de raça. José Maria Mont'Alverne, advogado rico, casado com moça rica, Nazinha, filha do dono da fábrica de tecidos e chefe da UDN, Dr. José Saboya, criava cães dinamarqueses, enormes, do tamanho de touros premiados. Meu pai contava o terror que sentiu quando, ao visitar o proprietário, foi recebido, "carinhosamente", por um enorme molosso, que se lançou sobre ele e ficou de patas apoiadas em seus ombros. O cachorro, Emir da Renânia, premiado na primeira exposição de cães realizada no Ceará, era casado com a Poranga da Glória. Habitava no

quintal da residência do dono, onde havia duas casas para eles, com pé direito alto, janelinhas com vitrais coloridos, versos do cão Veludo pendurados num quadro pregado à parede. Quando morreu, o Emir teve enterro à altura. E foi enterrado ali, perto do lugar em que morou, tendo por sobre o túmulo lápide de cimento celebrando seus dons. Assim era Sobral na década de quarenta.

### Chico Monte, o último dos "coronéis"

Acho que foi esse o título de um artigo de Lúcio Lima, publicado no extinto *Diário do Povo*, quando Chico Monte morreu, a 16 de março de 1961. Foi ele, aliás, o primeiro deputado federal a falecer em Brasília. Morreu de ódio, por não poder, como nos velhos tempos, matar o prefeito Palhano de Sabóia, que diariamente agredia não só a ele, como também a filha Olga e o genro Parsifal Barroso.

Desde rapazinho, Chico Monte fora habituado a resolver suas paradas na marra, no tapa, com a peixeira desembainhada ou à bala. Contava-se que acoitava capangas em sua fazenda Pocinhos. Nunca se confirmou, porém, que recorresse à ajuda de outros para emboscadas ou tocaias. Resolvia tudo pessoalmente, cara a cara.

Na campanha de 1954, para a eleição de Paulo de Almeida Sanford à Prefeitura de Sobral (da qual participei ativamente), conheci um caboclinho baixo, choquinho, de chapéu de palha enfiado na cabeça e rosto meio triangular, puxando um pouco ao tipo do antigo *Amigo da Onça*. Chamava-se Cícero.

Manso, humilde mesmo, costumava entabular longos papos comigo durante os comícios. Mais tarde, vieram me dizer que ele era assassino alugado, que já matara cinco. Não cheguei a comprovar a informação.

Dondon Ponte, dona de uma pensão na Praça 5 de Julho, rabelista doente (José Saboya era marreta, vinculado aos Acciolys), que conheci velhinha, sentada numa cadeira de balanço à porta de seu estabelecimento, atribuía a si o fato de haver instigado um dos hóspedes - tenente de Polícia de nome Castelo Branco - a pôr fim aos desmandos de Chico Monte, com a frase: - *Tenente, se não tem coragem, vista a minha saia e me empreste sua farda*. Em minha imaginação de menino, foi como nos filmes de faroeste. Provocado em seus brios e em seu amor-próprio, o policial saiu pelas ruas quentes e poeirentas de Sobral, atrás do “desordeiro Chico”. Terminou por encontrá-lo, bêbado, fanfarronando na Praça José Saboya, sempre pronto para o que desse e viesse. - *Prepare-se para morrer, seu cabra safado* - gritou o tenente. Logo a seguir, disparou seis tiros. Chico Monte caiu sangrando e ficou sem se mexer, fingindo-se de morto. Quando Castelo Branco sobre ele se curvou para conferir o serviço, o “morto” levantou-se e matou-o com sua peixeira.

Vereador e liderado de Zé Saboya, de outra feita foi um dos acusados pelo assassinato do jornalista Deolindo Barreto, ocorrido em 1925, no prédio da Câmara Municipal. Contam que Deolindo, em determinado momento, começara a atirar em uma fotografia pregada à parede. Uns dizem que era a

foto do juiz José Saboya. Outros que atirara para cima. Foi o bastante! Morreu ali, na horinha, crivado de balas, uma das quais dizem ter saído do revólver de Chico Monte.

Durante a campanha da Liga Eleitoral Católica (LEC) de 1933, em Sobral, num comício realizado na Praça 5 de Julho, nos fundos da Igreja do Rosário, um dos oradores derramava sua demagogiazinha, falando do ateísmo de certo adversário, quando, do meio da multidão, um popular ousou gritar: - *E Fulano de Tal, que é da LEC, não é ateu também?* Em fração de segundos, Chico Monte subiu ao palanque, revólver em punho, para desafiar o aparteante. Logo não havia mais ninguém na praça, tal o medo que inspirava.

Na oportunidade da eleição de Menezes Pimentel para a presidência do Estado, sentia-se o cheiro de traição no ar. Chico Monte foi escalado para sentar-se entre dois colegas da Assembléia, que se encontravam “em dúvida” a respeito de sua escolha eleitoral. Revólver à mostra, declarou simplesmente: - *Se o Pimentel perder, vocês saem daqui para o cemitério, e eu, para a cadeia.* Catequista com argumentos tão convincentes e claros não tinha como desperdiçar seu latim. Pimentel foi eleito com a diferença de dois votos.

Contam também que, no Rio, quando da cassação do mandato de deputados comunistas, Chico não gostou da reação de um deles, o gaúcho Trifino Correia. Punhal na mão, pulou sobre duas ou mais poltronas do Palácio Tiradentes, na tentativa de punir o atrevido.

Na década de cinquenta, recebeu de Carlos Jereissati, presidente de seu partido, o PTB, um revólver a gás importado dos Estados Unidos. Disse-lhe então o amigo: - *Chico, essa arma é boa porque, quando você atira, o atacante fica desacordado até a chegada da Polícia.* Ao que Chico Monte retrucou: - *Bom! Assim, enquanto ele estiver caído, chego lá e costuro ele de faca.*

Avesso a repartições, raramente freqüentou qualquer prédio público. Abriu exceção no governo Parsifal Barroso, quando decidiu visitar um primo querido, Marcelo Sanford, por ele indicado ao cargo de diretor do DAER. A secretária deste, coitada, totalmente desinformada sobre as idiossincrasias do “coronel”, cometeu a besteira de perguntar-lhe o nome e mandá-lo esperar. Aos palavrões e pontapés, derrubou a porta e invadiu o gabinete, vermelho de irritação, cabeça erguida, com leve coxear. Assim chegou até a mesa do parente, a essa altura assustado, perplexo e preocupado.

A última vez em que o vi, já no fim da vida, foi em frente ao prédio da velha Assembléia. Eu era redator de uma coluna política considerada das mais quentes e críticas, no jornal *Unitário*. Meus artigos incomodavam e desgostavam a muitos, inclusive a Régis, filho do governador Parsifal, mais tarde eleito deputado federal. Chico Monte chamou-me a um canto da calçada e tocou-me brandamente o ombro. Beijei-lhe as mãos com certa ponta de orgulho, apesar de adulto e jornalista da moda. Em tom afável, quase paternal, solicitou-me: - *Meu filho, vou lhe fazer um pedido. Não publique mais aquelas noti-*

*nhas contra o governo. Critique a mim, que não me importo. A questão é que a Olga e o Régis não gostam. Vivem reclamando.*

O sobradão de Chico Monte, na Praça do Rosário, estava sempre cheio de gente. Ao contrário de José Saboya, mais aristocrata, ele buscava apoio na faixa popular e na área rural. O salão do primeiro, em que recebia os eleitores e cabos eleitorais, possuía duas filas de cadeira, creio que de balanço. Numa delas, distinta das demais, recebia aliados. E, de quando em vez, capengando um pouco (seqüela do duelo mortal com o tenente Castelo Branco), ia ao seu birô, ou então à parte íntima da casa, onde D. Maria Monte coordenava a assistência ao eleitorado. No governo Faustino de Albuquerque, em frente à sua casa, instalou-se uma amplificadora da UDN. O certo é que, na política habitualmente violenta de Sobral, choviam insultos ao sobradão. A localização da irradiadora agravava a provocação. Era demais para o temperamento de coronel sertanejo, principalmente para quem cultivava a fama de machão. Certa feita - eram mais ou menos quatro horas da tarde -, estava eu na Praça do Rosário quando o vi descer de seu sobrado e rumar para o sobrado frontal. Suspense na praça. Gente seguindo-o, ele à frente, coxeando. Com olhos deslumbrados de criança, vi-o subir, sozinho, os degraus do outro sobrado, cortar os fios de energia e derrubar os alto-falantes da amplificadora que, sem cessar, irradiava mensagens cáusticas à sua pessoa. De lá de cima, numa cena que jamais esqueci, gritou explicações, que não admitia insultos, etc., as

cousas de sempre de tais ocasiões. O certo é que os insultos calaram, e as emissões deixaram de ser tão provocadoras.

Se os familiares de Chico Monte reclamavam de minha coluna política, não era diversa a reação do padre José Palhano de Sabóia, após ser entrevistado em meu programa da TV Ceará, *Política, quase sempre*.

“O Padre José Palhano de Sabóia, prefeito de Sobral, falou hoje (7/7/1961) à reportagem de O POVO, prestando-nos, então, as seguintes declarações, a propósito da sua presença na TV Ceará, no programa *Política, quase sempre*: “Fui convidado para um programa de caráter político, ao que supunha e esperava, e no entanto o mesmo se converteu numa desleal devassa da minha vida particular e privada, que nada tem a ver com os acontecimentos e atividades políticas. Procurei responder, à altura e merecidamente, às indiscretas perguntas, com certeza de adversários meus, já que os mesmos tiveram a ousadia de formulá-las, restringindo-me, portanto, ao teor das mesmas. Se houve interpretação maliciosa nas minhas respostas, a responsabilidade da malícia cabe a quem me interpeleu indiscretamente, desrespeitando o público e minha pessoa.”

Sobre o tão explorado caso da morte de Chico Monte, esclareceu: - *Politicamente, tenho o prazer de ser o responsável moral pela derrocada política de Chico Monte no seu próprio feudo, com quem travei combate, embora em condições desiguais, por-*

*quanto o mesmo, além de ser profissional da política, tinha a cobertura das forças econômicas e políticas da situação dominante.*

Quanto à sua morte física, perguntava ele:

*“- Quem foi o responsável pela morte de Getúlio Vargas? Se Gregório, o contrabandista e escandaloso, ou os homens honrados e de bem que apontaram o mar de lama à Nação?”*

*- Apesar de ter sido convidado quase à última hora e apanhado de improviso, espero ter correspondido à expectativa dos telespectadores, embora tivesse preferido que as perguntas houvessem girado em torno do próprio nome e da finalidade do programa – finalizou.*

## **A primeira lembrança de Chico**

A primeira lembrança de Chico Monte que me vem à mente é a do menino velho amarelo que passa o domingo em sua fazenda Pocinhos. Fomos e voltamos numa camioneta *Dodge* vermelha, de sua propriedade. Na boléia, o motorista, Chico, eu e meu pai.

Em 1947, aos nove anos, comecei a escrever um diário. Só falava de política. Numa de suas páginas, está o relato de uma reunião política no Teatro S. João, e eu registrando haver voltado para casa, “quase no colo de dona Olga”, ao lado de Menezes Pimentel.

O sobrado de Chico Monte se localizava na Praça do Rosário. Na ampla e ensolarada sala de frente, no primeiro andar, recebia amigos e correligionários,

que se sentavam em duas filas de cadeiras, uma em frente à outra. Ele ficava na primeira fila, próxima à janela. Gostava de sentar-se com a perna sobre o braço da cadeira de balanço em que se acomodava.

Numa manhã do comecinho de 1951, vou lá com meu pai. Chico faz a barba com navalha, diante de modesto espelho emoldurado em vermelho. Elegeu-se deputado federal e ainda elegeu o genro, Parsifal Barroso, para a Câmara dos Deputados. Estava, porém, furioso com o governador Raul Barbosa, que lhe negou a Secretaria da Agricultura, prometida ao primo Paulo Sanford: - *Vou esperar por ele. detrás do tronco da aroeira. lambendo rapadura.* dizia. O certo é que, em 1954, Raul disputou e perdeu a cadeira senatorial, conquistada por Parsifal.

Adolescente tímido e ao mesmo tempo metido, participei da campanha eleitoral de Paulo Sanford. Nem sei se dá para entender. Levava de casa os discursos escritos. Num deles, abusava do recurso primário: “Um, dois, três, Paulo Sanford mais uma vez”. O *gentleman* sobralense, sempre de branco e de gravata-borboleta, os olhos muito azuis denunciando a ascendência norte-americana, voltava à Prefeitura de Sobral, agora pelo voto popular.

Lembro outro comício, em São José da Mutuca, com a presença do empresário Pery Frota, que, aparentemente, entrava com bom quinhão nas despesas eleitorais. Nilo Donizete costumava lembrar que, noutro *meeting*, realizado detrás da Catedral da Sé, lancei sua candidatura à vereança. Esses acontecimentos me vêm à memória por conta do desaparecimento de Olga Monte Barroso, que, ao lado de

Parsifal, levou à pia batismal, em março de 1942, meu irmão Inácio Parsifal, uma ligação de família anterior a tal fato. Sua morte me doeu. Não percebera que gostava tanto dela. Depois me dei conta de que era um longo capítulo de nossas vidas que vinha de terminar.

## Uma mulher de cabelo na venta

Para bem entender Olga Monte Barroso, é preciso conhecer seu pai, Chico Monte, “o último dos coronéis”, homem público que conquistou o êxito à base da violência física e da esperteza política. Olga foi o filho homem que Chico não teve. Daí ter sido sempre bravia, desaforada, autêntica. Nunca levou desaforo para casa. Enfrentou, sempre de peito aberto, o perigo, o adversário, a ameaça. Por se mostrar assim franca e leal, incapaz de dissimulação, os jornais exploravam, e muito, a ascendência que exercia sobre o marido, a qual seria, no entanto, menor, muito inferior à de sua sucessora, Luíza, sobre Virgílio Távora. Sem se falar que ela era dona dos votos do marido, que, ao disputar, sem a proteção do sogro, cadeira de deputado federal pelo Partido Democrata Cristão, foi fragorosamente derrotado, apesar do prestígio de que desfrutava junto à elite intelectual católica.

O jornalista Sebastião Nery costuma contar haver visitado Fortaleza a serviço de *A Tarde*. No táxi, ao deixar o aeroporto, puxou conversa com o motorista, dizendo que vinha entrevistar o governador. O chofer foi logo dizendo: - *Que nada! Fale com dona Olga, que é quem manda no governo.* Diz ele

que, já ali no carro, definiu o título de sua reportagem publicada em Salvador e, posteriormente, transcrita nos jornais do Ceará. O secretário do governo, jornalista Themístocles de Castro e Silva, lhe endereçou o seguinte telegrama: - *Volte a Fortaleza para morrer*. Nery respondeu num sucinto despacho: - *Não volto*. E ficou nisso.

Nos tumultuados dias de setembro de 1961, Olga foi ao quartel da 10ª Região Militar libertar o auxiliar do marido, Themístocles de Castro e Silva, ali constrangido por haver defendido, em artigo assinado no jornal *O Estado*, a posse pura e simples do vice-presidente, ante a renúncia de Jânio Quadros. Empossado João Goulart, muitos dos oficiais rebelados foram dispersos País afora, transferências que geraram ódio mortal, sentimento que foi responsável pelo posterior seqüestro de Parsifal, quando, após assistir à posse do general Portugal Tavares no comando do IV Exército, em Recife, foi transportado à força para Caruaru, onde foi deixado sozinho, a pé, às margens da estrada.

Durante o governo Parsifal Barroso, os jornais andaram lotados de notícias de contrabando de café, distribuído através do sistema de quotas a moageiras, existentes ou não, e embarcado depois, através de agentes da economia informal, para o exterior, para as Guianas. Um dos mais notórios moambeiros da terra, para tornar a vida mais fácil, ao aproximar-se das cancelas de fiscalização da Secretaria da Fazenda, bradava a plenos pulmões: - *Passagem pro café de dona Olga!* Por conta disso, depois do golpe militar de primeiro de abril de 1964, ela respondeu ao

IPM do Café, presidido pelo major Egmont, filho de velho amigo e correligionário de seu pai, o ex-presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, Joaquim Bastos Gonçalves. Magoada, humilhada pelo zelo revolucionário do major, não se conteve. Endereçou-lhe um bilhete, que Egmont leu perante as câmeras da TV Ceará: “Egmont, dona Maria Alice, sua mãe, é uma santa. Você, porém, é um grandíssimo fdp!”

Olga Barroso foi personalidade polêmica. Talvez estas poucas linhas reacendam paixões adormecidas. É a homenagem que não posso deixar de prestar a essa sobralense bravia, que era muito gente. Olga era mesmo uma mulher *de cabelo na venta*.

## Zé Monte

José Borges de Almeida Monte, o Zé Monte, é amizade que herdei de meu pai, chefe inicialmente de sua mãe, dona Judilita, bem como de nosso personagem, que a substituiu no emprego no IAPC. É um cara viajado pelo País, embora o mundo, para ele, comece e termine em Sobral. Quando vem a Brasília, é raro que me visite. E quando me dá o prazer de sua presença, está sempre preocupado em não me fazer perder tempo, em não me pedir nada, cheio de dedos e escrúpulos.

Numa dessas raras visitas, como lhe havia morrido filho varão, num estúpido desastre há pouco tempo, fiquei preocupado quando baixou a cabeça, silenciou durante algum tempo e falou: - *Chico, a pior coisa que me aconteceu...* Estaquei preocupa-

do, temendo, covarde como sou, explosão de dor familiar, pessoal. E ele continuou: - ... *foi saber que o Rock Hudson era veado*. (Li, um dia desses, em crônica saborosa, que o acontecimento também foi traumático para o Luiz Fernando Veríssimo.)

Quando nosso personagem conheceu Fernando Henrique Cardoso, na casa do conterrâneo José Lycio Aguiar, tentou, em vão, entabular conversa, e nada de chegar a um assunto de interesse comum. Apenas conseguiu algum *papo* quando recordou Parsifal Barroso, casado com sua prima Olga, de quem o presidente eleito já ouvira falar. Depois de uma pausa no *papo*, Zé Monte informou: - *Tem um cara em Sobral apaixonado pelo senhor*. FHC fez aquela cara de simpatia, de “tudo bem”, e o outro prosseguiu: - *É o João Lycio Soares, o Panario*. O mesmo sorriso do Presidente. Aí Zé Monte não agüentou a ignorância: - *Senador, o João Lycio Soares, irmão do Zé Maria, o senhor não conhece? É o Panario, senador*. FHC continuou na mesma ignorância.

## D. José e a Miss

O bairrismo de D. José só se equiparava a seu conservadorismo. Nos últimos dias de sua vida, os concursos de beleza feminina estavam no auge da moda. Quando Emília Correia Lima, por acaso nascida em Sobral, foi eleita *Miss Brasil*, em 1955, a cidade toda se ouriçou. Em meio à descida da ladeira, era a glória nacional de que tanto carecia.

No ano seguinte, outra sobralense, essa da gema, aluna do Colégio Sant'Ana, foi à luta. Sua comitativa, integrada por pai, mãe, parentes e aderentes - e, como não poderia deixar de ser, por Stênio Azevedo, sobralense e coordenador do concurso -, acompanhou-a até as margens do açude Cachoeira, onde se deixou fotografar de maiô, para a primeira página do *Correio do Ceará*. Quando o jornal chegou à cidade, a pobre moça viu-se expulsa do colégio das freiras.

Zé Monte, juntamente com Vilemar Carneiro, decidiu defendê-la, indo até o bispo, a fim de requerer a revogação daquele ato institucional. Começaram a cantada, inocentemente, dizendo que a mãe da moça, cunhada de padre e freguesa diária da Igreja, começava a chorar, inconsolável, toda vez que se lembrava da punição sofrida pela filha, que considerava uma espécie de excomunhão, ou seja, um vestibular para o fogo do inferno. O bispo ouvia os argumentos desinteressado. À certa altura, Zé Monte lançou o golpe decisivo: - *O Quixadá Felício até escreveu que Sobral nunca mais terá condições de fazer uma Miss Brasil*. É estrategicamente desconversou, mudando de assunto. (Quixadá Felício, diga-se de passagem, era médico de Crato, capital do Cariri, com que Sobral rivalizava, e escrevia crônicas para os jornais de Fortaleza.)

Logo a seguir, os dois tornaram a falar da religiosidade da família da Miss, da choradeira da mãe e, em determinado momento, foram interrompidos por D. José, que indagou a seu secretário, eminên-

cia parda da diocese: - Ô Valdemar, o Quixadá disse isso mesmo? Empertigado, Valdemar Albuquerque confirmou: - Disse, Excelência. Os dois emissários prosseguiram em sua cantilena. O bispo, alheio ao que diziam e preocupado com o agravo de Quixadá Felício, voltou a consultar o camareiro: - Valdemar, você acha que Sobral nunca mais elege **Miss**? - Elege sim, Excelência. É lógico que elege - respondeu Valdemar. Nesse meio tempo, o jogo prosseguia. De um lado, os jovens salientando o sofrimento moral da família da moça, e o bispo mortificado pela eventual vantagem que Crato poderia extrair da rigidez de seu código.

Felizmente, o caso terminou com sua autorização para que monsenhor Aloísio Pinto, tio da moça, levantasse a punição. Os dois embaixadores, no entanto, não escaparam de um castigo, ansiosos que estavam por sair e contar a vitória alcançada. Foram convidados a almoçar no sobrado do bispo, que comia pouco, simples e pobremente.

## **Eu era comunista e não sabia**

Não costumo ir à missa. Não me tomem porém por ateu, por alguém de mal com Deus, como acontece a muitos ex-padres ou ex-seminaristas. Nada disso. É que estudei quatro anos e meio no seminário. Assistia à missa todo santo dia. Aos domingos, duas vezes. Estou, portanto, remido. Tenho largo crédito nas mãos do Senhor.

Um dia desses, fui ao Mosteiro de São Bento, aqui em Brasília, assistir à missa de domingo.

Cantada. Canto gregoriano. Vi muito coroa, na platéia, acompanhando a missa em Latim. Eram ex-seminaristas. O que nos levava lá? O remorso de havermos dado o cano em Deus? De não lhe termos consagrado a vida? Realmente não sei dizer. Sei, porém, que adoro rever a Escola Apostólica São José em Tianguá, no alto da Serra da Ibiapaba, percorrer seu pátio solitário, o dormitório, as salas de aula, o campo de futebol, a casa do motor da luz.

Tão gostosa nostalgia não me impede de lembrar também os momentos menos agradáveis dos dois anos em que ali estudei e que me valeram, um dia desses, descompostura de um colega daqueles anos, revoltado porque não glamorizei o passado, não vi apenas encantamento no que vivi.

Ali no pátio externo, o coração na mão, ouvimos todos, pelo rádio, o jogo Brasil *versus* Uruguai. Fiz muitas promessas a Deus para que o Brasil fosse campeão. Tenho a impressão, porém, de que algum menino uruguaio cobriu meu lance. Por isso o Barbosa engoliu aquele gol do *Gighia*, e nós perdemos. Ficou, na boca e na alma, o sabor avinagrado daquela derrota das cores nacionais.

Os frades alemães, vindos da humilhação da guerra, liam as cartas que escrevíamos e recebíamos. Nada lhes escapava. Uma vez reclamei da comida. Sabem os leitores como é famélico o adolescente, de modo geral. O certo é que, na aula de Geografia, dava para notar a irritação do padre-reitor. Eu nem me tocava. Não sabia, não podia imaginar que tudo se

devia a mim. À certa altura, ele me repreendeu diretamente por reclamar da comida, que talvez não tivesse igual em casa. Eu, que a esse tempo era um fedelho atrevido, me levantei de imediato para dizer: - *Não é igual, porque é melhor.* O padre subiu nas tamancas. Fumando numa quenga, apoplético, expulsou-me da classe aos berros: - *Comunista! Comunista! Comunista!* Eu era comunista e não sabia. Saí da sala de aula chamando o professor de *tedesco*, como se fosse a suprema ofensa.

Lembro-me da maldade que fizemos com outro frade, Frei Amando, recém-chegado da Alemanha, que, portanto, ainda não dominava bem o Português. Por não ter um fio de cabelo na careca reluzente, apelidaram-no de *casculo*. Demos para implicar com ele. Uma tarde, passamos dos limites. Formamos uma passeata, seguindo os passos do padre, a gritar desaforadamente: - *Casculo! Casculo!* Recebemos a merecida repreensão.

Um colega desses tempos, a quem nunca mais vi, foi Guimarães, filho de Meruoca, que tinha criação clandestina de galinhas e coelhos, talvez com a cumplicidade da cozinha do colégio. Depois, entrou no Exército. Um dia desses, o Nivardo Melo me contou que, depois de passar para a reserva, ele se mudou para Campina Grande. E vive num sítio em Ipuarana, vizinho ao prédio abandonado do Seminário Maior, onde estudamos. Quem me explicará por que fez isso? Foi morar junto à fonte da saudade? Remorso por não haver sido padre? Ou quer, simplesmente, a ilusão de recuperar a juventude perdida? Não sei. Jamais vou sabê-lo.

Enfim, férias. O caminhão misto do Cajazeiras (já havia o do Salmito?) passou lotado. Eu queria, de qualquer maneira, chegar naquele dia a Sobral. Vejo outro caminhão. Não havia lugar junto ao motorista. Só lá em cima, na carroceria, em cima da mercadoria. Na minha ansiedade, na pressa de voltar para casa, joguei a mala lá em cima e fui. Não sabia o que me aguardava na descida da serra, onde, às vezes, para segurar o caminhão ou o ônibus, era preciso amarrá-lo numa das árvores mais fortes que margeavam a estrada. Nunca tive tanto medo na vida. Claro, ainda não havia asfalto. A estrada era estreita. Lá em baixo, o abismo me olhando, como se me chamasse, me atraísse. Agarrava-me à corda que amarrava a carga até as mãos doerem, tal o receio de cair. Não caí. Cheguei vivo a Sobral.

## Um só Carnaval

Brinquei um só Carnaval em toda a minha existência. Foi no extinto Tabajara Clube de Sobral, em 1955. Tímido a mais não poder, descolei cabrocha modesta, que morava lá pras bandas da Igreja de Nossa Senhora das Dores. Foi o quinhão que me coube. Movido pela bebida, me esbaldei de pular. Antônio Rangel, o oftalmologista, que fazia o maior sucesso com as mulheres, ao ver minha parceira, sentenciou implacável: - *Merecias coisa melhor.*

Na vida, tem sido assim. Há sempre pessoas amigas que valorizam tuas potencialidades e acham que tinhas direito a coisa melhor. Será que tinhas mesmo? Onde a encontrar? Como a encontrar e

capturar? Não será: *Merecias mesmo coisa melhor?* É o que ainda hoje me pergunto. E não sei a resposta.

## O negro conhecia seu lugar

A 26 de junho de 1875, através das páginas do *Sobralense*, Firmino Beviláqua pagava boa recompensa a quem pegasse o escravo Antônio, “de 26 anos, preto, corpulento, espadaúdo, estômago levantado, sem um dente na frente, com sinal de um talho na frente, olhos grandes e muito sambista”. Também se oferecia escrava para serviços domésticos: “Aluga-se escrava que sabe fazer todo o serviço de uma casa de família. Quem quiser dirija-se à Praça do Mercado, n.º 4.” Noutro número do jornal sobralense, podia-se ler: “Manuel Francisco de Moraes compra e paga bem uma escrava moça e de boa figura que saiba cozinhar.”

Outras eram as preocupações de José Carlos Figueira de Sabóia, que gratificava “a quem prendesse e entregasse, nesta cidade, o escravo Mariano, 24 anos, estatura pouco mais do que regular, cheio de corpo, cabra acaboclado, dentes limados, um pé mais grosso do que o outro”.

Gilberto Freire foi muito criticado por haver pintado relações idílicas entre a casa-grande e a senzala. Talvez ele tivesse um pouco de razão. Se não vejamos: os negros eram tão bem tratados, que, abolida a escravatura, cadê que eles enveredaram pelo Itamaraty, pelas Forças Armadas, pela Medicina, pelo empresariado? Que nada! Preferiram permanecer à sombra dos antigos amos. Longe de mim ver o proble-

ma sob a perspectiva nacional. Afinal, sou municipal. Sou de Sobral, um pobre homem da Praça do São Francisco.

Talvez por ser zona de pecuária, que exige a vastidão dos campos, Sobral abrigou poucos escravos. Em sua *História de Sobral*, D. José Tupinambá da Frota registra que, após a alforria, os pretos preferiram continuar a trabalhar com seus ex-senhores. Ele reconhece, porém, que “havia alguns senhores de coração endurecido e mau, que mandavam açoitá-los cruelmente e depois retalhar-lhes as nádegas, e sobre as fendas punham sal, aumentando indizivelmente as torturas que padeciam aqueles indefesos cativos. Muitos enforcavam-se, para abreviar os sofrimentos.”

No meu tempo de Sobral, entretanto, quase não havia racismo, talvez porque o negro conhecesse o seu lugar. Os brancos eram tão generosos, que permitiam a eleição de Zé da Mata, eleito três vezes, o qual, além de negro, era solteiro, solteiríssimo. Ainda assim, merecia a estima do homem mais poderoso da cidade, o Dr. José Saboya. Era Zé da Mata quem presidia o Clube Artístico, o preferido das pessoas de cor. Até um padre negro havia na cidade: padre Gonçalo Eufrásio de Oliveira, profundamente racista, implacável com estudantes de pigmentação parecida com a sua.

## **Eu era pequeno e chovia em Sobral**

Fui menino, mas só pouco tempo. Era garoto ensimesmado, mergulhado em meu mundo, que passava horas jogando bola sozinho, no corredor da casa

da Rua Maestro José Pedro, que gostava de ouvir papos adultos e acompanhava o pai às enfadonhas reuniões da Congregação Mariana de Moços, da Ação Católica e da Conferência dos Vicentinos. Não tinha amigos do meu tope. Lembro-me das chuvas de Sobral, eu e meu pai tomando banho de chuva na rua, as pesadas bâtegas d'água despencando lá de cima, dos jacarés da Sobral do bispo, onde morávamos, sobre a cabeça do menino que não fui. Passávamos férias numa casa próxima ao açude Mocambinho, onde mais tarde se instalou a fábrica de cimento. Naquele tempo, chovia. Recordo uma pescaria de que participei quando o açudeco sangrou. Por alguns minutos, fui criança. Acompanhei os dedos na pesca. Mergulhava a mão no fundo das grotas (ousadia que tornaria a repetir), para capturar escorregadios muçuns, pegar carás. Naquela época, o pé do menino mergulhava na lama do açude sem receios, experiência que não pretendo reeditar.

Outra vez, já bem taludo, crescido, a expectativa da chuva soltava no ar o cheiro erótico da terra querendo ser fecundada. Estava na Praça da Boa Vista. Caíam esparsos os primeiros pingos d'água. Alguém gritou: - *O açude da Arolisa vai arrombar*. Hoje, sei que dona Arolisa Quixadá Aragão não tinha fazenda nem açude. Esta frase, porém, ainda hoje me está bailando aos ouvidos. A chuva que me molhou me fez o corpo tiritar de frio, correr pela beira da calçada dos vetustos sobradões, engrossou em regatos apressados, que foram dar no *Acaraú*, a caminho do mar, água que foi banhar outros meninos, noutras cidades, noutras idades, noutros tempos, noutras memórias.

## Eu, um cavalo velho e a serra

Na infância e adolescência, as férias passavam em meio ao cheiro do mato e estrume de gado do curral, pegado à casa. Era ali, nas proximidades da fábrica de cimento de José Ermírio de Moraes, num sítio chamado Mocambinho. Ou depois às margens do açude Cachoeira, em casa construída na fazenda de Eduardo Sanford. Tudo em Sobral.

Quando menino, vinha do Mocambinho, montando um cavalo velho e entediado, à cidade. À escola quando a temporada sertaneja se alongava. Foi o meu único período de equitação na vida. Devia de ser um animal alongado em anos e manso, pois não intranqüilizava os devaneios a que o jovem ginete já era habituado. Houve uma outra experiência eqüestre, diga-se de passagem. Bem mais tarde. Ocorreu em 1966. Ia eu ser sufragado para deputado federal na terra de Florinda Bulcão. Lá me fui com Dorian Sampaio à colheita de votos na serra. Montamos todos, à porta da casa do nosso candidato João Galdino. Os outros partiram. Eu não. O cavalo conhece o cavaleiro. O meu, ciente das deficiências de quem o montava, empacou. Não partia. Era situação que não podia admitir. Afinal era eu quem disputava o mais alto posto entre os postulares ali montados. Usei o chicote. Medo era o que não me faltava. O ginete não desconfiou, rendeu-se e emparelhou com os outros. E lá subimos a serra, bendita entre todas as serras, como diria o velho Eça.

Que tormentosa, porém, é a caçada eleitoral, principalmente cumprindo o ritual de percorrer toda

a serra. Cada vez que o cavalo, numa descida, pisava em falso, eu botava o coração pela boca. Quando escorregava numa grotta, lá em baixo me esperavam, escancaradas, as fauces do abismo. E eu à frente, com ansiados intervalos para visitar casas de eleitores, descansar as partes mais afetadas do corpo, chupar laranjas, dormir no friozinho do chão de cimento. E isto o dia todo, senhores.

Lá pelo meio da subida, cumpria ir à casa do Gabrielzinho, que fora sensível aos acenos pecuniários de Vilmar Pontes e deixara nossa depauperada bandeira. Mas que fazer? Podíamos tentar a velha chave do tipo “fique com o dinheiro dele e vote na gente”. Já passava de uma hora. A conversa se arrastava no alpendre, e nada do Gabriel dizer em quem ia votar nem anunciar o almoço. Foi Dorian quem cobrou. O anfitrião, esquivo, se admirou de que, a essas horas, ainda não tivéssemos comido. Não estava esperando. O máximo com que contava eram dois preás. Venham-nos os preás. Cozidos na frugal culinária sertaneja por ex-correligionário, sem qualquer intento de agradar, vocês imaginam! Eu despistava e escapava comendo batata-doce. De maldade, Dorian indagou: - *Quer mais um preazinho? Está ótimo, não está, deputado?* E eu, por dentro me remordendo de fome e de raiva, continuei, aplaudi, bisei, pus mais uma porção e mastiguei só as batatas. Até que terminou a visita, sem conseguirmos de volta o cabo eleitoral nem satisfazermos o apetite. Partimos. Na descida, ainda tentei descer de bicicleta. Era pior, muito pior. É arriscado. Não havia freios que agüentassem. O jeito foi voltar ao cavalo, que, de longe, silencioso porém zombeteiro,

me observava. Bom e generoso povo de Uruburetama, berço de Florinda Bulcão e outras glórias! Compreendeu a extensão de meu holocausto hípico e efetivou nas urnas, com justiça, o ressarcimento de minhas angústias e assaduras.

Pois é: estava eu a falar de minha infância, das férias no Mocambinho. Também tive infância, tempos de camisa aberta ao peito e outras casimiradas. Quando o açude sangrava, acompanhava os adultos à pesca. No retorno, cuscuz com coalhada, pamonha, o cheiro do milho cozido, do café quente, da terra r'olhada, da bosta do gado no curral. De tarde, certa feita, alguém viu uma cobra no telhado. Havia um José Sales Dias, o Casaca Preta, genro da dona da casa que então habitávamos, com uma espingarda. Ele atirou rápido. O réptil desceu, colhido pela bala assassina, retorcendo-se ensangüentado no chão de cimento. Uma telha restou quebrada, abrindo uma nesga de céu azul para dentro de casa. Nunca pude esquecer o atirador e como me pareceu galante com seu bigodinho preto, cheio de brilhantina Glostora, o fumo no bolso da camisa clara, o chapéu escuro. Foi o *John Wayne* de alguns minutos de minha infância.

## **O velho casarão da Praça de São Francisco**

**E**ntro na casa da esquina, a última em que residimos em Sobral. Que estranha magia é esta que se irradia do chão, das paredes desta casa onde morei adolescente? Detenho-me primeiro à entrada do prédio, para onde se grimpa ultrapassando altos degraus. Ali ficava o chapeleiro. Morri de encabulado

no dia em que recebemos a visita da poetisa Dinorá Tomaz Ramos e ela me flagrou diante do espelho do móvel espremendo as espinhas de adolescente. Pela outra entrada, de porta larga, quase não entrei na noite do primeiro pileque, sorvido na casa do Hélio Rodrigues. A memória vai atrás daquele adolescente melancólico que, paralisado pela timidez, aqui passou os últimos tempos de sua temporada sobralense. Com este prédio sonho, às vezes, voltando a ele em busca de livros que aqui teria deixado. Ando, inutilmente, buscando aqueles verdes anos que nunca voltarão. Estou à procura de mim mesmo, percorrendo esses antigos caminhos.

O velho casarão da Praça de São Francisco é alvo de mais uma reforma. Eu também mudei. Sofri algumas reformas, até gravíssima operação, que o cirurgião cardiovascular me impôs. Mas, como ele, sobrevivi a tais decretos, resisti a essas mudanças. Como ele, ainda sou o mesmo, apesar das mudanças, das alterações, das reformas.

## **Eu, Sobral e Proust**

Um dia desses, Clélia Lustosa teve de ir a Sobral participar de banca examinadora de concurso para professor da UVA. Quando soube da expedição, apressei-me, sem que me solicitasse, a enviá-lhe, através da Internet, roteiro de sua visita à Praça de São Francisco, onde a geógrafa da família nasceu, onde moramos por último. Se a *Place des Vosges* – e tantas outras aqui em Paris – têm seus mapas, suas descrições, seus cartões-postais, por que não aquela em que residi? Por que não as de Sobral?

Descubro logo que a praça não é mais *de São Francisco*. O xará e protetor a perdeu para outro homônimo, dotado de muitas virtudes marciais, meu padrinho de crisma, o deputado Francisco Monte, que abriu sua caminhada de glória a golpes de punhal e astúcia, sendo considerado, por alguns sociólogos, como “o último coronel da política cearense”.

Quando ali residimos, ao lado, quase nosso vizinho, situava-se o Clube dos Artistas, agremiação de pobres e pretos, que ainda está a merecer um estudo e que tinha na presidência Zé da Mata, solteirão invicto, negro retinto e prendado, vereador eleito várias vezes pela aristocrática legenda da UDN.

Na praça, morava ainda Agripino de Sousa, dono de padaria, o qual fazia versos e pão e morreu nonagenário. Foi ele quem comprou uma ema de cimento, há décadas, e, não sabendo o que fazer com o bicho, grande demais para a exigüidade de seu jardim, plantou-o numas das alamedas da Praça de São João, que viraria a Praça da Ema, para alguns.

Mais adiante, estava a morada do prefeito Antenor Ferreira Gomes, que deixou fama de grande administrador, apesar de suas escassas letras. Em diagonal, numa casa apalacetada, residia José Alarico Frota. Quando conheci o antigo líder democrata da cidade, aplacada a paixão política, era apenas um gentil patricio de cabeleira branca e voz mansa, que me emprestava livros de Paulo Setúbal, Assis Cintra e Berilo Neves. Ao seu lado, depois do padre Osmar Carneiro, situava-se a modesta residência do

monsenhor Olavo Passos e de sua irmã, a ex-freira dona Honorina, diretora do Educandário São José, primeiro colégio que freqüentei, levado por ela pela mão até a sala de aula. Ali me apaixonei pela professora, que casou com outro e foi morar longe.

Na outra esquina, ficava o casarão onde o farmacêutico e presidente da Academia Sobralense de Letras, Ribeiro Ramos, com dona Dinorá, poetisa, sobrinha do poeta Antônio Tomaz, educou a brilhante prole. Hoje ali vive, luxuosamente, um novo rico de Sobral.

A Igreja de São Francisco não é mais a da minha infância, que vi ser derrubada a golpes de marreta, as paredes amarradas com cordas, a fim de evitar desastres e orientar a direção da queda.

Meus meninos reclamaram por ver tanta coisa e tanta gente se erguer do chão da memória duma velha praça da velha cidade. Aí Raquel, ao voltar da *Sorbonne*, foi contando conferência que ouviu sobre *Marcel Proust*, as “madeleines” que mergulha no chá e todo o processo recessivo que isso deflagra, ao longo de quatro páginas imortais. Entendi-me identificado – apenas nesse aspecto memorialístico – com o amor de *À sombra das raparigas em flor*. Por que eu, pobre homem do Beco da Piedade, não tenho o direito de produzir, pelo menos, uma sobre a Praça de São Francisco? (Paris, 1995)

## O primeiro jornal

Em 1954, meu pai falou a Adonias Carneiro, então gerente do *Correio da Semana*, para me dar oportunidade de trabalhar ali. Fui. Lembro-me bem

da sala da gerência, apenas um tabique de madeira separando-nos das oficinas. Ali, ficávamos Adonias, eu, a secretária, muito simpática pro meu lado, apesar do grave defeito de ser noiva. Lá dentro, as oficinas. A composição era manual, tipo por tipo, todos tirados das caixas, onde eram guardados por ordem alfabética. O jornal saía uma vez por semana. Calhou-me estar sozinho no desfecho da crise político-militar de 1954, pois Adonias viajara a Fortaleza.

Estava na sala de aula do Colégio Sobralense quando, de repente, o diretor, monsenhor Aloísio Pinto, nos liberou com a notícia de que Getúlio Vargas estourara o peito com um tiro, para não sofrer o vexame de nova deposição. Diante do feriado inesperado, fui à casa de Edward Dias para escutar o noticiário das estações de rádio do Rio. Depois do almoço, fechei a edição do *Correio*, que publicou artigo sobre a ascensão de Café Filho à presidência, com as iniciais LC. Era eu lançando marca, que teria relativo sucesso nos anos seguintes.

Estou regularizando minha carteira profissional, cobrindo alguns hiatos. Por recomendação do Leorne Belém, procurei especialista na matéria, o advogado Elísio Arimatéia Ribeiro, que, menino, foi caixeiro da joalheria do João Afonso Neto, na Praça do Rosário, em Sobral, na parte de baixo do sobrado em que a UDN instalou amplificadora para agredir Chico Monte, residente no sobrado em frente. Pedi ao doutor Ribeiro Ramos que testemunhasse, dizendo que eu era quem sou, isto é, jornalista, desde menino. O juiz Geraldo Apoliano Dias reconheceu-me os direitos em sentença que me tocou. Mostrei-

a a tantos amigos, que um deles, Danilo Marques, comentou: - *O Lustosa não precisava nem ganhar a questão. Ficava satisfeito só com os elogios do juiz*, o qual, por sinal, é neto do seu Apoliano, velho amigo de meu pai, a quem, certa feita, presenteou com uma vaca, que logo aristocratizamos, dando-lhe o apelido de *Baronesa*. Vejamos, porém, o que diz a respeito desse tecido de coincidências o advogado: “Quando você teve a sua primeira publicação no *Correio da Semana*, longe estaria de pensar que, a partir daquela data, teria sua vida vinculada à Previdência Social. Também dona Dinorá Ramos, ao ministrar aulas ao estudante Geraldo Apoliano Dias, longe estaria de prever que encaminhava o jovem às funções de juiz federal, que, por fim, iria inquirir, como testemunha sua, o doutor João Ribeiro Ramos, pessoa de quem guarda saudáveis lembranças. Em Sobral, onde fomos contemporâneos, longe estava de supor que nos encontrássemos em lide para solução de seus problemas previdenciários. Não fomos totalmente vitoriosos, pois a sentença acolheu apenas parcialmente seu pedido. Sobral sempre lhe mandando bênção. Até um juiz para julgar seu pleito.”

Ah! O Educandário São José, meu primeiro colégio, dirigido então pela dona Honorina Passos, irmã do monsenhor Olavo Passos, padrinhos de meu irmão Elcias. Ficava na Praça de São Francisco, onde hoje, creio, está instalada a agência da Teleceará. Depois, passou ao comando de dona Dinorá Tomaz Ramos. Menino tímido, ia primeiro à casa da diretora, e, sob sua proteção, seguia para a sala de aula. O mundo exterior me parecia hostil.

Lembro-me bem dos ensaios para a parada militar de 7 de Setembro, comandados pelo professor Manuel Elísio Feijão, nós abafados naquela farda de cáqui, com um enorme cinturão de couro e fivela de metal. Dada a ordem de debandar, todos corriam para matar a sede num pote, colocado a um canto da sala. Uns, depois de beber água, cuspiam no caneco de alumínio e até mesmo no pote, o que me deixava muito mal.

Será que o meritíssimo desfilou sob o comando do professor Feijão? Terá, como eu, aprendido com colegas verdades elementares da vida no batente da casa do construtor Antônio Rodrigues, aquele moreno alto, de vozeirão forte, muito simpático, que morreu atropelado em Fortaleza e era vizinho do fidalgo José Alarico Frota, que me emprestava tantos livros?

## Homens sérios

Meu pai tinha sua galeria de homens sérios de Sobral. De seus varões de Plutarco. Um desses senhores honrados era Samuel Gomes da Ponte. Fundou família exemplar. Principalmente as moças, que tinham até comercial do alto do púlpito da Igreja do Patrocínio. O velho padre Luiz Franzoni era macaco de auditório de suas filhas. E costumava dizê-lo durante seus sermões, com marcante sotaque toscano: - *Querem casar com moças direitas, moças sérias. moças prendadas? Casem com as filhas do Samuel.*

Vizinho a seu armazém ficava o Frota & Cia., de Raimundo Medeiros Frota. Na cidade, era outra coluna da Igreja. Comerciante seriíssimo. Não ad-

mitia ultrapassar determinada margem de lucro. Se o fizesse, estaria ferindo a lei de Deus. Era roubo, era pecado. O certo é que, durante a II Guerra Mundial, se recusou, durante muito tempo, a reajustar o preço de mercadorias importadas. De seu escrúpulo se aproveitavam os concorrentes, mandando os empregados fazer compras em seu armazém, as quais passavam adiante, com gordos lucros.

Chico Romano da Ponte era outro. Seu negócio era vender. Mesmo fiado. Já aposentado, tendo passado o negócio aos netos, viu, da rede que armava no armazém, um velho cliente sair de mãos abanando. Indagou por que não fizera compras. O outro explicou que estava sem dinheiro. Ele não teve conversa: - *Volte e compre. Ponha na minha conta, porque eles ainda não me pagaram o armazém.* Homem de boa fé, certa vez lhe apareceu antigo cliente. Vinha pagar velha conta esquecida. Uns quinhentos mil réis. Bom dinheiro naquele tempo. Chico não se lembrava da dívida. O irmão Manuel também não. O devedor, porém, foi convincente na argumentação e tenaz na quitação. Minucioso, falou do tempo que fazia no dia da compra, do diálogo trocado com o chefe, das pessoas presentes. Tanto fez que pagou, deixando Chico Romano embasbacado com tanta honestidade, com ainda haver gente assim. Tempos depois, voltou o escrupuloso comprador, recebido com tapete vermelho, cafezinho feito na hora, toda a espécie de agradecimentos. À vontade, fez novas compras, que lotaram a carroceria dum caminhão. Tudo fiado, naturalmente. É claro que o espertalhão jamais voltou, nunca mais deu as caras.

Quem trabalhava no armazém era Manuel Romano da Ponte. Aconteceu-lhe que monsenhor Aloísio Pinto, diretor do Colégio Sobralense, se interessou por casa de sua propriedade e fez um lance para comprá-la. Manuel pensou, pensou e terminou por aceitar. Passaram-se as escrituras, efetuou-se o pagamento. Manuel embolsou o dinheiro e foi para casa. À noite, não conseguiu pegar no sono, de remorso. Achou que explorava o padre. O imóvel não valia nada. Mal clareou o dia, bateu à porta do monsenhor para entregar-lhe parte do dinheiro recebido pela venda. O imóvel não valia tanto. E tem mais. Este Manuel Romano da Ponte, quando vendia no balcão, no varejo, um quilo de açúcar, de arroz ou de feijão, costumava acrescentar um chorinho, alguns gramas a mais. E explicava: - *A balança pode estar com defeito*. Para ele, a balança só podia estar pesando errado contra o cliente, a favor da casa.

Tabajara Melo, que vendeu a meu pai e ao José Anastácio Dias a Fábrica de Bebidas Santa Catarina, a primeira a ter engarrafador a gás no interior, ia todos os anos a Canindé, por ocasião das festas de São Francisco. Ali cumpria suas devoções, como bom terceiro-franciscano que era. Graças a seu entrosamento com frades, vendia-lhes seus produtos, um deles a aguardente Sacode, “bom aperitivo, tônico dos brônquios e dos rins”, me dizia *seu Costa*. Ele era católico, com presença ativa nas associações católicas da terrinha. Tanto que sofreu todo o tipo de pressão, em 1922 – ainda estabelecido em Crateús –, quando D. José Tupinambá da Frota instituiu um novo pecado mortal: ler e assinar *A Lucta*, de seu

primo Deolindo Barreto. Em Sobral, sendo integrante do Conselho Central das Conferências Vicentinas, recebia muitas críticas por dar bebida aos mendigos que o assediavam, o que sempre irritou os católicos mais conservadores.

Um dia desses, almoçava eu no *Fritz*, irrigando minha truta com um vinhozinho branco, que me regala o coração, quando um mendigo se acercou da varanda, pedindo esmola. Meu filho Carlos Eduardo me advertiu: - *Ele quer é dinheiro pra beber*. Dei ao pedinte esmola que, pelo menos, lhe garantisse sorver uma cervejinha, explicando: - *Carlão, por que é que só teu pai tem direito a seu vinho, a seu uísque?*

## Sem ter para onde voltar

Estes fragmentos de passado estão sempre presentes. Acorrem à memória a todo instante. Eu lembro sempre. Lembro tudo. As memórias se tornam mais fortes quando o telefone toca, cedinho, e, do outro lado do fio, Antônio Rangel me narra que José Edson Rangel está agora dormindo com seus pais, dormindo profundamente, como se diz na Bíblia.

O acontecido me remete a Sobral de minha infância. Lembro-me de minha ida ao armazém de seu avô, Osvaldo Rangel, sempre tão elegante, tão bem-posto, comprar algo, ou, num aperto, pedir dinheiro emprestado, ou então pagar empréstimo contraído por meu pai junto ao amigo.

Antônio Rangel e Osvaldo Rangel Neto foram meus colegas no Educandário São José, de dona

Honorina Passos, na Praça de São Francisco, embora deles não me lembre a essa época, e sim dos primos Antônio Mont'Alverne Frota e Ronaldo Mont'Alverne. Só fizemos amizade posteriormente, no ginásio do Colégio Sobralense.

Eram as duas casas que freqüentava: uma, a de Agenor e Dalva Rodrigues, pais de Hélio, o primeiro de nós a partir. Ali, com os rapazes da família Rangel, tomei o primeiro pileque. E conheci a primeira namorada (?). Foi namorada mesmo? Principalmente, travei conhecimento com Aldous Huxley (que deslumbramento o *Contraponto!*), com Oscar Wilde, Erich Marie Remarque. A outra era a residência solarenga de Alpha e José Edson Rangel, na Praça do Patrocínio onde, à tarde, ia partilhar com Antônio inquietações, sonhos, anelos de jovens inquietos, sob o olhar atento, sempre ajuizado, de Oswaldinho, cujo aprumo e bom senso os anos só fizeram apurar. Zé Armando era, a nossos olhos, menino nos cueiros.

Depois de uma semana de molho, longe do trabalho e dos jornais, Rangel me telefona da casa da mãe, agora viúva, para anunciar que José Edson, fatigado, deixara de lutar. Quando ele me diz de onde está falando, observo: - *Ter casa de pai é ter sempre para onde voltar, mesmo quando não se queira nem se precise.*

## Lá se adiantou o Oswaldinho

Foi em Sobral que Walter Andrade me falou do estado de saúde de Osvaldo Rangel Neto. Na hora, não me dei conta da gravidade do fato. Não senti

seu impacto. Só depois, quando a mulher, voltando de Fortaleza, me informou que o padre, na missa da capela do Hospital Militar, pedia orações por ele, afirmando textualmente estar acometido de doença incurável, é que me veio à consciência. É o abalo conseqüente. Doeu, como doeu!

Pode parecer força de expressão dizer que, quando um contemporâneo morre, um pouco de nós morre com ele. Sentimo-nos alcançados, atingidos, alvejados. No caso, era mais que isso. Tratava-se de amigo de infância, de colega de curso primário do Educandário São José e concludente do ginasial do Colégio Sobralense. Freqüentei muito sua casa na Praça do Patrocínio, encarei muitas vezes a abacatada que dona Alpha preparava à tarde para nós com tanto gosto. Lembro com saudade nossas conversas, nossos sonhos de adolescentes. Osvaldo teve mais tarde a sorte de casar com Islay, mulher empreendedora, sorriso sempre instalado nos lábios, que o fez homem de sociedade, lhe facilitou a comunicação com o mundo. Gostaria de ter estado presente ao enterro, não para chorar por ele, mas para bater palmas para o homem que ele foi, para a vida que viveu.

## Vício de ler

O hábito da leitura pode não empolgar tanto quanto o das mulheres ou do álcool. É, porém, muito mais barato e sem qualquer contra-indicação posterior, pois não dá AIDS nem cirrose. Menino solitário e tímido, busquei desde cedo a com-

panhia dos livros. Aos nove anos de idade, tinha diário em que registrei a campanha eleitoral para a Prefeitura de Sobral, travada entre Jacinto Antunes, do PSD, e João de Alencar Melo, da UDN. Já era então muito faccioso. Torcia desbragadamente pelo candidato do PSD de Chico Monte, meu padrinho de crisma, cuja bravura pessoal admirava e a cujos comícios assistia delirante. Noutras horas, estava às voltas com as máquinas de escrever do IAPC, de que meu pai era gerente, que batucava com fervor, ora escrevendo para tios e avós, dando conta dos fastos familiares, ora encomendando livros e revistas pelo reembolso postal. Lá em casa, havia poucas obras de ficção. Devorei *Ubirajara*, de José de Alencar, *A Mulher Obscura*, de Jorge de Lima, *O Cavaleiro do Itararé*, de Plínio Salgado, também autor da maçuda *Vida de Jesus*, que também li por falta de opções. O que me comoveu muito foi a leitura de *As Grandes Esperanças*, de Charles Dickens. *Era uma vez*, de Walda Paixão, foi o primeiro livro que li. No seminário, mergulhei de cabeça nas aventuras do alemão Karl May, depois de freqüentar Monteiro Lobato.

Há livros, velhos companheiros de viagens pelos itinerários da fantasia, que, de quando em vez, revisito. De Machado releio, vez ou outra, *Memórias Póstumas de Brás e Dom Casmurro*. De Eça de Queiroz, toda a obra de ficção, principalmente *A Cidade e as Serras*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *Os Maias*. Quase todos os romances e peças teatrais de Oscar Wilde, a poesia de Carlos Drummond de

Andrade, Manuel Bandeira, Neruda, Gerardo Melo Mourão, Jorge Luís Borges, Rainer Maria Rilke, T. S. Eliot. Devo confessar: a cada releitura de Machado, me surpreendo. O livro é diferente, é outro. Ou fui eu quem mudou? Ali, estou sempre fazendo descobertas, estou diante do inédito.

Adoro oferecer livros, porque gosto de compartilhar, com pessoas queridas, prazeres que me tocaram a sensibilidade. Quando travei conhecimento com a obra de José Saramago, pela qual logo me apaixonei, passei a dar seus livros de presente. Agora, minha curtição é um romancista boliviano, José Montes Vannuci, autor de *Jonas e a Baleia Cor-de-Rosa*, que ando difundindo. Minha devoção é tal, que cheguei a colocar exemplares do livro em lugar destacado da vitrina da antiga Livraria Universitária, na Praça do Ferreira, a fim de chamar a atenção dos leitores cearenses.

## O Nove

Vim a Sobral tentar esclarecer questões que me desafiavam e voltei frustrado por não o conseguir. O primeiro desafio consistia em saber algo a respeito do chapeado de chapa número nove (chamavam-se *chapeados* porque usavam chapa de metal no chapéu, com indicação do seu número de registro), o carreteiro, como à época era conhecido, que transportava na cabeça nossas malas, quando desembarcávamos do ônibus da empresa Expresso de Luxo, na agência do Renato Borges.

Soube apenas que o *Nove* se chamava Alípio Guardião. Pelo que me lembro, era um carregador

mulato, de cabeça chata, sempre bem-humorado. Havíamos falado dele imaginem onde? No bar *Rastro Hermoso*, com Rodrigo Levy, um carioca de origem judaica que comercia na Rua Governador Sampaio e que, por conhecer todo o interior do Ceará, sabia desse trabalhador, de quem Sobral se esqueceu.

## O acrobata do sexo

A segunda questão levantada (perto do céu) e não resolvida me pareceu mais complexa e, por isso, mais instigante. Ouvira falar de um nativo a quem aprazia fazer amor pelos telhados, junto à caixa-d'água de casa. E nem era um elegante não. Não tinha corpo de bailarino, de sílfide. Pelo contrário, era senhor de muitas banhas. Andava por sobre as telhas, mãos dadas com a mulher amada, até a caixa-d'água, junto à qual celebrava seu culto a Vênus. A grande dúvida que paira sobre o árdego sobralense reside na incerteza quanto à identidade da parceira ou parceiras, em saber com quem ele grimpava a elevação da casa, chegava perto dos céus para realizar fantasias.

Os otimistas diziam que convocava a tais cultos a mulher, a quem, por pudica e temerosa das alturas, não apeteçiam tais acrobacias. Ao invés de valorizar essa disposição que se manifestava no alto, preferia acolhê-lo, sem tais riscos, na cama, na segurança do quarto do casal. Acho que essa senhora devia refletir melhor sobre o estímulo e a recompensa a que os dotes e a energia do marido deviam fazer jus. Afinal, procurava oferecer-lhe no alto, no teto, o que o comum dos cônjuges nem sempre consegue

aqui em baixo. Os pessimistas achavam, por isso, que ele conduzia amantes à caixa-d'água para agravar a dona-da-casa, ofendê-la, mostrar-lhe que havia quem quisesse o que ela rejeitava. Isto, evidentemente, não se faz. Se lhe apraz fazer amor em pé, na rede de dormir, no trapézio, no telhado, todos lhe reconhecemos o direito e louvamos o vigor. Até lhe admiramos o pendor acrobático. Não está certo, porém, vir à casa oferecer à outra o que a titular não aceita. Não logrei descobrir, ainda, a real parceira desse ginasta do sexo. Pude, entretanto, confirmar a tese do engenheiro José Lourenço Mont'Alverne, para quem *Sobral é a terra das cenas fortes*.

## **Não revi Luiz**

O ano de 1998 foi mais um que passou em minha vida. Passou rápido. Aliás, depois de certa idade, o tempo corre, voa. Apesar da rapidez, foi ano aprazível. Andei em boas companhias. Em melhores comemorei meu ingresso na legião dos sexagenários. Casei minha filha Sara. O dinheiro não deu para ir a Lisboa. Foi suficiente, porém, para manter a qualidade do *rouge*, vindo da velha *Lutécia*, que tomo religiosamente como remédio. Sem falar que viajei a Sobral.

Lá cometi uma falha. Não visitei Luiz Monte Coelho, pois ele se mudara da casa em que nascera e aonde ia vê-lo e comer aquele gostoso doce de leite granulado que Marlene me servia. Até cheguei a passar perto do edifício de luxo nos ermos do Junco - sem um ficus-benjamim por perto -, onde vivia. Como não avisara, não me aventurei a subir para rever o casal. Ele havia cometido o erro de deixar a casa dos pais, na

Praça da Boa Vista (acho que hoje é Vicente Arruda), onde nasceu e morou desde criança, por causa do barulho das atividades esportivas das alunas do Colégio de Sant'Ana. - *Galho velho não se muda*, dizia meu pai. Foi para suntuoso apartamento, distante de tudo o que lhe era familiar, ele, que morou a vida inteira no Centro. Ia ao Banco do Brasil a pé, passando pela loja do Gutemberg Rios, a Farmácia Santa Rita, do Edward Dias, o Beco do Cotovelo e tudo o mais.

Agora vive longe. Passou, porém, o último dia de sua jornada pelo planeta, o do velório, na velha casa que era toda a sua biografia. Foi embora o amigo Luiz, que me dava atenção ainda na década de 50, quando era ele caixa da Sorveteria Ceará, do irmão Edmundo, vizinha ao armazém do Brisamar Azevedo, e eu um fedelho, curioso do mundo. Para bem situar a sorveteria, ficava ela vizinha ao prédio de esquina onde hoje funciona o Café Jaibara, *point* inescapável de quem passa pelo Beco do Cotovelo.

## Que calor!

Apesar de sobralense, não gosto de calor. Qualquer dia, volto à terrinha para ver se, depois do almoço, consigo ir d'O Louro até o hotel sem morrer torrado na rua. Dizem que lá os termômetros chegam a marcar quarenta e quatro graus. Aliás, o País todo está pegando fogo. É oportunidade para recordar.

Lembro que o momento de maior calor que senti na vida foi numa tarde em Madri. Havia encarado com fé uns mariscos e, decerto, bom vinho. Saí à rua e passei mal. Nunca havia sentido aquilo. Não

encontrei táxi, pois era a hora da *siesta*. Nem prédio com ar-condicionado onde me pudesse homiziar. Todos dormiam, até os motoristas de táxi. Dava vontade de morrer, de deitar no chão para ser cremado. Tal saída desesperada pareceu-me inviável. Terminei sobrevivendo para contar a história.

Pior que isso só uma madrugada no Iraque. Chegamos a Bagdá quase de manhãzinha. Trafegamos por suas ruas, vendo as famílias que dormiam em cima das casas sem telhados, fugindo da canícula. Ao chegar ao *Melia Hotel*, vivi a emoção de estar no Éden. Ali, entre o Tigre e o Eufrates, fora o Paraíso. Caí na besteira de abrir a porta externa do apartamento. De lá de baixo, das entranhas da terra, veio um bafio quente, uma onda de calor que me desesperou. Fechei a porta correndo, com pena de Adão e Eva, que não conheceram o ar-condicionado, o sorvete nem a cerveja gelada.

Pior ainda foi certo dia em Sobral, depois do almoço. No Félix ou no Chicão? Não me lembro com exatidão. Subi ao Opala do José Maria Soares, que a essa época não possuía ar-condicionado, e concitei-o a me mostrar o bairro da Colina, que o padre Zé implantara. Arrependi-me. O inferno deve ser mais ou menos daquele jeito. Foi talvez o instante de maior calor que meu corpo experimentou, nesses sessenta e tantos anos que perambulo pelo planeta.

## **Praça de São João**

**E**ra menino. Não brincava na praia como Casimiro de Abreu. Não! Tentava, na Praça de São João, em Sobral, espancar os mosquitos que inves-

tiam vorazmente contra nós. Estávamos sentados na calçada do sobrado do bispo, depois pomposamente chamado de Palácio Diocesano, curtindo a brisa do Aracati, repassando as novidades do dia, ouvindo músicas do serviço de alto-falante Imperador, de Falb Rangel, instalado numa coluna da Praça da Ema, aquela freqüentada por brancos e ricos. A outra ficava ao lado da Igreja do Menino Deus. Era onde pretos e pobres passeavam. Os locutores eram Joza Lopes, irmão de D. Expedito, e o já boníssimo José Maria Soares. Segundo as lendas, Joza se esbaldava nos Carnavais. Ao final de um deles, Quarta-Feira de Cinzas, depois de fervoroso culto a Baco, quebrou a unção e a gravidade da hora, sapecando no ar *A Mulata é a tal*. Ante o desrespeito, o bispo D. José ficou bravo da vida. No primeiro rompante, quase excomungou Joza e José Maria. Depois, passada a emoção, os perdoou, como era do seu feitio.

Logo mais sou adolescente. Tímido adolescente, atormentado pela falha capital de não saber dançar. Estou na Praça José Saboya, onde fica a Coluna da Hora. Portando várias anáguas farfalhantes sob as saias, naquele calorão, as moças passeiam expostas à avaliação, à curiosidade e ao exame dos futuros namorados, noivos e maridos. Entre elas estava, seguramente, a menina dos olhos bonitos, doce miragem de quem, sequer, procurei me aproximar, tão tímido era. E bem o queria. Muitas e muitas décadas depois, revendo os retratos de formatura do Colégio Sant'Ana, vislumbrei aquele rosto tão venerado. Perguntei, por ela à freira que me ciceroneava.

Ouvi a resposta cruel: - *Bota mais 30 anos por cima.* Hoje seriam 37. Nenhuma ilusão dura tanto.

Decerto passeava com as primas, com quem morava, aquela coisinha fofa, branca, loura, que tinha um vestido azul, que nós chamávamos *Blue Gardênia* e que casou com outro. Revi-a no Náutico anos depois. Trajava vestido branco de rendas e trazia marido, que nunca fui eu. E talvez o quisesse.

Ou então a morena de rosto sardento. Lindas sardas! Eu as adorava. Para vê-las, passava 10 vezes por dia à frente de sua casa. Por ela gastei muita sola de sapato. Em vão. Até que, certa vez (o *footing* agora era na Praça Monsenhor Linhares, detrás da Igreja do Rosário), criei coragem e a abordei. Negativo. Ela explicou por que não podia namorar comigo. Sabem por quê? Tinha compromisso. Com rapaz de fora, que estudava para o Banco do Brasil. Doe. Como doe! Tem sido, porém, sempre assim. Trocou-me por uma larva, uma expectativa, um projeto de bancário. Eu, que a esse tempo não deixava por menos, só aceitava a presidência. O tempo passou. Tudo passa sobre a terra. Até nós. E as mulheres que nos ferem com desamor. O rapaz não honrou o compromisso. Ao invés de fazer o concurso, morreu, fórmula radical de desfazer um noivado. Muitos amores depois, encontrei-a na Sorveteria *Top's*, vizinha à Casa Parente. (Já não existe a *Top's*. E ela? Ainda existirá? Só sei de mim, o perdedor, que estou aqui pra contar a história). Ao rever aquele rosto, antigamente adorado, aquela mulher que me premiara com seu desdém, não resisti à surpresa. E lhe indaguei, sem nenhuma intenção de rudeza: - *Como pude ser tão apaixonado por ti?*

Como ia dizendo, estou na avenida, aos fundos da Igreja do Rosário, ali próximo aos bares Cascatinha e Antártica. As moças continuam a passar, com seus vestidos joviais, suas múltiplas anáguas. Algumas nos olham. São as que não queremos. Outras não. Com freqüência, daríamos tudo pela esmola de um olhar.

Volto à Praça José Saboya. Num de seus sobrados centenários, estão assentados os alto-falantes da Rádio Iracema, onde pontifica José Maria Soares, onde trabalhou José Rangel. Há muito romantismo no ar. Em mim. Naquela noite, que não se extraviará no olvido, o rádio toca *Valsa Velha*. Toca *O Realejo*. E, por fim, *Linda Suburbana*, de Orestes Barbosa.

Em fins de 1955, ano em que o marechal Henrique Lott atalhou o golpe udenista, vim para Fortaleza. Fora um ano cheio. Campanha de Juscelino. Entrara fundo na briga pelo controle do Centro Estudantil Sobralense. Ajudara a fundar dois jornais. Acho que um foi *o Idealista*, com João Alberto Mendes Bezerra. O outro, *O Clarim*, com Aldo Melo. Estava a mil.

Assim, quando volto os olhos pra trás, digo: - *Sobral não é uma cidade. Sobral é uma saudade, chorando baixinho em mim.*

## Os doze do Beco

Já não são treze rapazes e moças os filhos de *seu Costa* e de dona Dolores, criados todos em Sobral e saídos do Beco da Piedade, em Fortaleza, para o mundo. Morreu Alberto Lustosa.

Quando crianças, morando no sobrado do bispo, havíamos perdido um irmão: era o Elcias, logo substituído por outro com o mesmo nome, ex-repórter do *Correio Braziliense* e da *Folha de S. Paulo*. Morrera antes do fim da guerra, de infecção não identificada, devido à falta de penicilina, que não chegara ao norte do Ceará. Mal acabou de expirar, meu irmão Alberto indagou a seu Costa: - *Papai, será que posso beber o resto do guaraná dele?* Referia-se ao guaraná *Champanhe*, fabricado no Sul do País, o qual, a essa época, se comprava especialmente para os doentes. Ainda me lembro bem do pranto que uniu minha mãe e dona Honorina Passos, madrinha do falecido. Outro fato que não esqueci foi seu enterro, acompanhado por meus colegas do Educandário São José.

Tímido, vivia eu maltratando as máquinas de escrever do escritório do IAPC, enquanto Alberto e Parsifal, mais audaciosos, desapropriavam temporariamente jumentos alheios, que levavam às margens do açude Cachoeira, onde ficava nossa casa de campo, a fim de poderem realizar expedições ao alto da Serra da Meruoca - a Petrópolis sobralense -, local onde os ricos possuíam casas de veraneio, para roubar mangas e cajus. A ousadia era tanta, que não hesitavam em levar os irmãos menores, Paulo e Elcias, para participarem de tais aventuras e, até, atravessarem de canoa o açude, o que, àquela época e para a idade deles, era extremamente perigoso. Quantas vezes correram o risco de levar uma pedrada ou um balaço perdido dos caseiros que cuidavam dos sítios nos quais iam colher goiabas!

O sobrado do bispo também foi palco de outro grave momento. Lá, nossa empregada doméstica pôs fim à vida, por ter engravidado. Tentara, primeiramente, livrar-se do indesejado com a ingestão de vários tipos de *garrafada* – medicamento popular preparado com ervas diversas, depositadas numa garrafa com líquido, cujo conteúdo é tomado seja como remédio, seja como abortivo. Tudo em vão. Por fim, decidiu fugir à vergonha de ser mãe solteira, tomando veneno. Ainda posso escutar seus patéticos gemidos, no estertor, desesperada para escapar da morte, que a colheria na *Santa Casa de Misericórdia*.



## ICONOGRAFIA



*A população de Sobral, por meio de seus elementos mais representativos, prestou ao Revmo. Pe. Palhano uma calorosa manifestação de desagravo e apreço*

Às 18 horas de segunda-feira passada, reuniu-se no Cine-Rangel o escol da sociedade sobralense para prestar ao Revmo. Pe. José Palhano de Saboia uma justa homenagem de desagravo a propósito das injuriosas referências de que S. Revma. foi alvo por ocasião do lamentável caso da detenção da Imagem Peregrina em Crateús.

Esteve à cunha o vasto recinto do Cine-Rangel, sendo a sessão presidida pelo Excmo. Sr. Bispo Diocesano que foi ladeado pelo Sr. Prefeito Municipal e pelo Sr. Eduardo Sanford, Presidente do Legislativo Municipal. Fez parte da mesa o Vereador José da Mata, da representação da Câmara dos Vereadores, o Tent. Representante do Delegado Regional.

Estiveram presentes 24 sacerdotes. A Rádio Iracema de Sobral transmitiu todas as solenidades.

Inicialmente tomou a palavra o Ilmo. e Revmo. Monsr. José Osmar Carneiro que proferiu bem elaborado discurso dizendo da finalidade da sessão e hipotecando irrestrita solidariedade ao digno homenageado, em nome do Clero Diocesano.

O Prof. Sr. Antonio Ferreira Porto foi o segundo a ocupar a tribuna levando em nome do povo sobralense uma mensagem de estima e apreço ao Revmo. Pe. Palhano.

Falou em terceiro lugar o Revmo. pe. Sabino Loiola igualmente solidarizando-se ao desagravado em nome do Seminário Diocesano. S. Revma, sobretudo ressaltou a falta de senso de responsabilidade dos que criando, por imprudência ou irreflexão, uma situação de todo digna reprovação, pretenderam lançar sobre o Revmo. pe. Palhano a culpa da mesma penosa atitude.

Em nome dos operários sobralenses discursou José Wilson Brasil dizendo do respeito e acatamento que merece o sacerdote católico, protestando ao mesmo tempo inteira solidariedade ao homenageado.

### **Com a palavra o Rvmo. Pe. J. Palhano**

Ao uso livre da palavra, ocupou o microfone da Rádio Iracema, no palco do Cine Rangel o Revmo. Pe. Palhano que em aplaudido discurso entrecortado de estrepitosas salvas de palmas, agradeceu ao Revmo. Monsr. Osmar, testemunha ocular dos acontecimentos. A iniciativa daquela conhortadora demonstração de solidariedade, e às Dignas Autoridades e ao povo a alta distinção de se fazerem presentes a tão espontânea homenagem.

“Está conforme o original”

Encerrando a magna sessão, o Exmo. Sr. Bispo usou da palavra fazendo saber que jamais atribua ao piedoso povo de Crateús a lamentável iniciativa de detenção da Imagem Peregrina. A espíritos desavisados que se constituíram instrumento do demônio para perturbar a peregrinação sobremodo elogiada pelos Revmos. Padres da piedosa comitiva, é que se poderia atribuir tão desastrosa e lamentável interferência de pessoas incompetentes.

S. Excia. relatou ainda as palavras do Revmo. Pe. Demoutiez historiando os acontecimentos de Crateús e acentuando que a responsabilidade dos mesmos cabia única e exclusivamente às autoridades locais.

Em referência aos pesados insultos e grosseiros baldões com que pretendiam alguns, atingir a honorabilidade do pe Palhano, disse S. Excia. que só o desprezo nos competia dedicar.

Lembrou que tais escritos sob todos os pontos de vista, detestáveis poderiam muito bem ser estigmatizados com um simples “*Concorda com o original*” proferido outrora pelo Pe. Joaquim Severiano, de Saudosa memória, como alguém há de recordar...

Com as palavras de S. Excia. encerrou-se a brilhante sessão de homenagem dos sobralenses ao Revmo. pe. José Palhano de Saboia.

Ext. do Correio da Semana - 5/11/53

## *Nota da autoria do brilhante intelectual Wilson Vieira, lida na Radio Gracema de Sobral, a 25 do corrente*

Não pude ouvir o discurso do Pe. Palhano e nem os dos demais oradores – inclusive do Exmo. Bispo desta Diocese, porque infelizmente não me foi possível comparecer à sessão na qual o povo, as autoridades e o clero sobralenses manifestavam a seu protesto contra os abusos das autoridades da cidade de Crateús.

Perdi os depoimentos notáveis de todos que se manifestaram, como também a audição direta dessa sentença filosófico-jurídica que brotou dos lábios de Ferreira Porto: O CENSO DE EQUIDADE É INCOMPATÍVEL COM A ARBITRARIEDADE E A VIOLÊNCIA.

Graças, porém ao meu amigo José Maria Soares, Diretor desta Emissora, acabo de ouvir gravados em fita magnética o depoimento de Pe. Palhano e a palavra abalisada, paternal e objetiva de nosso preclaro Bispo e de ler os discursos de Monsenhor José Osmar e António Ferreira Porto.

De tudo se afere, que os acontecimentos verificados em Crateús, culminados afinal com a prisão de Nossa Senhora de Fátima, estão hoje descritos com mais documentação e com maior clareza.

A acuação contra o Pe. Palhano é uma válvula de escape ao julgamento popular que tiver de examinar os fatos na sua essência, tais como decorreram naquela cidade.

Fez-se, pois, em Crateús, um atentado à Constituição Brasileira, que faculta a liberdade de culto, assegurando a sua manifestação sem impedimentos de qualquer natureza.

Mesmo que se não tratasse da Santa de Fátima, com a sua tradição histórica, cuja imagem despertou nas multidões o desejo de retornar a Cristo: mesmo que se não tratasse da crença católica e procurassem realizar budistas ou maometanos um culto de igual natureza – não poderia qualquer juiz brasileiro cometer a desordem de impedir a sua livre locomoção dentro da terra Pátria.

Nem juizes, na sua qualidade de autoridades judiciárias e nem o Presidente da República na sua qualidade de chefe supremo do executivo nacional.

Somente D. José, que traçou o programa a ser executado na Diocese de sua jurisdição eclesiástica, poderia de vontade própria, alterá-lo sob qualquer pretexto.

Essa liberdade de culto, e de crença, desposada pela nossa Carta Magna em nome da democracia, é a concretização da equidade, como princípio da ordem constitucional.

Ou seremos livres, ou seremos escravos.

Erra, pois, grandemente o Juiz, que uzar do arbítrio excessivo, do abuso da autoridade, para tolhimento dessa liberdade assegurada, como aconteceu na cidade de Crateús.

Cabia, no caso, um pedido de “habeas-corpus” – fato que seria sui-gêneris na história universal requerido para a livre locomoção, da imagem de Nossa Senhora.

Cabia, ao ser negado esse pedido, um Mandado de Segurança, impetrado contra o ato injusto, ilegal e arbitrário do Juiz de Crateús.

Mas estes não são os desígnios da Providencia.

O povo sobralense e de toda a Diocese de Sobral representada na sessão do dia 23 do corrente, já manifestaram a sua repulsa, o seu protesto e a sua inconformação contra tal atitude, já positivando nisso a defesa dos direitos de Deus em terras brasileiras.

Vinga, pois, com toda a força da sua explanação, a sentença viva, inspirada e concreta dêsse bravo Ferreira Porto, que resume todo o caso na apreciação do direito da igualdade.

“O SENSO DE EQUIDADE É INCOMPATÍVEL COM A ARBITRARIEDADE E A VIOLÊNCIA”.

Esse princípio de razão jurídica, ansiado por todos na marcha dos séculos, já se faz vivo entre nós, com a emancipação democrática, que já veio ao encontro do caso e já o resolveu, assegurando a Nossa Senhora de Fátima a mesma liberdade de locomoção.

Realiza-se, pois o primeiro milagre de proporções magníficas perante as autoridades que nos governam:

A mãe de Deus não pode ser impedida no seu trajeto pelo mundo.

Não serão as mãos daqueles que manejam a violência, tão potentes que possam ir de encontro à pureza da Santa.

Receba, pois, o Pe. Palhano que repeliu na íntegra o vitupério almejado, protestando contra os abusos do Juiz de Crateús, a minha irrestrita solidariedade.

O pseudo Tribunal, como afirma D. José – não pode julgar contra as coisas exatas.

Daqui repito, por achar excelente, aquela frase de D. José, contra o doesto verificado, terminando o seu discurso:

– ESTÁ CONFORME O ORIGINAL...

### **Discurso pronunciado pelo Pe. José Palhano na magna sessão em solidariedade a sua pessoa no Cine Rangel e que foi gravado pela Radio Iracema de Sobral**

“Preferiria calar neste momento, para dest’arte melhor exprimir o que experimento neste instante. Mas já que não me posso furtar da obrigação de patinear de publico o meu agradecimento, o faço não só cheio de emoções, mas com grande alegria.

Assim é que em primeiro lugar quero agradecer a V. Excia. Exmo. Sr. Bispo.

Si nada houvesse sido feito, si nada houvesse sido dito, bastaria por si só a presença de V. Excia. neste recinto para fazer ruir por terra tudo quanto intentos incofessáveis e sentimentos subalternos hão querido levantar contra mim. A V. Excia. o testemunho de minha filial gratidão.

Ao Exmo. Mons. Vigário Geral, não encontro palavra que possam traduzir o meu reconhecimento. V. Revma. foi testemunha ocular de tudo quanto se passou. Quero apenas declarar que V. Revma. é meu amigo, e nisto veja sintetizada toda a minha gratidão.

Ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal e demais autoridades que se dignaram honrar com suas presenças esta reunião trazendo-me assim o conforto moral e sua solidariedade, o testemunho não apenas da minha admiração mas também do meu reconhecimento.

Aos meus caros irmãos no sacerdocio desta cidade e de toda a Diocese aqui presentes ou seus representados devo dizer: as vossas presenças para mim têm um grande significado: vistes solidarizar-vos com este vosso humilde colega que já por algumas vezes o odio e o despeito a Cristo o arrastaram às torturas da infamia e da calunia. E em contemplando as vossas pessoas vislumbro a frente de muitos de vós cingidas com coroas de louros da vitória. E isto me estimula a olhar sempre para o alto e faz me lembrar daquelas palavras de N. S. Jesus aos seus discipulos: – “se me odiaram, também haverão de odiar a vós; si me perseguiram, também haverão de perseguir a vós; se me caluniaram, também haverão de caluniar a vós” – et Jesus autem tacebat – Este é o silencio triunfal, silencio que longe de prejudicar, tornará publicamente manifesta a todas as gerações a nossa inocencia que não carece de defesa.

Queremos que o mundo, que nos persegue e calunia, fique sabendo que nós sacerdotes teriamos uma grande alegria, si um dia podessemos inclinar sobre o peito do nosso maior tremendo caluniador e detrador, ouvir-lhe a sua ultima palavra de arrependimento, perdoar-lhe e introduzi-lo no reino da Gloria.

Aos oradores, Mons. José Osmar, a quem já agradecei, Revmo. Pe. Sabino Loiola, Professor Porto, e Sr. José Wilson com a minha amizade os meus sinceros agradecimentos.

E agora aos meus caros conterraneos de Sobral, permitam-me que os trate desta maneira, pois si não nasci realmente aqui, porquanto por destino do acaso vim de nascer na simpatica e ordeira vila de Ibiapaba que fica sobre a serra Grande, já se limitando com o visinho estado do Piauí, em todo caso com um mês e pouco dias de nascido vim para

Sobral, aqui cresci, aqui me eduquei, e aqui me formei e graças a Sobral, hoje sou o que sou, sacerdote. Portanto, perante a Nação sou Sobralense para todos os efeitos/ E o sou não só de direito, mas sobretudo de coração. E isto além de ser uma honra para mim, muito me conforta, sobretudo depois que Sobral por suas autoridades e seu povo para exemplo do Ceará, soube com uma delicadeza de atitudes e nobreza de sentimentos, prestar a N. S. de Fátima aquela inesquecível e apoteótica recepção. E aos pés de Nossa Senhora de Fátima peço permissão para depositar esta manifestação de desagravo, para, primeiro, assim como eu a acompanhei pelas paróquias desta diocese, assim Ela também me acompanhe e proteja durante o restante de minha vida, afim de que quando se aproximar os meus últimos instantes, possa, a exemplo de São Paulo, olhar para traz, como ainda hoje o posso fazer, e exclamar "Grata Deí in me vacua non fuit et cutaum consumavi". Para que com a proteção de N. Senhora eu seja sempre um sacerdote conforme o Coração de Jesus. Em segundo lugar, para que Ela, que é a Onípotencia suplicante, e a Medianeira de Todas as graças, alcance do Seu Divino Filho, N. S. Jesus Cristo, o perdão para todos aqueles que vêm de afrontar a sua justiça divina, porquanto Cristo é o justíssimo vingador de seus ministros; e lhes conceda o perdão, porquanto eles não sabem o que fazem. Nolite fangere Christos meos. Ai de quem tocar nos meus ministros! A todos que aqui vieram, o meu muito obrigado.











*Dom José, ao lado de seu secretário padre Palhano, recebe o chefe do integralismo no Brasil, Plínio Salgado, acompanhado do vereador de seu partido em Sobral, Partido de Representação Popular, João Anastácio Dias*



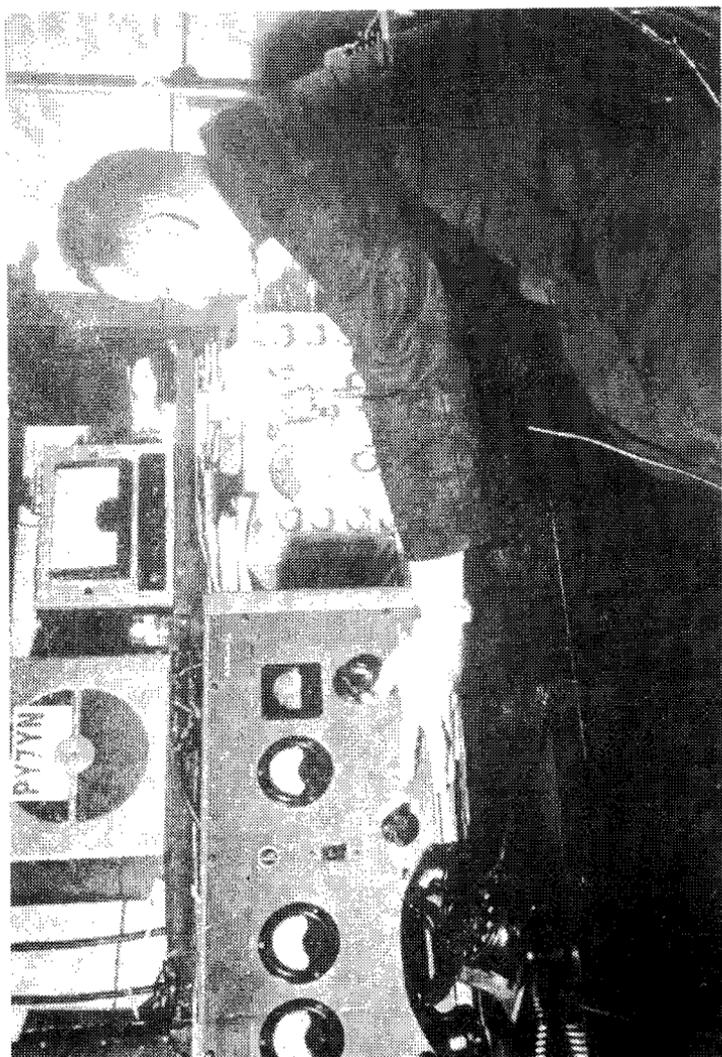






*Padre Palhano, com a faixa da batina jogada sobre o ombro esquerdo, conversa com os correligionários, deputado João Frederico Ferreira Gomes e o empresário Cesário Barreto, seu aliado, depois feroz adversário*





*Padre Palhano foi o primeiro radiocamador de Sobral*



# A VERDADE SOBRE O CASO DE CRATEU'S

A AÇÃO, órgão oficial da Diocese do Crato, em sua edição de 15 de Novembro de 1983, Ano XIV N° 622 publicou o seguinte:

## A Detenção da Imagem Peregrina Mundial em Crateús foi acintosa, injusta, e desumana!

“O Juiz da Direita, o prefeito, o promotor, o delegado, o gerente, do Hotel do Brasil etc combinaram dar a imagem na cidade por tempo maior do que programado numa acintosa afronta ao Excmo. Sr Bispo Dom José Tupinambá do Brasil”.

“... Houve esperança de que tudo fora resultado da ardente piedade popular. No entanto a detenção da imagem deu-se por uma combinata oculta de inimigos da fé, impios e comunistas, para melhor passaram, justificavam-se como defensores da devoção popular a Nossa Senhora de Fátima”.

“O Juiz José Olavo Frota, é maçom e já foi preso como comunista, tem uma má reputação que lhe adveio depois que escreveu um artigo de saforados contra o Padre J. Severiano”.

“Em toda esta dolorosa fase de desilusão e esperanças suspensas notou-se no povo de Crato uma grande força de alma em suportar os sacrifícios, ao pat de um justo descontentamento contra a acintosa, injusta e desumana atitude das autoridades colucientes, e de um razoável desejo de que os sumos representantes do Poder Estadual imponham uma aquietiva punição a tão grave e desrespeitoso delito”.

## Faltaram à verdade as autoridades e comissões de Crateús!...

Cópia do telegrama apócrifo e mentiroso passado para independência, que bem revela a pequenez e falta de ombriedade das autoridades de Crateús em querer responsabilizar o Pe. Polhano pela prisão sacrilega da Nossa Senhora de Fátima:

Crateús 10—Urgente Pe. Jacques Independência—Em virtude da justa revolta da população desta cidade comunicamos que o Pe. Demoutiez autiza que a Imagem peregrina em cidade esta parta amanhã das 6 horas Respeitados senhores Juiz de Direito Prefeito Municipal Delegado Especial e Promotor.

## A historia se escreve com fatos e não com mentiras e calúnias:

### Entrevista do Pe. Demoutiez ao OPOVO de 12 Novembro n.º 7969

... Encontrei-me com o Juiz que me afirmou que a imagem só estaria de Crateús no dia seguinte. Disse-me que o Sr. Juiz estava brincando, e ainda declarou que isso não era possível por causa dos compromissos em outras cidades. O Juiz e as autoridades presentes disseram que a comissão era falsa, mas surreal e que o altar estava limpo e as coisas intactas. Inclusive o campo de arfocido.

Arreventei que nada podia resolver. Alegaram que a imagem havia permanecido três dias em Sobral, e perguntaram se eu queria ir. Portanto poderia também permanecer em Crateús. Depois de acenitido comuniquei-me ao Sr. Pe. Falbá:

... que estava em Independência. Esse conferenciado com as autoridades locais locais, procurando demarcar o gado assinado, mostrando as consequências que adviriam com a permanência da imagem até o dia seguinte naquela cidade.

As argumentações de D. Raimundo do Espírito Santo, pelo o Juiz e seus compromissos relatou em Sobral.

Misra então que diante de incidentes similares semelhantes, só teria um caminho a seguir: a interceptação e perseguição pelo inferior curaçao, porque o procedente era demasiado português e poderia ser limitado em outras localidades.

## Agora respondem: COM QUEM ESTÁ A VERDADE!

BBC de Londres comentando a ocorrência de Crateús, declarou para o mundo

## “Um Juiz monstro infelicitando um povo!!!” RI MELHOR QUEM RI POR ULTIMO...

*Jornal católico da época relata a prisão da imagem de Nossa Senhora de Fátima, em Crateús*





*Reunião, realizada provavelmente em Fortaleza, de que participam o padre Palhano, ao microfone, sentados o ex-senador Plínio Pompeu, o candidato ao governo do Estado, coronel Virgílio Távora, um visitante e o bispo, D. José*



## Aos Católicos da Diocese de Sobral

Deante das explorações infundadas, dos políticos inescrupulosos segundo a qual teria o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Dom Mota condenado a candidatura do **Pe. Palhano** para **Deputado Federal**, a bem da verdade em nome de Sua Exce-  
lência venho desmentir tais notícias, e declarar que todo o clero votará no Pe. Palhano, exemplo que deverá ser seguido por todos os católicos para que assim possamos ter na **Câmara Federal uma voz** para defender a Igreja, combater o Comunismo e o Divórcio.

Sobral, 4 de Outubro de 1962

**Pe. Francisco Sadoc de Araújo**  
Chanceler do Bispado de Sobral

*Documento, escrito pelo padre Palhano, distribuído em Sobral e toda a zona norte, para contrariedade do bispo D. João Mota*



# O Dêdo de Deus! **CASTIGO**

---

O CHEFE do **PTB** de Sobral afirmou no imundo artigo que assinou contra o **PADRE PALHANO** no "ESTADO" de domingo, 5 do corrente:

**"pressinto que UM DOS DOIS está sobrando"...**

DEUS que conhece os homens e governa a humanidade pegou o homem na própria palavra.

**FOI A BRASÍLIA PARA MATAR O PADRE E LÁ MORREU** inesperadamente poucos dias depois.

Não se tem notícia de um **MAIOR CASTIGO!** Meditemos.

Que o conhecido sobrinho de **DEOLINDO BARRETO**, autor dos pixamentos e insultos contra o **PADRE** vá logo pondo as suas barbas de mólho.

## **Com Deus ninguém brinca...**

Aconselho o mesmo a relêr o jornal "A LUCTA" de 28 de Junho de 1924-ANO XI NUM. 714.

*"Ai de quem tocar nos meus Ministros"* são as infalíveis palavras de Deus.

## **UM CATÓLICO**

*Volante, distribuído pelo grupo político do padre Palhano de Sabóia, logo após a morte do deputado Francisco de Almeida Monte*





*O candidato à presidência da República, Jânio Quadros na casa de José Ferreira Gomes, festejado por crianças sobralenses, recebe um sorridente padre Palhano*



## Repto ao Revmo. Pe. Sabino Loyola

Tendo V. Revma. afirmado às 19 horas do dia 4 do corrente ao microfone da amplificadora instalada na praça São João, ser eu reconhecidamente comunista, tão somente por participar da nacionalização da Exploração do Petróleo do Brasil, venho instar que V. Revma. também de público, apresente os fatos comprovatórios, as provas jurídicas, ou os documentos que atestem a verdade de sua afirmativa, pois não tenho outros compromissos além do que mantenho com o diretório das famílias Gomes Parente-Ribeiro da Silva-Ferreira Gomes.

Desejo esclarecer que nesta minha atitude não há nenhuma hostilidade à sua dignidade sacerdotal, tratando-se apenas de um repto, de cidadão para cidadão.

Tendo em toda minha vida profissional e privada a preocupação de trazer a verdade acima de tudo e a sinceridade por lema, não poderia por motivo algum ser indiferente às suas afirmativas que provadas estariam em desacordo com a minha situação de oficial do Exército Brasileiro.

Posso ostentar uma folha do serviço com mais de uns vinte elogios pessoais dados pelas mais altas autoridades e três medalhas ganhas numa luta em prol da Democracia, das Liberdades, e por um mundo melhor. O Estado Maior de nosso Exército não cogitou na organização da F.E.B. de saber da cômica política de seus membros, combati ao lado de democratas, comunistas e até mesmo de integralistas, que se penitenciavam de suas antigas idéias. Quero com isto dizer que em todos os partidos e ideologias existem sinceros patriotas, aos quais não pode ser negado o direito de defender a sua pátria quando isto se fizer necessário e como um espírito cristão não deve reter um rancor, hipoteco-lhe minha consideração e respeito.

**TUDO PELO BRASIL!!! TUDO PELO PETRÓLEO!!!**

Sobral, 6 de Agosto de 1948.

*(a) José Leôncio Pessoa de Andrade*



# «Abutres, habituados a assacar contra a honra alheia, abreviaram a vida de CHICO!»

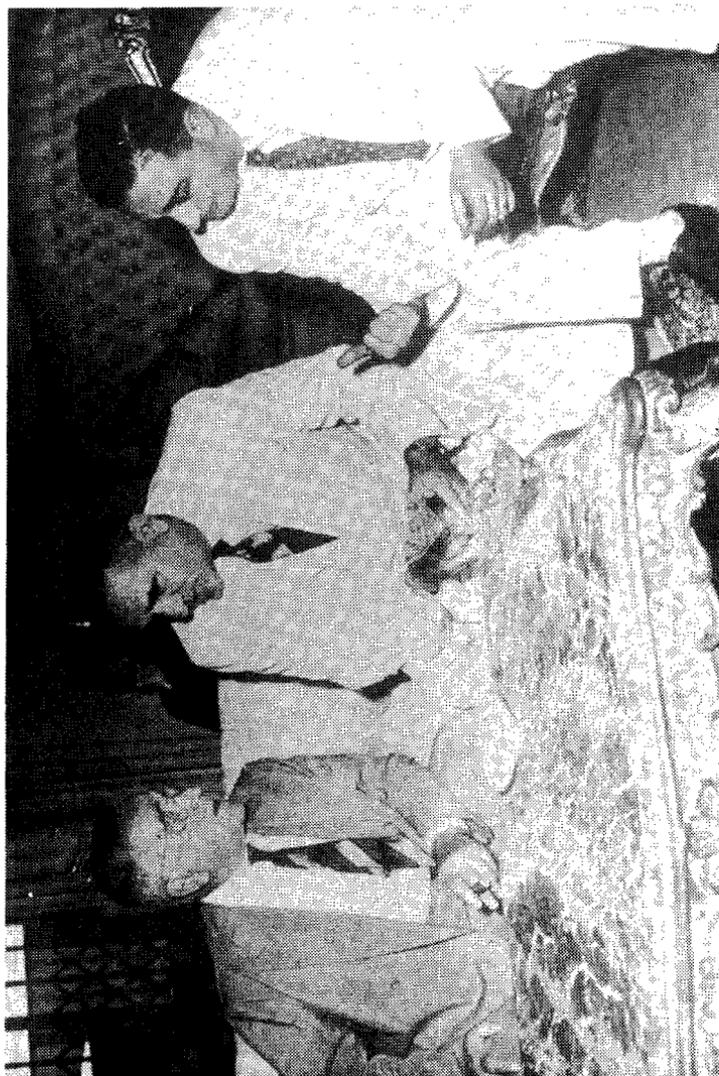
---

Explode, na Câmara, o deputado Clemens Sampaio: «Os mesmos lanterneiros, as mesmas aves de rapina, passando a enxovalhar a honra e a dignidade de um homem público, conseguiram abreviar a vida de mais um companheiro nosso, que antes confessava a dor que sentia por não poder reagir contra êsses infames caluniadores, contra êsses profissionais da mentira, contra êsses monstros que aí estão»

Transcrito do O Estado de 19 Marco de 1961

*Volante atribuído ao grupo do governador Parsifal Barroso,  
reproduzindo discurso sobre o desaparecimento de Chico Monte*





*Getúlio Vargas recebendo Carlos Jereissati e Chico Monte*



Padre José Pathano Sabóia,

Tendo vindo daí, inesperadamente, por motivos imperiosos, sai preocupado com o clima de desassossego e revolta, causado pelos seus programas de Rádio.

Dias antes, acompanhado por Mons. Joaquim Arnóbio de Andrade, Vigário Geral, tinha ido à residência de Mons. José Aluísio Pinto a quem pedi, oficialmente, que solicitasse moderação nos pronunciamentos, evitando referências desalrosas a autoridades eclesiológicas e as injúrias graves assacadas a sacerdotes do nosso Clero.

Sempre esperando que os conselhos amigos e administrações lhe ensinassem o caminho a seguir, como padre de nossa diocese não cheguei a tomar outras medidas cabíveis que o Clero e o Povo esperavam da autoridade diocesana.

Comuniquei agora o Revmo. Vigário Geral o agravamento da situação, levando o Conselho Presbiteral a se reunir, extraordinariamente, e pedir providências urgentes, sugerindo-me aplicar a pena de suspensão "a divinis".

Tendo rezado e consultado minha consciência episcopal, vejo-me obrigado a fazê-lo aplicado ao cânon 2355, com as consequências previstas no cânon 2279 § 2.º.

Can. 2355. "Si quis non re, sed verba vel scriptis vel alia gravis calumnia calumniam irrogaverit vel eius bonam famam laecerit, non solum potest ad notam can. 1613, 1938 cogi ad debitam satisfactionem praestandam damnaeque reparanda, sed praeterea congruis poenis et poenitentii puniri, non exclusa, si de clericis agatur et casus levis, suspensione aut remotione ab officio et beneficio".

Can 2279 § 2.º "A divinis" veluti omnem actum potestatis ordinis quam quis sive nec suam ordinationem sive per privilegium obtinet.

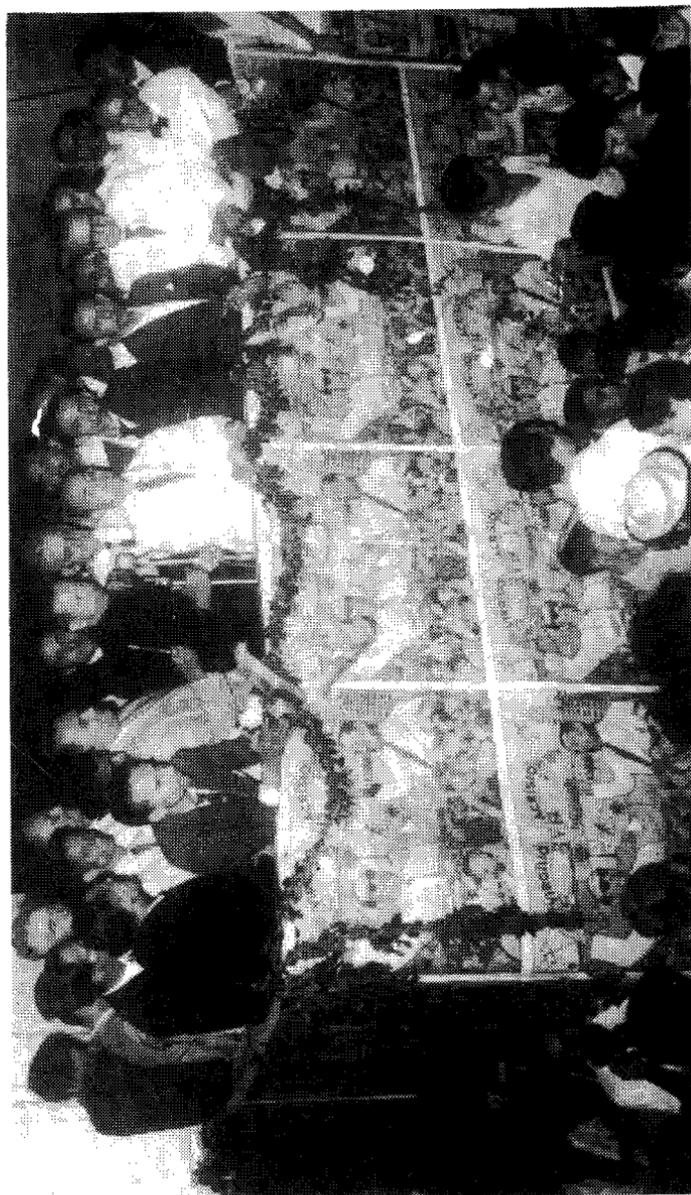
Declaro-o, portanto, suspenso de ordens, não podendo celebrar a Santa Missa nem administrar os sacramentos, até que, reconhecendo o seu erro, peça a absolvição desta censura.

Rogo ao Pai das Igrejas o faça refletir e beneficiar-se de sua misericórdia.

† Walfrido Teixeira Vieira  
bispo de Sobral

*Carta do bispo Walfrido Teixeira Vieira ao padre Pathano, suspendendo-o de ordens*





*Padre Palhano fala, em comício realizado em Sobral em 1958 ao lado do candidato a governador, coronel Virgílio Távora e do jornalista José Maria Soares*

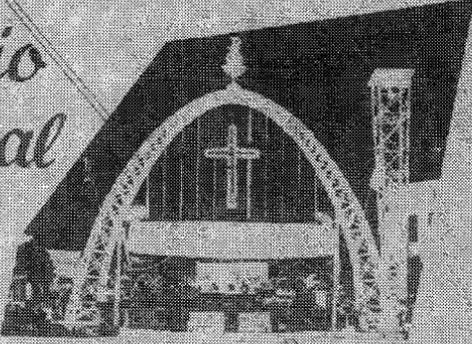




*O Núncio Apostólico do Brasil, dom Armando Lombardi e o padre Palhano de Sabóia, entre o Cardeal do Rio, dom Jaime Câmara e D. José, cortam a fita de inauguração do Congresso da Obra das Vocações Sacerdotais, em 1955. Ao lado do Núncio o italiano Rafaele Bennedeti e a seu lado o estudante Galba Aragão*



Realizando  
o "CONGRESSO"  
projetou Sobral no  
cenário  
nacional



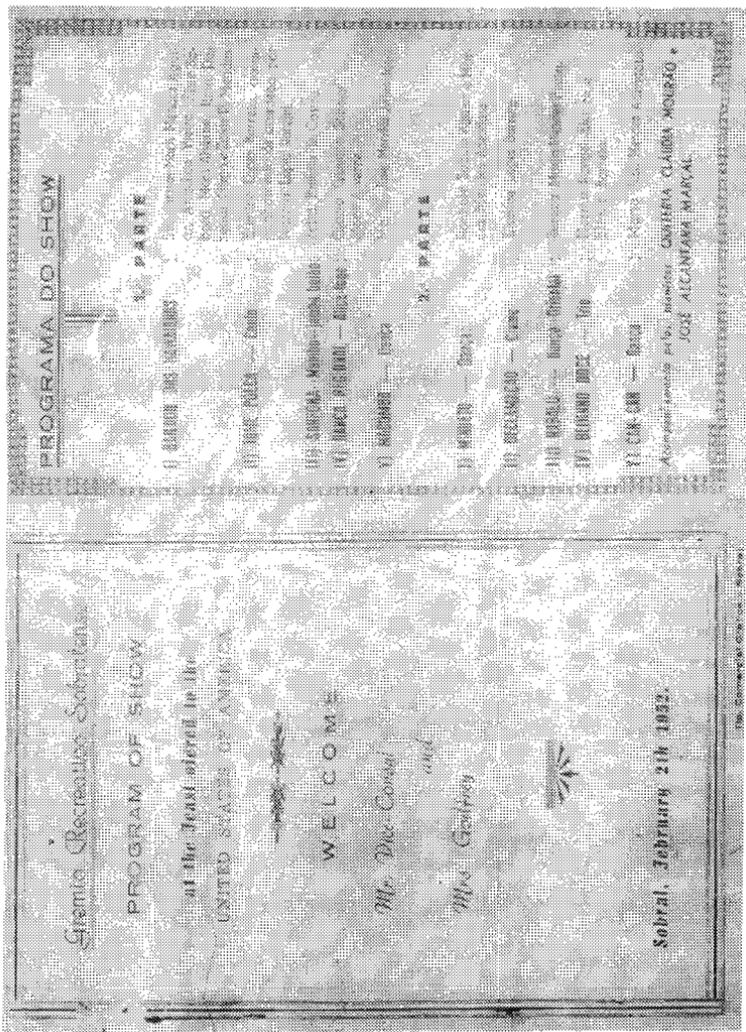
Muito mais  
o fará como  
seu PREFEITO



**Pe. PALHANO**

*Volante de propaganda eleitoral do padre Palhano, lembrando o prestígio que Sobral conquistou com o Congresso da Obra das Vocações Sacerdotais*





*Programa show que se realizou no Palácio Clube de boas vindas ao vice-cônsul dos Estados Unidos Mr. Godfrey e sua mulher*





*O jornalista Maria Soares transmite, por telefone, por a Rádio Iracema de Sobral, encontro do candidato a vice-governador Acrísio Moreira da Rocha com o Padre Palhano que passa um coco verde, presenciado por Dom José*



**JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Sobral, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Assistente ao Sólido Pontifício.**

**Aos que essa Nossa Portaria virem, saúde, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo.**

**Fazemos saber ao Exmo. Sr. Padre José Palhano de Saboia, Prefeito Municipal de Sobral, que no tempo devido solicitou e obteve Nossa plena aprovação sobre a sua candidatura e sobre a aceitação da mesma, porquanto sempre estivemos certos de que, nenhum outro cidadão poderia desempenhar as altas funções de Prefeito de Sobral, dadas as suas excepcionais qualidades.**

**Apraz-nos acentuar que nenhum outro sacerdote desta Diocese o igualou nas manifestações de dedicação, caridade insuperável, solidariedade para a Nossa Pessoa, o que nos faz seu credor da mais profunda gratidão.**

**Deus guarde sua Excelência o Senhor Padre José Palhano de Saboia, Prefeito Municipal de Sobral.**

**Sobral, 19 de Setembro de 1959.**

**†JOSÉ, Bispo Diocesano**

**L†S**

*Última expressão de afeto de D. José ao padre Palhano,  
datada de 19 de setembro de 1959, dez dias antes  
de seu desaparecimento*





Composto em **Tiffany Lt BT** e impresso nas Oficinas  
Gráficas da **ABC Editora**, no mês de julho de 2003,  
na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará — Brasil.  
Fone: (0\*\*85) 264-3540.





